

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Bianca Klein Schmitt

***Translatio studiorum e a cosmologia medieval***: um estudo de caso do Atlas Catalão de 1375

Florianópolis  
2021

Bianca Klein Schmitt

***Translatio studiorum e a cosmologia medieval***: um estudo de caso do Atlas Catalão de 1375

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Dias da Silveira

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schmitt, Bianca Klein

Translatio studiorum e a cosmologia medieval : um estudo de caso do Atlas Catalão de 1375 / Bianca Klein Schmitt ; orientadora, Aline Dias da Silveira, 2021.  
92 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. Atlas Catalão. 3. Translatio studiorum. 4. Cosmologia medieval. 5. Lua. I. Silveira, Aline Dias da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Ao primeiro dia do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um, às 10:00 horas, na sala por meio do ambiente virtual conferenciaweb.rnp.br, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof<sup>ª</sup>. **Aline Dias da Silveira** (Orientadora e Presidente); Prof. **Alex Degan** (membro); Prof. **Rodrigo Prates de Andrade** (membro), designados pela Portaria Tcc nº 22/HST/CFH/2021, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Bianca Klein Schmitt**, intitulado: "*Translatio Studiorum* e a cosmologia medieval: um estudo do Atlas Catalão de 1375". Aberta a Sessão pela Senhora Presidenta, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, ela prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof<sup>ª</sup>. **Aline Dias da Silveira**, nota **10**, Prof. **Alex Degan**, nota **10**, Prof. **Rodrigo Prates de Andrade**, nota **10**, sendo a acadêmica aprovada com a nota final **10**. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 8 de setembro de 2021. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo(a) candidato(a).

Florianópolis, 1 de setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente  
Aline Dias da Silveira  
Data: 01/09/2021 15:24:42-0300  
CPF: 899.016.810-49  
Verifique as assinaturas em <https://ufsc.br>

Prof<sup>ª</sup>. (Orientadora):.....



Documento assinado digitalmente  
Alex Degan  
Data: 01/09/2021 15:52:02-0300  
CPF: 269.404.488-37  
Verifique as assinaturas em <https://ufsc.br>

Prof. (Membro):.....



Documento assinado digitalmente  
Rodrigo Prates de Andrade  
Data: 06/09/2021 11:43:47-0300  
CPF: 070.620.199-09  
Verifique as assinaturas em <https://ufsc.br>

Prof.(Membro):.....



Documento assinado digitalmente  
Bianca Klein Schmitt  
Data: 01/09/2021 15:48:45-0300  
CPF: 102.381.019-08  
Verifique as assinaturas em <https://ufsc.br>

(Candidata):.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica **Bianca Klein Schmitt**, matrícula n.º **16101510**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é ***Translatio Studiorum e a cosmologia medieval: um estudo do Atlas Catalão de 1375***, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 03 de setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente

Aline Dias da Silveira  
Data: 03/09/2021 16:24:08-0300  
CPF: 899.016.830-49

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Este trabalho é dedicado aos meus maiores exemplos de vida,  
amor e companheirismo: minha mãe, Maria Lúcia, e meu pai,  
Edésio.

## AGRADECIMENTOS

Após uma jornada de cinco anos na graduação, olho para trás e tenho a certeza de que só cheguei até aqui porque sempre tive ao meu lado pessoas que me acolheram e me ajudaram de diversas formas. Primeiramente, agradeço ao povo brasileiro, que é quem realmente nos permite termos grandes universidades. Agradeço a todos os técnicos, servidores e demais trabalhadores da UFSC por garantirem uma infraestrutura que proporciona uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Gostaria de agradecer aos meus queridos e amados pais, Maria Lúcia e Edésio. Vocês sempre me apoiaram e me incentivaram em todos os sonhos e ambições que tive. Nada teria conseguido sem o apoio moral, emocional e financeiro de vocês. Sou grata aos meus tios Conceição e Osni por terem me recebido em sua casa em Florianópolis quando entrei na UFSC. Agradeço também ao meu querido Eduardo, amigo e companheiro de todas as horas, que me acompanhou de perto na escrita deste trabalho e pacientemente me apoiou e me acalentou quando estava desacreditada.

Nesses anos de estudos na universidade, os amigos foram aqueles que tornaram a carga da jornada mais leve e divertida. Um abraço forte às minhas grandes companheiras Helena, Nicole e Sara. Nos momentos mais difíceis vocês sempre me disseram as palavras que eu precisava ouvir! Minha gratidão aos queridos amigos, amigas e colegas do Meridianum: Amanda, Bianca, Jana, Rafa, Stephanie, Breve, Daniel, Eduardo, Léo e Rodolpho. Obrigada por todas as conversas, desabafos, trocas de afeto, confraternizações, almoços e jantas no RU.

É importante, e justo, agradecer a todos professores que tive em minha vida. Lembrarei com carinho de todos que já compartilharam seus conhecimentos comigo. Na graduação, os professores Alex Degan, Rodrigo Bonaldo e Tiago Kramer foram essenciais para o meu desenvolvimento intelectual. Agradeço ao professor Rodrigo Prates e, novamente, ao professor Alex, por aceitarem ler este trabalho e participarem da minha banca de defesa.

Por último, não tenho palavras para expressar todo meu agradecimento e carinho pela professora Aline. Se posso escrever estas palavras agora, foi porque você é uma guia extraordinária, uma orientadora no mundo acadêmico, uma segunda mãe e grande amiga na convivência diária. Obrigada por tanto.

Quando, à noite, o Infinito se levanta  
À luz do luar, pelos caminhos quedos  
Minha tátil intensidade é tanta  
Que eu sinto a alma do Cosmos nos meus dedos!  
(ANJOS, 1998)



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar de que forma a cosmovisão do Atlas Catalão é expressa, através dos entrelaçamentos culturais e do fenômeno da *translatio studiorum*. O Atlas Catalão é um manuscrito produzido pelo judeu Cresques Abraham na ilha balear de Maiorca em 1375. Para isso, preocupamo-nos em compreender a importância das redes de saberes para a constituição do manuscrito de 1375. Observamos a circulação de inúmeros textos no bairro judeu onde a fonte foi produzida. Esses textos foram escritos por judeus, cristãos, árabes-muçulmanos, persas e abordam temas como astrologia, astronomia, medicina, filosofia, entre tantos outros. Além disso, parte desses textos possui forte influência neoplatônica, o que também pôde ser percebido no Atlas Catalão. Em adição, apontamos os indícios que nos permitem afirmar a presença da astronomia e astrologia árabe e indiana que chegou à fonte devido aos entrelaçamentos culturais e traslado dos saberes. Como aporte teórico-metodológico, utilizamos o conceito de hermenêutica imaginativa, de Márcia Schuback e do método iconológico, de Erwin Panofsky. Entre as hipóteses levantadas está a importância da Lua na constituição da cosmologia do Atlas Catalão por esse ser um elemento recorrente na fonte; também a entendemos como um elo entre o macrocosmo (planetas e estrelas) e o microcosmo (a Terra e o ser humano).

**Palavras-chave:** Atlas Catalão. Calendário. Cosmologia medieval. História medieval. Lua. Microcosmo e macrocosmo. *Translatio studiorum*.

## ABSTRACT

The main objective of the present work is to investigate how the medieval cosmovision of Catalan Atlas is expressed, through cultural entanglements and the phenomenon of *translatio studiorum*. The Catalan Atlas is a manuscript produced by the Jew Cresques Abraham on the Balearic island of Majorca in 1375. For this, we are concerned with understanding the importance of knowledge networks for the constitution of the 1375 manuscript. We observed the circulation of numerous texts in the Jewish quarter where the Catalan Atlas was produced. These texts were written by Jews, Christians, Arab-Muslims, Persians, and address topics such as astrology, astronomy, medicine, philosophy and others. Furthermore, some of these texts have a strong neoplatonic influence, which could also be seen in the manuscript. In addition, we point out evidences that allow us to affirm the presence of Arab and Indian astronomy and astrology that reached the source due to cultural intertwining and transfer of knowledge. As a theoretical-methodological contribution, we used the concept of imaginative hermeneutics, by Márcia Schuback and the iconological method, by Erwin Panofsky. Among the hypotheses raised is the importance of the Moon in the constitution of the Atlas Catalan cosmology, as this is a recurrent element in the source; we also understand it as a link between the macrocosm (planets and stars) and the microcosm (the Earth and the human being).

**Keywords:** Catalan Atlas. Calendar. Medieval cosmology. Medieval History. Moon. Microcosm and macrocosm

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região do Mar Mediterrâneo no Atlas Catalão	26
Figura 2 - Folhas cosmológicas do Atlas Catalão	35
Figura 3 - Folhas cartográficas do Atlas Catalão	36
Figura 4 - Calendário perpétuo e o ciclo metônico na folha 1 do Atlas Catalão	46
Figura 5 - Realce do calendário perpétuo e do ciclo metônico na folha 2 do Atlas Catalão	52
Figura 6 - Amostra parcial do calendário na folha 2 (círculos 37 a 27)	53
Figura 7 - Realce das mansões lunares e suas respectivas estrelas na folha II do Atlas Catalão (círculos 26-24)	58
Figura 8 - Amostra parcial das mansões lunares e suas respectivas estrelas na folha II do Atlas Catalão (círculos 26-24)	59
Figura 9 - O homem zodiacal de Cresques Abraham	63
Figura 10 - Os astros e suas esferas (círculos 20-5)	66
Figura 11 - Os 4 elementos e o centro da cosmologia	68

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Inventário da Biblioteca de Leon Mosconis	40
Quadro 2 - Inventário da biblioteca de Mossé Almaterí	41
Quadro 3 - Diagrama do calendário perpétuo da folha 1 do Atlas Catalão	48
Quadro 4 - As mansões lunares do círculo 26 da folha 2 do Atlas Catalão	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEC - Antes da Era Comum

EC - Era Comum

ACA - Arquivo da Coroa de Aragão (Barcelona)

BNF - Biblioteca Nacional da França.

Ms.Esp.30 - Manuscrito Espanhol 30 (Atlas Catalão)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2. COROA DE ARAGÃO E CRESQUES ABRAHAM EM CONTEXTO</b>	<b>21</b>
2.1 COROA DE ARAGÃO, QUESTÕES ECONÔMICAS E POLÍTICAS	21
2.2 MAIORCA, A COMUNIDADE JUDAICA E A FAMÍLIA DE CRESQUES ABRAHAM	27
<b>3. ATLAS CATALÃO: UMA COSMOLOGIA MEDIEVAL</b>	<b>34</b>
3.1 TRANSLATIO STUDIORUM: SABERES EM MOVIMENTO	34
3.2 A ESFERA LUNAR: UMA AMÁLGAMA PARA A COMPREENSÃO DO COSMOS	42
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>72</b>
<b>FONTES</b>	<b>74</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>75</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO A - Mapa do Reino de Maiorca (ABULAFIA, 2002, p. xxiii)</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO B – Árvore genealógica da casa de Barcelona (ABULAFIA, 2014, p. 287)</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO C - Mapa da expansão da Coroa de Aragão no Mediterrâneo ocidental (RUIZ, BISSON, 1986, p. 91)</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO D - O Códice Pueyo e os judeus maiorquinos</b>	<b>83</b>

## 1. INTRODUÇÃO

1375. Traduções, comentários, reinterpretações de textos antigos circulam pela *aljama* maiorquina. A dinâmica do movimento de saberes ou *translatio studiorum* propicia a leitura de obras de influência grega, árabe, persa e judia e colabora para o desenvolvimento de grandes obras, a exemplo do Manuscrito Espanhol 30 (Ms.Esp.30), mais conhecido como Atlas Catalão<sup>1</sup>, que será o objeto de investigação desta pesquisa.

Para isso, utilizamos um aporte teórico entrelaçado por três conceitos principais: a *translatio studiorum*, o neoplatonismo e as relações de micro e macro cosmos. A *translatio studiorum* permite a compreensão do fenômeno histórico que envolve a fonte. Já os conceitos neoplatonismo e relações de micro e macrocosmos são necessários para compreendermos a cosmovisão do criador do Atlas Catalão.

A *translatio studiorum* é um fenômeno histórico que compreende o movimento dos saberes na antiguidade e no medievo. De acordo com Francisco León Florido (2005, p. 54), tal dinâmica se inicia com os gregos no século VI e tem seu término com a fundação das primeiras universidades na Europa central. Todavia, hoje se sabe que o movimento dos saberes possui uma cronologia ainda mais antiga, podendo-se chegar ao século IV AEC, bem como também alcança maior espacialidade, com conexões até na Índia.

A filosofia grega neoplatônica, inspirada em nomes como Plotino, Proclo e Jâmblico, foi muito difundida dentro dessa rede de movimentos de saberes e serviu como uma amálgama filosófica entre as três grandes religiões monoteístas que estavam difundidas pelo Mediterrâneo. Também podemos articular o neoplatonismo com o micro e macrocosmos, ou seja, com relações entre o grande mundo, o cosmos, com o pequeno mundo, o ser humano e a natureza. Esse paralelo cósmico-antropológico aparece em diversos mapas e cosmologias medievais.

Em *Mapas, conhecimento e poder*, o historiador da cartografia John Brian Harley cita Erwin Panofsky e seu método iconológico para a interpretação dos elementos imagéticos encontrados nos mapas. De acordo com Harley, a iconologia é útil ao estudo cartográfico por detectar significados superficiais, literais e também por identificar significados mais profundos, que estão em um nível simbólico de percepção e análise (HARLEY, 2009, p. 3).

---

<sup>1</sup> Para a visualização da obra, acessar: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f2.item.zoom>.

Portanto, é importante ter em vista que, ao examinar mapas, o poder e o símbolo estão intrinsecamente vinculados, uma vez que se utilizam simbologias, discursos imagéticos e outros recursos para a construção de relações de poder que se fortalecem com o uso político dos mapas. Diante disso, é essencial encará-los como sistemas de signos incomparáveis, cujos códigos podem ser ao mesmo tempo imagéticos, linguísticos, numéricos, temporais, e também uma forma de saber espacial (HARLEY, 2009, p. 19-20). No Atlas Catalão, encontramos camadas de significado que estão sobrepostas. Essa sobreposição se remete às simbologias utilizadas, às temporalidades encontradas na fonte e à espacialidade. Aquele espaço não é somente um espaço físico. É sobretudo, um espaço espiritual.

Então, a partir da *translatio studiorum*, do neoplatonismo, das relações de micro e macrocosmos e das camadas de significado encontradas na fonte, como podemos compreender a cosmologia manifestada nas duas primeiras folhas do Atlas Catalão, tendo como enfoque a folha 2?

A pesquisa deste tema e desta fonte em específico justifica-se, primeiramente, pela minha imersão acadêmica acerca do tema e objeto de pesquisa já apresentados. Em 2017, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais—Meridianum, me acolheu e me introduziu ao mundo da pesquisa acadêmica. Nesse mesmo ano, iniciei uma iniciação científica que durou dois anos, sob orientação da professora Aline Dias da Silveira. Ao longo desse biênio, tivemos muitas reuniões e encontros que culminaram em um artigo intitulado '*Ymage del Mon*': o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham de 1375 (2020), que foi publicado recentemente no volume 27 da Revista Esboços. Como bolsista de extensão, atuei em uma Cátedra UNESCO que trabalha com História da arte e teoria da imagem, o que me proporcionou utilizar tais recursos na metodologia deste projeto.

A partir da primeira tradução e transcrição do Atlas Catalão, elaboradas há quase 200 anos, muitos pesquisadores se preocuparam em estudar essa fonte. Apesar da facilidade de encontrarmos referências bibliográficas sobre o tema, poucos são os textos realmente disponíveis e acessíveis, seja pelo alto valor cobrado por um artigo, que o torna inacessível, seja pela sua indisponibilidade no mundo digital. Este trabalho também se justifica pela abordagem e pela proposta de análise com ênfase na folha 2 da fonte, que detém poucos estudos. Em adição, a pesquisa possibilitará maior acesso à fonte em língua portuguesa.



Para além disso, o Atlas Catalão permite estudar as relações interculturais e transculturais de convivência, rechaço e fusão no que tange a relação entre cristãos, judeus e muçulmanos na bacia do mar Mediterrâneo, mais especificamente na Península Ibérica medieval. Portanto, as relações inter-religiosas presentes no contexto e produção da fonte permitem um diálogo com o nosso presente (a exemplo das recentes ondas de imigrações em massa de refugiados do oriente médio para a Europa), apesar de não ser o objetivo deste trabalho. Por fim, a pesquisa também se justifica por contribuir ao debate sobre as relações transculturais para uma reflexão na longa duração.

Sobre a nossa fonte, elaborada por Cresques Abraham na ilha balear de Maiorca, essa está disponível digitalmente na Biblioteca Nacional da França/Gallica<sup>2</sup>. Para o desenvolvimento da pesquisa encontramos duas traduções e duas transcrições da fonte. Jean Alexandre Buchon e Joseph Tastu transcreveram o manuscrito para catalão, idioma original e traduziram para o francês em 1839<sup>3</sup>. Já a geógrafa Magali Nogueira (2013) transcreveu a fonte para a língua original e para o português. Entretanto, sua tradução da fonte é incompleta. Partindo da própria fonte<sup>4</sup> e das traduções apresentadas, desenvolvi uma tabela com três colunas, na qual foram inseridas a transcrição do original e a tradução em francês e português. Essa tradução não será inserida como apêndice do trabalho, pois ela não possui o rigor técnico necessário para divulgação, apesar de ter sido o uso pessoal.

A fonte possui seis folhas (cada folha possui dois fólhos) e cada uma possui 64,4 cm de altura por 50 cm de largura. Há uma clara divisão entre as duas primeiras folhas e as outras quatro. As duas primeiras folhas expõem a cosmovisão do autor e de sua época. Na primeira folha há uma descrição dos 30 dias da Lua, a presença de um homem zodiacal nu, cujas doze constelações zodiacais estão diretamente relacionadas com alguma parte do seu corpo; a descrição de cinco formas possíveis da criação do mundo e a relação entre os quatro elementos (fogo, ar, água, terra). Os quatro elementos também aparecem nos quatro cantos da segunda folha e estão relacionados aos signos zodiacais. O que se destaca na folha são seus 37

---

<sup>2</sup> O documento está disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f2.item>. Acesso em 10 ago. 2021.

<sup>3</sup> Este é o primeiro trabalho conhecido sobre o Atlas Catalão. Buchon e Tastu foram pioneiros na transcrição e tradução da fonte. Infelizmente, não foi possível acessar trabalhos de transcrição e tradução mais recentes, com exceção do esforço de Nogueira (2013).

<sup>4</sup> Em alguns momentos de dúvida e questionamento sobre os trabalhos de transcrição dos autores, utilizei meu limitado conhecimento em paleografia medieval para transcrever alguns trechos da fonte.

círculos concêntricos. Em cada um dos círculos existem informações que estão ligadas à astronomia, astrologia, matemática, ao calendário e festas móveis.

As folhas de três a seis compõem um mapa que se estende da atual Inglaterra à atual China, abordando também o norte da África e a Índia.<sup>5</sup> Nessas folhas há a localização de muitas cidades cujos nomes estão com coloração vermelha ou preta. Para reinos ou locais de maior destaque, a grafia das letras é muito mais elaborada e sua fonte é maior em comparação com as outras cidades e lugares. Observamos ainda a localização de rios e montanhas e também de diversos elementos da heráldica de reinos locais, que estão espalhadas por todo o mapa. Encontramos, no mesmo plano de importância de outros elementos geográficos antes citados, a presença de descrições da história factual antiga e medieval, mitologias, referências às bíblias cristã e hebraica. Boa parte desses elementos são acompanhados de imagens, que enriquecem ainda mais as narrativas e descrições presentes no mapa.

Quanto à Cresques Abraham, alguns autores, como Jaume Riera i Sans e Katrin Kogman-Appel, trouxeram debates sobre a autoria do Atlas Catalão. Sans afirma a posição de Cresques Abraham como autor da fonte devido às suas estreitas relações com a Coroa Aragonesa, a quem ele servia como *familiar real* (SANS, 1978, p. 19-23). Por seus serviços, Cresques Abraham recebeu privilégios e concessões reais<sup>6</sup>. Em alguns documentos,<sup>7</sup> Cresques Abraham foi reconhecido pelo ofício “mestre produtor de *mappamundi*” (SANS, 1978, p. 12-14). Articulado a isso, Magali Nogueira nos apresenta evidências de que o ofício de iluminador era uma ocupação tradicional na família de Cresques Abraham (NOGUEIRA, 2017, p. 09). Sans ainda nos mostra que era comum entre os judeus ter um nome de uso cotidiano e outro litúrgico, sendo o nome litúrgico de Cresques Abraham “Elisha ben Rabbi Abraham ben Rabbi Bevenisti ben Rabbi Elisha” (1978, p. 4-7). Katrin Kogman-Appel também traz evidências que corroboram com Sans no que concerne a autoria do Atlas Catalão. A especialista em manuscritos hebraicos medievais faz relações entre uma bíblia hebraica (conhecida como Codex Fahri ou Bíblia Fahri) e o Atlas Catalão. O Codex Fahri (Sassoon Collection, Ms. 368) tem como autoria “Elisha ben Rabbi Abraham ben Rabbi

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que essas toponímias se referem à geografia no mundo contemporâneo, não à temporalidade da fonte em questão. A utilização de topônimos contemporâneos foi uma escolha visando a melhor compreensão da extensão do mapa de 1375.

<sup>6</sup> Essa questão será melhor desenvolvida no subcapítulo 2.1 da monografia.

<sup>7</sup> Infelizmente, os documentos apresentados por Sans não estão disponíveis digitalmente. Entretanto, no artigo que ele promove a discussão sobre autoria, Sans cita longos trechos desses documentos. Cf. SANS, 1978.

Bevenisti ben Rabbi Elisha”, nome litúrgico de Cresques Abraham. Para a historiadora, fica evidente a semelhança entre os traços das iluminuras do Codex com o Atlas Catalão, atestando que a mesma pessoa produziu ambas as obras (KOGMAN-APPEL, 2014).

O cartógrafo e historiador da cartografia, David Woodward (1987, p. 353), em seu texto *Medieval mappaemundi*, escrito para a coleção *History of Cartography*, analisa uma gama de mapas medievais e apresenta algumas categorias de classificação. Dessa forma, Woodward nos aponta as diferentes formas de sistematização e organização dos mapas na Idade Média. De acordo com ele, o Atlas Catalão seria um mapa zonal, apresentando a influência do conceito de zona transmitido por Ptolomeu e pelo mundo árabe. Em adição, Woodward aponta que um destaque da fonte seria a ampla descrição de regiões centrais da Ásia, algo que pôde ser aprimorado graças às informações levantadas pelos relatos de viagens de viajantes medievais (WOODWARD, 1987, p. 296; 315). Enquanto na Europa encontramos uma mistura de narrativas históricas e míticas, há pouquíssimas descrições na região hoje compreendida como oriente médio. Já na parte central da Ásia e em seu extremo oriente, observamos muitas narrativas, que são majoritariamente, míticas e maravilhosas<sup>8</sup> e que possuem as maiores e mais elaboradas imagens do mapa (CRESQUES ABRAHAM, 1375, f.3-6).

Em sintonia com a análise de Woodward sobre as descrições encontradas na região asiática do mapa, o trabalho de Judy Schaaf *The christian-jewish debate and the Catalan Atlas* (2013) traz reflexões sobre a organização espacial e temporal no Atlas Catalão. Tendo em vista que o norte do mapa está no topo, a autora aponta que quanto mais nos movemos ao oeste na extensão do Atlas, maior a densidade do tempo histórico. Agora, quando nos movemos ao oeste, encontramos uma outra lógica. Ali existe um tempo futuro, um horizonte de expectativa rumo ao Apocalipse (SCHAAF, 2013, p. 248). Assim como na região mais ocidental do mapa, ali encontramos a descrição de mitologias —algumas são referências trazidas da antiguidade, outras são reflexos dos relatos de viajantes medievais europeus ao ocidente.

---

<sup>8</sup> A maravilha ou *mirabilia*, consiste no ato de “maravilhar-se” com aspectos da cultura do Outro, designa substancialmente a estranheza daquele que narra “para com o objeto e a ignorância (desconhecimento) a respeito do mesmo” (BALBINOT, BASEGGIO, CICHELERO, 2011, p. 173). Nesse sentido, a partir do recorte que o próprio narrador escolhe fazer, dos lugares e das pessoas que escolhe descrever, das criaturas “maravilhosas” – aspecto do qual os relatos medievais estão por vezes intrinsecamente imbuídos – que se preocupam em encontrar, é possível entender não somente o Outro, mas o próprio mundo cultural do narrador. Para um aprofundamento no tema, ver BALBINOT; BASEGGIO; CICHELERO, 2011, p. 171-192.

Enquanto Schaaf preocupou-se com os recursos imagéticos das últimas folhas do mapa, Aline Silveira e eu nos preocupamos com a iconologia das primeiras folhas do Atlas Catalão. No artigo *‘Ymage del Mon’: o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham, de 1375*, fizemos uma análise iconológica sobre a imagem do homem zodiacal localizada na folha 1 da fonte. O homem zodiacal aparece constantemente em iluminuras medievais. Nessas imagens, o corpo masculino tem suas partes associadas aos signos zodiacais. Para nós, o homem zodiacal de Cresques Abraham se diferencia por possuir fortes ligações com a mística judaica, ao contrário do que ocorre com a maior parte das imagens do tipo, cujo referencial costuma ser Jesus Cristo e a cristandade. Nesse sentido, podemos observar que os mapas não abrangem somente um espaço terreno, geográfico, mas também abordam cosmovisões, formas de enxergar o mundo e compreender o cosmos (SILVEIRA; SCHMITT, 2020).

O Atlas Catalão pode ser visto como um tipo de “enciclopédia” dos tempos de Cresques Abraham, uma vez que são apresentadas questões sobre a astronomia, a astrologia, a medicina, o ciclo das marés, os calendários lunar e de festas móveis, todas em associação e interdependência. Além disso, a fonte também apresenta um mapa do mundo conhecido até então. Observamos a fusão e confluência de narrativas históricas, míticas e maravilhosas. Ali consta um mundo conectado. Kethleen Holland reflete que o Atlas Catalão “pode ser visto como um documento que ilustra essa visão mais global”<sup>9</sup> do mundo (HOLLAND, 2010, p. 3). Para a autora, essa visão global do mundo é salientada na disposição circular do Atlas Catalão que, ao contrário de muitos *mappaemundi* medievais que possuíam orientação ao leste ou sul, não tinha uma orientação definida. A pessoa que visualiza o mapa precisa girá-lo para ver as imagens e ler os textos, pois parte do mapa sempre estará de cabeça para baixo (HOLLAND, 2010, p. 05). O mesmo acontece com a segunda folha.

Como arcabouço metodológico, utilizamos a hermenêutica imaginativa de Márcia Schuback e o método iconológico de Erwin Panofsky. Em *Para ler os medievais: ensaios de uma hermenêutica imaginativa*, Márcia Schuback ensaia uma análise hermenêutica específica para os estudos medievais. A autora, de início, afirma: “perguntar-se como é possível compreender um texto já é investigar em que sentido e de que maneira se convive com esse texto” (SCHUBACK, 2000, p. 13). Pensado por muitos como um corpo fechado e morto, a

---

<sup>9</sup> Tradução própria. Original: “[...] should be seen as a document illustrating this more global view”.

fonte, na realidade, possui vida e se comunica com o sujeito que a estuda. E para além do sujeito e do objeto, há um terceiro elemento imprescindível: o espaço temporal existente entre a fonte e quem a estuda, o trajeto. A distância temporal existente entre esses dois pontos é crucial para a interpretação da fonte, uma vez que as indagações inerentes ao ofício do historiador mudam conforme a necessidade de seu tempo.

Aplicando a metodologia da hermenêutica imaginativa de Schuback (2000, p.11-40) para compreender a fonte central do projeto, o Atlas Catalão, necessita-se montar um quebra-cabeças de resquícios objetivos e subjetivos. A fonte não é um resquício simplesmente dado e sim um momento singular na vida de um autor. Pois, tanto a vivência objetiva como a subjetiva devem ser levadas em consideração na interpretação do objeto, uma vez que não é somente a materialidade dessa vivência e dos resquícios do objeto que podem responder aos nossos anseios. A subjetividade, a exemplo dos modos de pensar e enxergar o mundo (tanto de sua época como do próprio autor em sua individualidade) e as experiências espirituais de quando Cresques Abraham produziu o Atlas Catalão devem ser consideradas para uma interpretação mais profunda da fonte.

Para Panofsky (1986), a descrição pré-iconográfica seria o primeiro passo, sendo o momento para a descrição de tudo o que é visto e sentido ao olharmos para uma imagem. No segundo passo, por sua vez, ou ainda na análise iconográfica, nos preocupamos em compreender o tema da obra através dos símbolos, alegorias e narrativas que uma imagem possa apresentar. Por fim, no terceiro passo, buscamos o contexto e a mentalidade existente por trás de uma imagem (PANOFSKY, 1986, p. 55-62). Em síntese, esse processo constitui-se por meio da descrição, análise e interpretação. Após essas etapas encontramos os sintomas culturais imbuídos nas imagens. Desse modo, o método iconológico será pensado enquanto um instrumento utilizado para aprofundar as análises imagéticas no Atlas Catalão.

Panofsky, além de propor esse método de análise, também diferencia a iconografia de iconologia, e as distingue da seguinte maneira:

[...] proponho reviver o velho e bom termo, 'iconologia', sempre que a iconografia for tirada de seu isolamento e integrada em qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico, que tentemos para resolver o enigma da esfinge [...]. Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986, p. 54).

E continua:

O sufixo “grafia” vem do verbo grego ‘graphein’, escrever; implica um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. A iconografia é portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos. [...] a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha (PANOFSKY, 1986, p. 53).

Claramente, nas palavras de Panofsky, iconologia e iconografia não são excludentes, mas complementares, uma vez que a limitação descritiva da iconografia dá suporte para uma análise iconológica mais apurada e aperfeiçoada, pois fazer uma análise iconológica traz em si também a necessidade de certa descrição e análise iconográfica, mas a transcende, buscando seu significado simbólico, alegórico e vinculações históricas para além de seu próprio contexto. Por isso, Panofsky fala em síntese, pois o método iconológico converge diversos aspectos de significados em uma síntese expressa na imagem. Assim, a contribuição metodológica de Panofsky permitirá uma investigação mais acurada dos elementos imagéticos do Atlas Catalão, com ênfase nas folhas 1 e 2. Portanto, essas imagens serão descritas, analisadas e interpretadas, a fim de encontrar resquícios do pensamento neoplatônico e da relação micro e macrocosmos.

Por fim, cabe indicarmos a estrutura pela qual esta monografia se articula: o primeiro capítulo apresentará o contexto histórico, político e socioeconômico da ilha de Maiorca no momento da produção do Atlas Catalão, bem como analisará a complexa relação entre a Coroa de Aragão e os judeus da *aljama* maiorquina. No segundo capítulo, nos deteremos na análise de dois diagramas da folha 1 e da folha 2, utilizando os recursos do método iconológico e da hermenêutica imaginativa, a fim de compreendermos a estrutura cosmológica.

## 2. COROA DE ARAGÃO E CRESQUES ABRAHAM EM CONTEXTO

### 2.1 COROA DE ARAGÃO, QUESTÕES ECONÔMICAS E POLÍTICAS

Antes de analisarmos o Atlas Catalão mais a fundo, é necessário adentrarmos na História da Coroa de Aragão e do Mediterrâneo ocidental nos séculos XIII e XIV. Nosso ponto de partida se dá com o processo de reconquista de Maiorca realizada por Jaime I, rei de Aragão, conde de Barcelona e senhor ou rei de outros territórios conquistados ao longo de seu reinado.

Por mais de um século, desde o início do século XII, nobres, reis e comerciantes do mediterrâneo ocidental europeu tentaram expulsar os muçulmanos da região. Em 1113, tenta-se tomar Maiorca dos almôadas. A cruzada falhou e Maiorca permaneceria em mãos islâmicas até 1229, depois de inúmeras tentativas cristãs de reconquistar esse entreposto comercial tão importante (NOGUEIRA, 2013, p. 101-102).

Enquanto que em Maiorca grande parcela dos muçulmanos foram escravizados e vendidos no mercado mediterrânico, em outra ilha de Baleares<sup>10</sup>, Menorca, os líderes islâmicos locais negociaram e foram comprometidos a uma relação vassálica para com a Coroa Aragonesa, relação essa que durou até 1287. A invasão e conquista definitiva de Menorca ocorreu somente em 1287, sob o reinado de Afonso III, neto de Jaime. Os islâmicos que se renderam foram levados ao norte da África. Os outros muçulmanos tiveram um prazo para obterem fundos e não serem escravizados. Quem não conseguisse pagar pela sua liberdade estaria à mercê dos conquistadores, seria escravizado e vendido (BENNÀSSER, 1999, p. 120-126).

Dentro de uma política de ampliação econômica por meio de tributação, Jaime II de Maiorca, em 1276, criou três novas taxas para os muçulmanos livres em seus territórios: taxa para o direito de ficar, entrar e sair (BENNÀSSER, 1999, p. 120-126). Destarte, a conquista da região não foi homogênea, possuindo cada ilha do arquipélago seus protagonistas, seus estatutos, suas especificidades.

---

<sup>10</sup> O arquipélago de Baleares fica na costa mediterrânica da atual Espanha e é composto por três ilhas principais: Maiorca, Menorca e Ibiza.

Com a morte de Jaime I<sup>11</sup> em 1276, a divisão de terras entre seus filhos Pedro III e Jaime II ocorreu de acordo com seu testamento. Pedro, filho mais velho vivo, herdou os reinos de Aragão e Valência e o condado de Barcelona; Jaime recebeu o reino de Maiorca, os condados de Roussillon e Cerdanha e o senhorio de Montpellier (ver anexo A). O falecimento de Jaime I abriu espaços para disputas políticas que se sucederam por décadas (ver anexo B). Pedro III não reconhecia a autonomia de Jaime II e clamava que este último deveria se subordinar à Coroa de Aragão. Depois de grande pressão, em 1279, Jaime II de Maiorca torna-se vassalo de Pedro III e da Coroa Aragonesa.

Em 1282, no contexto da batalha das Vésperas<sup>12</sup>, na Sicília, Pedro III é coroado como rei da ilha, devido ao seu casamento com Constança da Sicília. Os sicilianos ofereceram o trono ao soberano aragonês em detrimento do filho do rei francês, Carlos, Conde de Anjou. O papa Martinho IV, que estava ao lado dos franceses, excomunga Pedro III e o depõe como Rei de Aragão, ofertando a Coroa aos franceses, por meio de uma cruzada contra Pedro III e seu reino.

As tropas francesas atravessaram os Pirineus e chegaram ao norte dos territórios da coroa aragonesa após Jaime II permitir que passassem por Roussillon. As forças de Pedro III conseguiram derrotar as francesas em 1285. Logo após essa vitória, Pedro voltaria suas forças ao reino de seu irmão Jaime, que colaborou com seu inimigo francês ao invés de apoiá-lo. Contudo, Pedro adoeceu e faleceu repentinamente, deixando o trono e a retaliação contra Jaime ao seu filho e herdeiro, Afonso III (ABULAFIA, NOGUEIRA, 2013, p. 108).

Ainda em 1285, Afonso III avançou para Maiorca como seu pai planejara, tomando as ilhas de Jaime II de Maiorca sem enfrentar muita resistência por parte dos maiorquinos (ABULAFIA, 2002, p. 54). Além disso, em 1287, Afonso conquistou definitivamente Menorca dos mouros, expulsando muitos muçulmanos da ilha (ABULAFIA, 2002, p. 11; 52).

No início da década de 1280, observa-se o incentivo de assentamentos judaicos na cidade como estratégia de aumentar a demografia da ilha (CHÁCON, 2004, p. 387). Entretanto, a tomada de Baleares por Afonso III em 1285 trouxe mudanças significativas para os judeus. Para Álvaro Santamaria Arández, a mudança negativa de postura perante os judeus

---

<sup>11</sup> Sugerimos o prosseguimento da leitura com apoio da árvore genealógica da família de Jaime I e seus descendentes, que está no anexo B.

<sup>12</sup> Para mais informações sobre a batalha das Vésperas, conferir ABULAFIA; BATES, 2014. Para compreender a influência da guerra das Vésperas no comércio maiorquino, averiguar ABULAFIA, 2002.



se deu devido ao impasse de seu falecido pai, Pedro III, com o papado e com os franceses na tomada da Sicília (ARÁNDEZ, 1977, p. 48). Naquele momento, muitas pessoas relacionadas a Aragão, inclusive Pedro III, foram excomungadas pelo papa, levando a uma ruptura. Como tentativa de reaproximação com o papado, em 1286, Afonso mostrou o desejo de reunir os judeus em uma região específica e mais isolada de Maiorca, um bairro judeu<sup>13</sup>, além de tomar outras medidas, como nos mostra Chácon:

Entre essas propostas de Afonso III de Aragón, estão o agrupamento da comunidade e sua segregação, a impossibilidade de compra ou aquisição de bens imóveis ou renda, bem como a exclusão de ocupar cargos administrativos de certa importância. As novas diretrizes não são exclusivas do território balear, por isso observamos como em Barcelona, no final do século XIII, há um declínio da participação judaica na política, seus cargos serão gradualmente preenchidos pelos novos burgueses catalães (basicamente comerciantes) (CHÁCON, 2004, p. 388)<sup>14</sup>.

Ao mesmo tempo que o rei pensava em separar os judeus do resto da comunidade, ele também concedeu privilégios a esse grupo, a fim de reforçar e aprimorar o desenvolvimento econômico da coroa. Devido a isso, eles receberam isenções fiscais para o comércio (ABULAFIA, 2002, p. 82). O reinado de Afonso III, apesar de movimentado, foi breve. Ao sofrer de um infarto, o rei veio a falecer em 1291. Como não tinha herdeiros, seu sucessor foi Jaime II de Aragão, que abdicou da coroa da Sicília em prol de seu irmão mais novo, Federico II, para herdar o reinado do irmão mais velho.

Os conflitos entre o papa, Aragão e a dinastia Anjou continuavam por causa da disputa pela Sicília, ilha que hoje pertence à Itália. Com isso, em 1295, através do tratado de Agnani, articulado entre o papa Bonifácio VIII, os reis Felipe IV da França, Jaime II de Aragão e Carlos II de Anjou selaram diversos acordos. Entre eles estão: 1) o casamento de Jaime II com Blanca de Anjou, filha de Carlos II; 2) a devolução do reino da Sicília<sup>15</sup> por parte de Jaime II

<sup>13</sup> Os pormenores sobre o bairro judeu em Maiorca serão abordados mais adiante.

<sup>14</sup> Tradução própria. Original: Entre estas propuestas de Alfonso III de Aragón, están el agrupamiento de la comunidad y su segregación, la imposibilidad de comprar o adquirir bienes inmuebles o rentas, así como la exclusión de ocupar cargos administrativos de cierto relieve. Las nuevas pautas, no son exclusividad del territorio balear, así observamos como en Barcelona, a finales del siglo xiii, se aprecia un declive de la participación judaica en la política, sus cargos serán ocupados paulatinamente por los nuevos burgueses (básicamente comerciantes) catalanes.

<sup>15</sup> Interessante destacar que Federico II havia herdado o reino da Sicília quando seu irmão, Jaime, foi coroado rei de Aragão. Com o tratado de Agnani, Federico perderia seu reino. O mesmo resistiu ao tratado, assim como os sicilianos, que se recusaram a voltar aos domínios franceses. A dinastia Anjou, com apoio de Bonifácio VIII, tentou, através da guerra, reconquistar a Sicília, que nunca mais foi dominada pelos Anjou. Em 1302, é assinada a Paz de Caltabellotta, cujo acordo afirmava que Federico governaria a região até sua morte e depois disso os domínios voltariam para o comando da dinastia Anjou. O tratado, contudo, não foi respeitado e mais

de Aragão aos Estados papais, que o devolveriam à dinastia Anjou; 3) a devolução do arquipélago de Baleares por parte de Jaime II de Aragão a Jaime II de Maiorca, que permaneceria como vassalo do rei de Aragão 4) Jaime II de Aragão recebeu a Sardenha e a Córsega como compensação pela perda da Sicília (SCHNEIDMAN, 1969, p. 341-343).

Devido ao acordo de 1295, o rei aragonês devolveu ao seu tio, Jaime II de Maiorca, as ilhas Baleares no ano de 1298. Embora o reino de Maiorca se tornasse independente, ele continuaria submetido a Aragão. Para Nogueira, a mudança de postura de Jaime II de Maiorca no seu segundo reinado (1298-1311) em relação ao primeiro (1276-1285) aponta para o aumento da confiança do rei e de sua governabilidade. Ele investiu e cunhou sua própria moeda, melhorou a infraestrutura da cidade, reformando portos e praças de comércio, sendo apoiado pelos mercadores. Além disso, o rei buscou, vigorosamente, “impor barreiras alfandegárias aos mercadores catalães que comercializavam através dos portos do reino de Maiorca, seja o porto da cidade de Maiorca ou de Roussillon, no continente” e criou consulados nos portos mais importantes do norte da África (como Túnis e Argel), a fim de proteger os comerciantes maiorquinos que circulavam por lá e seus aliados (NOGUEIRA, 2013, p. 108-109).

O financiamento para muitos dos projetos de Jaime se deu por meio do aumento do fisco (cobrança de impostos), principalmente para os moradores do bairro judeu. Em diversos momentos de seu reinado o soberano maiorquino solicitou -ou melhor, exigiu-, pesadas contribuições financeiras por parte dos judeus e de outros grupos. As taxações eram maiores especialmente em tempos de guerra, como quando Sancho I de Maiorca teve que apoiar seu primo Jaime II de Aragão na invasão da Sardenha, em 1323-1324 ou nas guerras Aragonesas contra Gênova (1329-1336), conflito no qual Jaime III e seu reino maiorquino não tinham nenhum interesse, já que os genoveses possuíam muitos negócios com Maiorca (NOGUEIRA, 2013, p. 109-112; BENNÀSSER, 1999, p. 133-134).<sup>16</sup>

Em meio a crises financeiras geradas por guerras empreendidas por Aragão, o reino de Jaime III estava frágil. Com a sucessão de Afonso IV por Pedro IV, conhecido como o Cerimonioso, as relações entre Aragão e Maiorca ficariam ainda mais conflituosas. Para

---

tarde Frederico reivindicou o trono a seu filho, Pedro II da Sicília. Para mais informações, ver SCHNEIDMAN, 1969, p. 335-347.

<sup>16</sup> Jaime III tornou-se o sucessor de Sancho I. Como era menor de idade, Filipe, irmão de Sancho e tio de Jaime, tornou-se seu regente entre 1324 e 1335.

Pedro IV, o reino de Maiorca deveria ser anexado por Aragão. No início da década de 1340, os monarcas trocaram acusações entre si. Jaime III, nesse tempo, foi acusado de trair Aragão ao tentar um casamento na corte inglesa, quando já estava prometido a uma princesa aragonesa. Além disso, estava cunhando sua própria moeda em Roussillon, quando a moeda aragonesa deveria circular. Por fim, o mesmo tentou sequestrar Pedro IV. Diante dessas e outras deslealdades, Pedro IV invadiu a ilha de Maiorca em 1343 e a tomou com facilidade, assim como Afonso III a tomou em 1286. Já os territórios continentais pertencentes ao reino maiorquino apresentaram mais resistência e foram tomados em 1344. Jaime III ficou somente com o território de Montpellier e, em um ato de desespero, vendeu-o ao rei francês em 1349. Com o dinheiro da venda, pagou seu exército para tentar retomar a ilha maiorquina, mas foi derrotado e capturado rapidamente (ABULAFIA, 2002, p. 17; ABULAFIA, 2014, p. 175-177).

Como podemos analisar, os séculos XIII e XIV foram muito intensos no Mediterrâneo ocidental. A ascensão catalã-aragonesa, sedenta por novos domínios, conquistou territórios cruciais para o comércio marítimo regional (ver anexo C). Os jogos políticos do período influenciaram na circulação de mercadorias, de pessoas e, provavelmente, de conhecimento. Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, o bairro judeu maiorquino foi criado e lá, o Atlas Catalão foi produzido pelo sefardita<sup>17</sup> Cresques Abraham, por volta de 1375.

Nas folhas 3 e 4 do Manuscrito Espanhol 30 encontramos a bacia mediterrânica no mapa de Cresques Abraham. Em uma breve análise pré-iconográfica identificamos que a ilha de Maiorca, bem como a Córsega, a Sardenha e a Sicília são ricamente ornadas de vermelho, azul e, sobretudo, dourado. A quantidade de dourado reluzente utilizado na ilustração das ilhas faz com que a região do mar Mediterrâneo seja um ponto de destaque visual da fonte. Perto de Maiorca há uma bandeira nas cores azul, dourado e vermelho, enquanto que perto da Sicília há outra bandeira em dourado e vermelho, apenas. A descrição em si nos apresenta um belo mapa, mas o que há por trás disso?

---

<sup>17</sup> Sefardita é o termo utilizado para identificar os judeus originários da Península Ibérica.

Figura 1 - Região do Mar Mediterrâneo no Atlas Catalão



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 3 e 4, c.1375.

Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n?rk=21459;2>, acesso em 03/03/2020.

Como vimos anteriormente, os franceses da casa de Anjou, junto com os franceses da casa de Valois travaram batalhas contra a dinastia catalã-aragonesa devido às disputas territoriais, comerciais e políticas que possuíam. Abulafia afirma que:

Pedro IV buscou reivindicar o direito de Aragão de jogar uma grande parte da política da Europa do século XIV. Ele estava altamente consciente das realizações de seus antecessores da casa de Barcelona. Ele interpretou seu sucesso em espalhar a bandeira catalão-aragonesa sobre as ilhas mediterrâneas como um sinal da atitude providencial de Deus para com a dinastia real. Nenhum rei de Aragão anterior foi tão claro em sua mente que todos os territórios sob o governo de príncipes de ascendência aragonesa, Maiorca e Sicília, bem como as terras espanholas continentais, deviam ser unidas sob um único soberano (ABULAFIA, 2014, p. 181-182)<sup>18</sup>.

O Atlas Catalão foi uma encomenda do rei Pedro IV de Aragão a Cresques Abraham e foi entregue como um presente ao rei da França, Carlos VI. Com essa informação e sabendo do interesse do Cerimonioso em dominar o Mediterrâneo, ficam mais evidentes os motivos da região disputada ser tão adornada na fonte: o azul, dourado e vermelho das ilhas e dos elementos heráldicos se remetem à dinastia catalã-aragonesa e à coroa de Aragão. O mapa seria uma forma de Pedro IV demonstrar seu poder; é uma forma de simbolizar e autoafirmar

<sup>18</sup> Tradução própria. Original: Peter IV sought to assert the right of Aragon to play a major part in the politics of fourteenth-century Europe. He was highly conscious of the achievements of his predecessors of the house of Barcelona. He interpreted their success in spreading the Catalan-Aragonese banner over the Mediterranean islands as a sign of God's providential outlook towards the royal dynasty. No earlier king of Aragon had been so clear in his mind that all the territories under the rule of princes of Aragonese descent, Majorca and Sicily as well as the mainland Spanish lands, had to be united under a single sovereign.

a dominação aragonesa na região perante o seu (possível) adversário. Ao mesmo tempo, a entrega do presente com esse simbolismo a um monarca vizinho pode dar a entender que entre os reis e seus respectivos reinos há cordialidade e diplomacia.

Por meio do método iconológico de Panofsky e das contribuições de Harley para uma análise cartográfica mais profunda, podemos inferir que o poder e o símbolo estão intrinsecamente vinculados, uma vez que o uso de símbolos, alegorias, discursos imagéticos e outros recursos possibilitam a construção de relações de poder que se fortalecem com o uso político dos mapas. Tanto por meio de seu conteúdo como de seus modos de representação, a confecção e utilização dos mapas pode ser, e é usada ideologicamente (HARLEY, 2009, p. 19-20).

## 2.2 MAIORCA, A COMUNIDADE JUDAICA E A FAMÍLIA DE CRESQUES ABRAHAM

Após uma contextualização geral da Coroa de Aragão, voltemo-nos para o interior da comunidade judaica maiorquina. Quando Jaime I conquistou Maiorca em 1229, ele precisou repovoá-la. Judeus e cristãos foram responsáveis por ocuparem a ilha antes dominada por muçulmanos. Àquele momento, os cristãos receberam privilégios que foram ratificados em um documento selado entre eles e Jaime.

Jaime I, conhecido como “o Conquistador”, foi o responsável por tomar a ilha mediterrânica entre 1229 e 1232 e estabeleceu contratos e acordos com judeus, cristãos e muçulmanos que lá viviam. Cada um destes grupos foi tratado de uma maneira muito distinta. Esses acordos podem ser encontrados em alguns documentos, como a *Carta de Franquiza*<sup>19</sup> de 1230, que foi dirigida somente aos cristãos. Posteriormente, o *Codice Pueyo* seria destinado aos judeus. Não houve, contudo, a organização de uma documentação específica para lidar com os muçulmanos da mesma forma que ocorreu com cristãos e judeus. De acordo com o historiador Pau Cateura Bennàsser:

Nos séculos XIII e XIV, três grupos sociais coexistiram no reino de Maiorca: Cristãos, Judeus e Muçulmanos. O direito de conquista, em 1229-1235, atribui ao primeiro o papel de formadores da estrutura social e econômica das ilhas, aos segundos é atribuído um papel economicamente relevante e socialmente discriminatório, e ao terceiro são destruídos como sociedade organizada, embora

<sup>19</sup> Por não ter sido possível acessar esta fonte, ela não será analisada nesta monografia.

sejam incorporados ao aparelho produtivo em seus níveis mais baixos (BENNASSER, 1999, p. 119)<sup>20</sup>.

Nesse sentido, esses três grupos coexistiam de maneiras distintas em um mesmo espaço. Aos cristãos foi concedido o papel de reorganizar e reestruturar a sociedade maiorquina. Aos judeus seria designado, quase que exclusivamente, um único papel dentro da nova sociedade: participação ativa e relevante no setor econômico. Os muçulmanos, por sua vez, foram em maior parte escravizados<sup>21</sup> e uma pequena parcela acabou por selar uma relação de vassalagem com Aragão.

Maiorca era uma cidade de fronteira, num contexto onde foi conquistada pelos catalães em detrimento dos muçulmanos. A presença judaica na região poderia ser compreendida como necessária, já que estes foram utilizados para re-habitar essas regiões fronteiriças e fortalecer a dominação aragonesa nos territórios então reconquistados. Em acréscimo, os impostos cobrados dos judeus eram significativos aos cofres da coroa. Vale ressaltar que eles tiveram que colaborar no financiamento das guerras catalã-aragonesas no mediterrâneo (ABULAFIA, 2002, p. 77). Este não seria o único elemento de cunho financeiro que conectaria os judeus maiorquinos, a aljama e a Coroa Aragonesa; através de alguns privilégios concedidos aos judeus ao longo do século, foi permitido a eles circularem por todo o território da Coroa de Aragão, apontando a comunidade judia de Baleares como importante elemento da dinâmica comercial e do alavancamento econômico regional (CHACON, 2004, p. 390).

O contexto de vida dos judeus maiorquinos no século em que o Atlas Catalão foi produzido era conturbado e dependia dos poderes régio e municipal. Pau Bennàsser nos mostra que os judeus da ilha sofriam extorsões fiscais sempre que a coroa ou o município necessitavam de maiores rendimentos. Isso ocorre porque durante esse período, a comunidade judaica estava diante de ações régias que possibilitavam a garantia de sua proteção, até certa medida. Entretanto, em diversos outros momentos, essas garantias, que se davam por meio de

---

<sup>20</sup> Tradução própria. Original: En los siglos XIII y XIV conviven en el reino de Mallorca tres grupos sociales, los cristianos, los judíos y los musulmanes. El derecho de conquista, en 1229-1235, adjudica a los primeros el papel de modeladores de la estructura social y económica de las islas, a los segundos se les asigna un papel económicamente relevante i socialmente discriminatorio, y a los terceros se les destruye como sociedad organizada, aunque son incorporados al aparato productivo en sus niveles ínfimos.

<sup>21</sup> Vale lembrar que os muçulmanos foram majoritariamente escravizados em Maiorca, enquanto que em Menorca foi selada uma relação vassálica entre os conquistadores cristãos e os muçulmanos que lá viviam.

decretos ou privilégios, se viam ameaçados a respeito de sua real efetividade e, portanto, traziam instabilidade à comunidade judia maiorquina.

Os judeus viviam sob uma alternância de períodos de maior e menor tolerância. O sentido de tolerância para o contexto em questão é diferente do significado do conceito na atualidade. De acordo com a pesquisadora e professora Aline Silveira, a tolerância praticada em espaços onde judeus, cristãos e muçulmanos se encontram pode ser compreendida como quebra de fronteiras para uma conveniência pragmatista. Assim, quando se está inserido nesse meio multicultural há uma obrigação de contato, seja pela necessidade ou pela conveniência. Para Silveira, esse movimento permite que de uma maneira ou outra, determinadas construções e pensamentos se esfaçem diante do outro, do novo que está sendo conhecido e reconhecido (SILVEIRA, p. 2013, p. 134-146).

O debate sobre as fronteiras da tolerância em um contexto multicultural plurireligioso pode ser melhor compreendido quando sabemos da existência de bairros isolados para grupos como os judeus. Os bairros judeus também podem ser chamados de *aljama* ou *call* na bibliografia especializada. Abulafia utiliza o termo *aljama* para se remeter à comunidade judaica, à uma organização formada por pessoas, uma entidade. A *aljama* era a instituição encarregada de governar e administrar internamente a comunidade judaica. Já a *call* é o espaço físico do bairro judeu (ABULAFIA, 2002, p. 85).

Antes de 1300 já havia localizações específicas para judeus na ilha Maiorca. Contudo, em 1290, Afonso III de Aragão prometeu criar um novo bairro para os judeus, a fim de aglomerá-los em um mesmo espaço na cidade de Palma. A *call* seria murada e possuiria portas de acesso (CHÁCON, 2004, p. 388). A criação da nova juderia acabou por concretizar-se somente durante o segundo reinado de Jaime II de Maiorca, em 1300. O espaço ficou conhecido como *call maior*. O monarca intimou que os judeus fossem alocados em um mesmo bairro murado. Os mesmos seriam obrigados a viver e dormir no local, mas poderiam trabalhar fora da *call*. Quem não cumprisse seria penalizado. As juderias foram comuns na Península Ibérica. Ao longo dos séculos XII-XIII, os judeus foram segregados em cidades como Zaragoza (1175), Zorita (1212) e Barcelona (1244) (CHÁCON, 2004, p. 389).

A separação dos judeus em bairros exclusivos poderia ser vista como uma forma de proteção real (na Sevilha de Alfonso X, o bairro judeu ficava próximo ao castelo do rei), sendo um exercício de tolerância, como explicado por Silveira (2013). Para Abulafia, a

criação de uma *call* única para todos os judeus indicava que uma “fina capa de proteção havia se desgastado”. O autor ainda nos diz que em meio à política de convivência aplicada, os governantes “evitaram a punição máxima de exclusão pela expulsão, mas optaram pela punição mínima da exclusão pelo isolamento” (ABULAFIA, 2002, p. 98-99). Nessa relação ambígua, analisamos que há uma necessidade do Outro (os judeus) próximo de si mesmo (o rei e os reinos cristãos), porém até certa medida, pois é preciso um afastamento, que resulta na exclusão pelo isolamento.

A relação de alteridade existente entre judeus e cristãos também pode ser percebida no códice Pueyo<sup>22</sup>. Essa documentação é uma compilação de privilégios e ordenamentos concedidos pela coroa à comunidade judaica nos séculos XIII e XIV, sendo o documento mais antigo datado de 1247. Tal fonte não se encontra disponível em sua totalidade; algumas páginas do códice foram extraviadas (NOGUEIRA, 2013, p. 142). Ela está disposta em ordem cronológica e manifesta uma parte da relação da comunidade judaica maiorquina com os reinados de Jaime I, Jaime II (de Maiorca), Sancho I, Jaime III, Pedro IV e João I<sup>23</sup>.

Observemos agora alguns trechos do códice Pueyo<sup>24</sup>:

22 de junho de 1311 - Códice Pueyo, f. 19: O rei Sancho confirma todos os privilégios que a mesquita hebraica havia desfrutado até então (CHÁCON, 2009b, p. 232)<sup>25</sup>.

[...]

7 de março de 1313 - Códice Pueyo, s / f. O rei Sancho ordenou ao tenente Berenguer de Sanjuan que mantivesse as franquias e imunidades dos judeus maiorquinos contra as reivindicações de alguns oficiais de sua cúria (CHÁCON, 2009b, p. 235)<sup>26</sup>.

[...]

28 de março de 1318 - Códice Pueyo, f. 17-18. Confirmação do rei da perpetuidade da posse da aljama de Palma, prometendo aos judeus que nunca os obrigará a mudar para outro local. A confirmação é feita após visita dos secretários citados acima (CHÁCON, 2009b, p. 246)<sup>27</sup>.

<sup>22</sup> O Códice Pueyo é o documento mais completo sobre a concessão de privilégio aos judeus, mas não o único. Para ver outras documentações de concessão de privilégios aos judeus de Maiorca, ver: CHACÓN, 2009a e CHACÓN, 2009b.

<sup>23</sup> Para acessar a documentação, ver FITA, Fidel; LLABRES, 1900a; b; c; d; e; f..

<sup>24</sup> Os fragmentos apresentados a seguir são um resumo das leis sancionadas. Para conferir os códigos de leis completos, ver anexo D.

<sup>25</sup> Tradução própria. Original: 22 Junio, 1311 - Codice Pueyo, f. 19: El rey Sancho confirma todos los privilegios que hasta la fecha había disfrutado la aljama hebrea (CHÁCON, 2009b, p. 232).

<sup>26</sup> Tradução própria. Original: 7 marzo, 1313 – Codice Pueyo, s/f. El rey Sancho manda a Berenguer de Sanjuan lugarteniente que mantenga las franquias e inmunidades de los judíos mallorquines contra las pretensiones de ciertos oficiales de su curia (CHÁCON, 2009b, p. 235).

<sup>27</sup> Tradução própria. Original: 28 marzo, 1318 – Codice Pueyo, f. 17-18. Confirmación del rey de la perpetuidad de la posesión de la aljama de Palma, a los judíos prometiéndoles que jamás les obligará a mudarlo a otro



[...]

7 de julho de 1323 - Códice Pueyo, b. 20-21. O Rei Sancho de Maiorca concede um privilégio à aljama dos Judeus da Cidade. A sinagoga scolam et domun scole judeorum foi confiscada em tempos de condenação geral, e convertida em capela de Santa Fé, tendo em conta os inconvenientes causados a judeus e cristãos pela existência da capela dentro do recinto da aljama, segundo o bispo deliberou transferi-lo a outro lugar, às suas próprias custas, em vista do qual os judeus lhe teriam concedido 2.000 libras, e os obrigou a doar 300 para a obra da Catedral. Agora que ele concede aos judeus o privilégio sobre a construção, sendo de propriedade real, ele não retornará ao culto cristão (CHÁCON, 2009b, p. 263)<sup>28</sup>.

[...]

26 de outubro de 1325 - Códice Pueyo, b. 31. Regente Felipe confirma todos os privilégios da aljama hebraica de Maiorca (CHÁCON, 2009b, p. 271)<sup>29</sup>.

[...]

3 de janeiro de 1344 - Códice Pueyo, f. 55v. Pedro IV confirma todos os privilégios concedidos aos hebreus de Maiorca por Jaime I, Alfonso III de Aragão, Jaime II de Maiorca, Sancho de Maiorca e o regente Felipe. Ele não menciona as concessões de Jaime III (CHÁCON, 2009b, p. 313)<sup>30</sup>.

[...]

12 de maio de 1359 - Pueyo Codex, b. 34v. O rei confirma sua disposição na qual havia proibido os candidatos a esse cargo, médicos, leiloeiros e cobradores de impostos, de serem eleitos secretários da aljama, excluindo também pessoas de notoriedade (CHÁCON, 2009b, p. 462- 463)<sup>31</sup>.

[...]

11 de janeiro de 1374 - Códice Pueyo, f. 80. Pedro IV confirma o mandato do regente Felipe de 5 de novembro de 1325, concedendo o direito de cidadania aos judeus de Maiorca (CHÁCON, 2009b, p. 492)<sup>32</sup>.

[...]

7 de novembro de 1381 - Códice Pueyo, f. 94v-95r. O rei confirma todos os privilégios da aljama, declarando que eles não poderiam de forma alguma prejudicar os concedidos aos cristãos (CHÁCON, 2009b, p. 518)<sup>33</sup>.

---

lugar. La confirmación se realiza tras una visita de los secretarios anteriormente citados (CHÁCON, 2009b, p. 246).

<sup>28</sup> Tradução própria. Original: 7 julio, 1323 – Codice Pueyo, f. 20-21. El rey Sancho de Mallorca, concede un privilegio a la aljama de los judíos de la Ciudad. Confiscada la sinagoga scolam et domun scole judeorum en tiempos de la condenación general, y convertida en capilla de Santa Fe, ateniendo a los inconvenientes que origina a los judíos y los cristianos la existencia de la capilla dentro del recinto de la aljama, de acuerdo con el obispo ha deliberado transferirla a otro sitio, con los gastos propios, en contemplación de las cuales los judíos le habrían otorgado 2.000 libras, y los ha obligado a donar 300 a la obra de la Catedral. Ahora les otorga a los judíos el privilegio sobre el edificio, siendo de propiedad real, no volverá al culto cristiano (CHÁCON, 2009b, p. 263).

<sup>29</sup> Tradução própria. Original: 26 octubre, 1325 – Codice Pueyo, f. 31. El regente Felipe, confirma todos los privilegios de la aljama hebrea de Mallorca (CHÁCON, 2009b, p. 271).

<sup>30</sup> Tradução própria. Original: 3 enero, 1344 - Códice Pueyo, f. 55v. Pedro IV confirma todos los privilegios otorgados a los hebreos mallorquines por Jaime I, Alfonso III de Aragón, Jaime II de Mallorca, Sancho de Mallorca y el regente Felipe. No menciona los de Jaime III, por opresivos (CHÁCON, 2009b, p. 313).

<sup>31</sup> Tradução própria. Original: 12 mayo, 1359 - Códice Pueyo, f. 34v. El rey confirma su provisión en la que había prohibido que fuesen elegidos secretarios de la aljama los que solicitasen ese cargo, los médicos y los corredores de lonja y de oraje, excluyendo también a personas de mala fama (CHÁCON, 2009b, p. 462-463).

<sup>32</sup> Tradução própria. Original: 11 enero, 1374 - Códice Pueyo, 80. Pedro IV confirma el mandamiento del regente Felipe de 5 de noviembre de 1325, otorgando el derecho de ciudadanía a los judíos de Mallorca (CHÁCON, 2009b, p. 492).

<sup>33</sup> Tradução própria. Original: 7 noviembre, 1381 - Códice Pueyo, f. 94v-95. Confirma el rey todos los privilegios de la aljama, declarando que en nada les podían perjudicar los concedidos a los cristianos (CHÁCON, 2009b, p. 518).

Ao analisar estes excertos, podemos observar e destacar a necessidade que os novos governantes tinham de reafirmar privilégios concedidos por reis anteriores. Em outros momentos, era necessário a reafirmação dos privilégios concedidos pelos reis em seus próprios reinados, o que pode apontar dificuldades na funcionalidade integral dessas concessões. Tais decorrências também demonstram uma instabilidade política e econômica no que tange a governabilidade e as relações com os judeus e seus bairros. A *aljama* de Maiorca tinha autonomia jurídica, mas estava submetida ao poder régio. Portanto, a estabilidade do bairro judeu dependia do equilíbrio do reino.

Privilégios poderiam ser concedidos tanto numa escala macro, com validade para toda a comunidade judaica como vimos anteriormente, como poderiam ser atribuídos a pessoas em específico. É o que acontece no caso de Cresques Abraham e sua família. Em 1368, com cerca de 42 anos, o produtor do Atlas Catalão se torna *familiar real* do Rei Pedro IV de Aragão. Em 1381, Cresques Abraham se torna *familiar real* do infante João pelos seus serviços prestados. Ao longo desse tempo, é conferido a Cresques Abraham, ao seu filho ou à sua família privilégios, licenças ou decretos. Tornar-se *familiar real* era um privilégio que aproximava os judeus da vida na corte por fazerem serviços reais. Aqueles que detinham o título de *familiar real* geralmente possuíam destaque pelo seu ofício. Dos familiares reais judeus que se relacionaram com a Coroa Aragonesa durante o reinado de Pedro IV, podemos observar que os atributos buscados para ser um *familiar real* eram bem variados. Encontramos produtores de mapas e ilustradores, médicos, comerciantes e um mestre de astrolábios.

Em 1378, como recompensa pelos seus serviços, o rei concedeu a Cresques o privilégio de fazer uso do canal de água da parte alta da cidade<sup>34</sup> (que provavelmente significaria água potável, ou pelo menos de melhor qualidade). Nesse caso, Riera i Sans comenta que o rei utiliza da colocação “tu” ao invés de “vós” para se dirigir a Cresques. Essa questão é colocada como “um sinal protocolar da condição de inferioridade social em que os judeus viviam nas propriedades cristãs que toleravam a convivência com eles”, ou seja, mesmo havendo uma proximidade entre ambas as partes e tal proximidade se dar pela

---

<sup>34</sup> Jaume Riera i Sans encontra a fonte principal para seu trabalho sobre a vida de Cresques Abraham e sua família no Arquivo da Coroa de Aragão. Não há acesso online a esse arquivo e seus respectivos documentos. Devido às circunstâncias, a fonte só pode ser acessada de maneira indireta através do trabalho de Sans, que disponibiliza ao longo do seu trabalho fragmentos do texto original encontrado nos arquivos.

concessão de privilégios e decretos, havia uma necessidade de diferenciar a condição deste protegido em relação aos outros súditos ou pessoas próximas à Coroa (SANS, 1978, p. 16).

Em 1380, Jafudá também tornou-se um ‘familiar real’. A aproximação de pai e filho da Coroa e da corte fez com que estes se aproximassem de nobres e de “cristãos distintos” (SANS, 1978, p. 17). As retaliações sofridas pelos dois na aljama (os secretários da aljama estariam cobrando impostos excessivos da família Cresques) pode ter algum paralelo com o fato de pai e filho possuírem relações mais estreitas com os cristãos, o que poderia talvez gerar algum sentimento de repulsa. Dois anos mais tarde, há uma solicitação do Rei Pedro IV para que Cresques Abraham ocupasse um dos cargos no conselho da aljama.

Outro privilégio concedido à família de Cresques Abraham foi em relação às normas de vestimenta e o conseqüente indicativo de sua confissão de fé. A família não tinha a necessidade, ou melhor, a obrigatoriedade, como os outros judeus, de deslocar-se com a *rodella*, distintivo obrigatório que a comunidade judaica deveria usar para uma mais rápida identificação e diferenciação.

Um último exemplo se refere a um decreto do príncipe João, em 1381. João endereça um documento ao governante de Maiorca, comunicando que havia retirado da jurisdição civil e criminal da cidade dois judeus, Cresques Abraham e Jafudá Cresques, uma vez que a partir daquele momento ambos estariam diretamente sob a sua jurisdição e proteção, já que eram ‘familiares reais’. O príncipe fez tal mudança no intuito de assegurar acordos (privilégios, proteção) para com Cresques Abraham. Interessante pensar o grau de importância que o Atlas Catalão (e outros serviços que deveriam ter sido solicitados a Cresques Abraham tinham para a coroa de Aragão) deveria possuir para o príncipe, visto que esses acordos reais, seja os privilégios, ou os decretos, eram um jogo de trocas, como forma de retribuir os serviços imbuídos a Cresques Abraham. (SANS, 1978, p. 22).

Os privilégios acompanharam os governos Aragoneses e sua instabilidade política durante parte do século XIII e ao longo do século XIV. Esses fatores articulam-se diretamente com as aljamas e a comunidade judaica e podem apontar que apesar de um conjunto de privilégios terem sido redigidos a favor dos judeus maiorquinos, essa não era uma garantia efetiva para a proteção do grupo em questão, já que nem sempre as leis estão de acordo com os costumes dos habitantes locais.

### 3. ATLAS CATALÃO: UMA COSMOLOGIA MEDIEVAL

#### 3.1 TRANSLATIO STUDIORUM: SABERES EM MOVIMENTO

A bacia mediterrânea, desde a antiguidade, pode ser vista como um caldeirão cultural. Nele, encontramos conexões e afastamentos, diplomacia e conflitos, bem como movimento de saberes e produções intelectuais. Em meio à efervescência cultural e intelectual medieval, o Atlas Catalão foi produzido pelo judeu sefardita Cresques Abraham, na ilha de Maiorca, por volta de 1375.

O Atlas Catalão possui seis folhas, onde cada uma possui 64,4 cm de altura por 50 cm de largura. Há uma clara divisão entre as duas primeiras folhas e as outras quatro. As duas primeiras expõem a cosmovisão do autor e de sua época. Na primeira folha há uma descrição dos 30 dias do mês, na qual cada dia é atribuída uma qualidade negativa ou positiva, aviso de perigo ou de bom negócio para os nascidos no dia em questão. Além dessas descrições, ainda há a presença de um homem zodiacal nu, cujas doze constelações zodiacais estão diretamente relacionadas com alguma parte do seu corpo; a descrição de cinco formas possíveis da criação do mundo, bem como a relação entre os quatro elementos (fogo, ar, água, terra).

A segunda folha possui continuações de textos da primeira e simboliza as quatro estações do ano com a imagem de uma pessoa em cada canto da folha, citando os signos astrológicos de cada estação. Não obstante, o que se destaca nesta folha são 37 círculos concêntricos, cada um contendo informações como: organização do calendário, as mansões lunares, os signos zodiacais e suas qualidades; esferas planetárias dos sete planetas (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), etc. Interessante apontar que o epicentro desses círculos é um homem segurando o astrolábio, que, nesse contexto, aponta que àquela época ainda existia uma compressão geocêntrica do mundo.

Figura 2 - Folhas cosmológicas do Atlas Catalão



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 1 e 2, c.1375.  
Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f2.item>. Acesso em 03/03/2020.

Adiante, as últimas quatro folhas compõem um mapa que se estende da atual Inglaterra à atual China, abordando também o norte da África e a Índia<sup>35</sup>. Nessas folhas há a localização de muitas cidades cujos nomes estão com coloração vermelha ou preta. Para reinos ou locais de maior destaque, a grafia das letras é muito mais elaborada e o tamanho das letras é maior em comparação com as outras cidades e lugares. Observamos ainda a localização de rios e montanhas e também de diversos elementos heráldicos, que estão espalhadas por todo o mapa. Encontramos, no mesmo plano de importância de outros elementos geográficos antes citados, a presença de descrições de cidades, maravilhas, mitologias, referências às bíblias cristã e hebraica. Boa parte desses elementos são acompanhados de imagens, que enriquecem ainda mais as narrativas e descrições presentes no mapa.

<sup>35</sup> Vale ressaltar que essas toponímias se referem à geografia no mundo contemporâneo, não à temporalidade da fonte em questão. A utilização de topônimos contemporâneos foi uma escolha visando a melhor compreensão da extensão do mapa de 1375.

Figura 3 - Folhas cartográficas do Atlas Catalão



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 3-6, c.1375.  
Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f6.item.zoom>. Acesso em 03/03/2020.

Através de vários séculos, devido a disputas políticas, econômicas, culturais e religiosas, os centros de poder foram transpostos de um lugar para outro. Esse fenômeno era conhecido pelos medievais e fora cunhado como *translatio imperii* por autores, dentre os quais Otto von Freising (século XII) e Jean de Galles (século XIII). A historiadora Aline Dias da Silveira nos afirma que “nos escritos medievais ocidentais o *translatio studiorum* pertenceria ao movimento do *translatio imperii*, termo utilizado para designar a transferência da *potentia* e *sapientia* do oriente ao ocidente, do Egito, Atenas, Roma à Paris” (2016, p. 172), ou seja, os próprios medievais enxergavam uma ligação entre a *translatio studiorum* e a *translatio imperii*, onde movimentos de saber estariam atrelados às dinâmicas e hegemonias políticas e econômicas.

De fato, o poder de centros políticos e econômicos podem facilitar a concentração de outros elementos, como o desenvolvimento científico, em uma mesma região. Cidades como Atenas, Alexandria e Bagdá formaram centros políticos e econômicos, ao mesmo tempo que também se destacavam pela produção de conhecimento. Todavia, o uso da perspectiva da *translatio imperii* não contempla a complexa rede que viabilizou a circulação de textos e outros artefatos. O trabalho de Francisco Flórido (2005), por exemplo, apesar de apresentar um bom panorama sobre a *translatio studiorum*, falha por explicitamente elucidar esse fenômeno com base no traslado dos impérios, além de ter como ponto de partida da *translatio studiorum* o fechamento da escola de Atenas e como ponto final a tradução de diversas obras antigas para o latim na Europa. Destarte, a rede estruturada por rotas marítimas e terrestres da rota da seda que conectavam China, Índia, Oriente Próximo, norte da África e

Europa na antiguidade e no medievo não são contempladas pela ótica de análise eurocêntrica do autor.

Como veremos adiante, o Atlas Catalão possui vestígios que nos permitem chegar ao pensamento milenar indiano e chinês. Dessa forma, é necessário reafirmar que não somente a região mediterrânica faz parte do traslado de saberes ao longo da antiguidade e medievo, mas também povos de outras espacialidades que também produziam conhecimento e foram essenciais para a edificação de saberes que manifestam-se no trabalho de Cresques Abraham.

Nessas circunstâncias, é importante salientar que apesar da *translatio studiorum* se remeter a um movimento de saberes no espaço geográfico, o caráter intelectual das obras movimentadas também se transformou. Com o fechamento da escola de Atenas no século VI, pensadores atrelados à academia platônica fugiram da Grécia e se dirigiram para Alexandria e ao Oriente próximo, levando consigo diversos textos. Esses textos sofreram inúmeros processos de traduções, comentários e reinterpretações por parte de árabes, persas e judeus. Além do mais, esse movimento não era uma mera reprodução de conhecimentos antigos. As ciências provenientes de diversos lugares se encontravam em um mesmo centro de saberes e lá havia tanto trabalhos de reprodução e manutenção de obras mais antigas (tanto gregas, como indianas, entre outras), como o desenvolvimento de novos conhecimentos, a exemplo da cidade de Bagdá durante o califado abássida<sup>36</sup>.

Parte da ciência produzida por persas, árabes e outros grupos no Oriente Próximo foi levada ao califado muçulmano na Península Ibérica e se difundiu pelo ocidente latino-cristão. Francisco Florido afirma que “o século XII marca o início de uma nova fase na *translatio* ocidental, na qual a tradução para o idioma latino seria transformado em um projeto organizado com grande repercussão”<sup>37</sup> (FLÓRIDO, 2005, 61-62). A massiva tradução de textos árabes para o latim e castelhano, por meio principalmente de judeus e moçárabes na Península Ibérica, entrelaçam culturas distintas, mas que compartilham muito em comum. Florido ainda afirma, no mesmo trabalho, que um dos fios em comum entre as três culturas monoteístas (cristianismo, islamismo e judaísmo) seria uma racionalidade com influências do neoplatonismo (FLORIDO, 2005, p.64-75).

---

<sup>36</sup> Para um aprofundamento sobre o desenvolvimento de saberes no califado Abássida, ver: LYONS, 2011.

<sup>37</sup> Tradução própria. Original: “El siglo XII supone el comienzo de una nueva fase en la *translatio* occidental, en que la traducción a la lengua latina se transformaría en una empresa organizada y con una gran repercusión” (FLORIDO, 2005, p. 61-62).

Por esta via, o filósofo Carlos Escudé, em seu ensaio *Neoplatonismo y pluralismo filosófico Medieval: un enfoque politológico* (2011), concebe uma base de discussão sobre o neoplatonismo medieval pela perspectiva dos entrelaçamentos culturais. Escudé verifica que a busca de conhecimento extrapolou fronteiras espaciais, linguísticas, religiosas e espaciais. O autor joga luz às aproximações entre os debates de filósofos cristãos, judeus e muçulmanos, apontando que enquanto dentro de cada uma dessas religiões havia pensamentos muito divergentes, nós também conseguimos encontrar muitas convergências nos debates e reflexões entre as três religiões monoteístas. Dessa forma, as camadas temporais e espaciais da *translatio studiorum* propiciaram o acúmulo de saberes comumente desenvolvidos e compartilhados por estes grupos.

Agora que assinalamos o que é *translatio studiorum* e como este fenômeno dialoga com o neoplatonismo, é importante situarmos o conceito de neoplatonismo utilizado nesta monografia. O pensamento neoplatônico utilizado aqui se refere basicamente aos trabalhos do filósofo da antiguidade Plotino de Licópolis<sup>38</sup>, que influenciou inúmeros filósofos, astrólogos e outros estudiosos ao longo do medievo. A filosofia neoplatônica de Plotino é explicada nas suas *Enéadas*<sup>39</sup>. A base filosófica que fundamenta o pensamento de Plotino é derivada, principalmente, do platônico, sendo recorrente a alusão a obras como *Timeu*, *A República* e *Parmênides*.

Nas *Enéadas*, a concepção de três hipóstases são fundamentais para a compreensão do pensamento plotiniano. Essas hipóstases são o Uno, o Intelecto (Noûs) e a Alma (do mundo). Para Plotino, “o Uno é todas as coisas e nenhuma delas, pois o princípio de todas as coisas não é todas as coisas” (PLOTINO, V.2,1)<sup>40</sup>. O Uno é como a energia que emana do Sol. É o antecessor de tudo e a causa primeira, apesar de não ter vontade. Ele é superior, simples e

---

<sup>38</sup> Plotino nasceu na cidade de Licópolis, Egito, por volta do ano 205 E.C. Estudou por mais de uma década com o pensador cristão Amônio Sacas, em Alexandria. Participou de expedições à Pérsia junto com o imperador Juliano e posteriormente mudou-se para Roma, onde fundou uma escola e ensinou por 26 anos. Seu pensamento e suas obras foram importantes para preservar a filosofia platônica, mesmo após o fechamento da Academia de Platão, em Atenas, pelo imperador Justiniano, em 529.

<sup>39</sup> As *Enéadas* foram escritas por Plotino, mas foi Porfírio (233-305), discípulo de Plotino, o responsável por editar e organizar a obra do mestre após sua morte (acredita-se a morte de Plotino ocorreu por volta de 270 E.C.). A obra é formada por 54 tratados que estão divididos em seis tomos, sendo cada um deles constituído por nove partes e, por isso, chamadas *Enéadas*, já que nove, em grego, é *ennéa*.

<sup>40</sup> Tradução própria. Original: “El Uno es todas las cosas y ni una sola. Porque el principio de todas las cosas no es todas las cosas” (PLOTINO, V.2,1).



perfeito. Do Uno emana<sup>41</sup> o Noûs. Mesmo sendo engendrado pelo Uno, o Noûs não é perfeito, pois é múltiplo. A multiplicidade do Noûs se dá porque nele estão contidas todas as ideias, o intelecto. Ele se volta ao Uno, mas em movimento descendente, também emana a Alma. A terceira substância, a Alma, volta-se ao Noûs de maneira intelectual, enquanto que descende em multiplicidade aos entes esfera corpórea, que é sensível (ULLMANN, 1995, p. 162-163; PLOTINO, III.8,3, VI.1,2 e VI.7,2, VI.7,6).

Em síntese:

As concepções plotinianas do mundo podem ser compreendidas como uma esfera de círculos concêntricos. O seu núcleo é o Uno, o qual se desdobra no Noûs e na Alma do Mundo. Uma vez que cada hipóstase sente necessidade da anterior para completar-se, estando o Uno completo em si mesmo essa dinâmica assegura a estabilidade dos círculos, pois o movimento de retorno da segunda e terceira hipóstases garante que essa esfera permaneça fechada sobre si mesma (NETO, 2010, p. 130)

A utilização dos conceitos neoplatonismo e emanacionismo são de suma importância para compreendermos alguns elementos da fonte que também possuem relação de micro e macrocosmos. Esses dois conceitos (neoplatonismo e micro e macrocosmos), aliás, serão utilizados concomitantemente para analisar os fôlios 1 e 2 do Atlas Catalão, uma vez que examinamos que o pensamento neoplatônico das três hipóstases está inserido na cosmologia de Cresques Abraham, como explicaremos posteriormente.

A produção do Atlas Catalão se dá em um contexto muito rico e profícuo culturalmente, em que sua elaboração só foi possível pela articulação de conhecimentos e saberes de cristãos, judeus e muçulmanos na região da bacia do Mediterrâneo. Na *aljama* maiorquina do século XIV, existia a circulação de textos e autores variados, como comentários de Al-Farabi e Averróis sobre Aristóteles, textos de Ptolomeu, obras de medicina de Isaac Israeli, obras astronômicas de Abraham bar Hiyya, além de traduções do hebraico e do árabe (NOGUEIRA, 2013).

Nas bibliotecas do bairro judeu de Maiorca, onde Cresques Abraham morava, destaca-se a forte presença de autores de influência neoplatônica, consoante os já citados Al-Farabi, Averróis, além de Salomón ibn Gabirol (conhecido pelos escolásticos católicos

---

<sup>41</sup> É importante ressaltar que o Uno emana e não divide, da mesma forma como o fogo irradia o calor. Para aprofundamento da teoria emanacionista em Plotino, ver LUPI; GOLLNICK, 2008, p. 13-30.

como Avicibrón), Abraham ibn Ezra, Isaac Israeli, Maimônides, assim como tantos outros (NOGUEIRA, 2013, p.152-155).

Sobre as produções filosóficas possíveis que influenciaram este cartógrafo, Magali Nogueira faz um levantamento de textos que circulavam por Maiorca à época de Cresques Abraham. Não podemos afirmar com toda a certeza que o mesmo leu tais textos, entretanto, esta é uma grande possibilidade, visto que encontramos vestígios dos pensamentos filosóficos que estavam sendo amplamente discutidos naquele momento no bairro judeu maiorquino à época da fonte estudada. Vale salientar que o livro no século XIV não era um artigo comum, mas sim um artigo de luxo, valioso. Não seria coincidência, portanto, encontrarmos indícios da influência dos textos catalogados no bairro judeu (e outros textos correlatos) no Atlas Catalão.

Nas tabelas a seguir, encontramos as obras identificadas nos inventários das bibliotecas de Leon Mosconis e de Mossé Almaterrí, de acordo com o trabalho realizado por Nogueira (2013, p. 152-155):

Quadro 1 - Inventário da Biblioteca de Leon Mosconis

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
Abraham ibn Ezra	Comentário sobre as tábuas, de Al-batani
Al-Petradius	Novela Astronômica
Averroes	Comentários sobre Aristóteles
Al-Farabi	Comentários sobre Aristóteles
Ptolomeu	Almagesto
Abraham ibn Ezra	Tratado de Aritmética (Sefer haMispar)
Averroes	Tratado sobre o acordo da Religião segundo a Filosofia
Talvez de Aboul Kasim ibn Al-Safâr, traduzido por Jacob B. Makhir	A confecção do astrolábio
Isaac Israeli	Tratado da urina
Jacob b.Makhir	Almanaque
Abraham Bar Hiyya	Tratado de geometria

Averroes, com tradução de Calonymos b. Calonymos	Comentário sobre Tratado do Céu e do Mundo, de Aristóteles
Aristóteles, com tradução de Samuel ibn Tibbon	Tratado Meteorologia
Ikhwān Al-Şafā (conhecidos também como Irmãos da Pureza, com tradução de Calonymos b. Calonymos)	Capítulo sobre os animais (extrato da enciclopédia dos Irmãos da Pureza)
Abraham Bar Hiyya	A forma da Terra
Abraham ibn Ezra	Sefer Há-Olam (famoso trabalho de astrologia), com comentário de Samuel Motot
Joseph ibn Çaddik	Microcosmos
Aristóteles	Metafísica

Fonte: NOGUEIRA, 2013, p. 152-153

Quadro 2 - Inventário da biblioteca de Mossé Almaterí

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
Rashi (Rabi Shlomo Yitzhaki)	Comentário à Gênesis
Maimônides	Guia dos Perplexos
Abraham ibn Ezra	Comentário bíblico
Aaron ben Jacob ha-Kohen	Orhot Hayym
Abraham ibn Ezra	Supercomentário ao comentário
Abraham Bar Hiyya	Tratado do Calendário
Solomon ibn Gabirol (também conhecido como Avicebron)	Mivhar há-Peninim
Ptolomeu	Planisfério

Fonte: NOGUEIRA, 2013, p. 155.

Uma quantidade variada de textos pode ser identificada em inventários de livros pertencentes aos contemporâneos de Cresques Abraham em Maiorca. A exemplo de dois

inventários das bibliotecas dos judeus Mossé Almaterí e León Mosconis, é possível observarmos alguns dos textos que circulavam pela *aljama* maiorquina e que eram lidos pelos judeus que ali viviam. As sinagogas, além de serem um espaço coletivo de culto religioso, também serviam como um ambiente para debates e compartilhamento de textos e conhecimento.

Os escritos encontrados nesses inventários judeus na *aljama* maiorquina apresentam assuntos variados, mas que na maior parte dos casos possuem elementos inerentemente conectados e associados, como textos sobre a composição da essência divina, geometria, geografia, astrologia e astronomia, temáticas constantemente detectadas no Atlas Catalão. No medievo, esses temas foram amplamente debatidos pelos persas, árabes, cristãos e judeus. Muitos desses autores, como os judeus Isaac Israeli, Solomon ibn Gabirol, Maimônides, Abraham ibn Ezra, Abraham Bar Hiyya e os islâmicos Al-Farabi e os Irmãos da Pureza tinham em semelhante não somente o interesse pelo estudo sobre os temas anteriormente citados. Outro fator convergente nos trabalhos desses autores era a influência da perspectiva neoplatônica difundida em suas obras.

Estas obras e pensadores estavam inseridos na dinâmica de convergências e divergências articulada entre as três grandes religiões monoteístas explicada por Escudé (2011). Os agentes dessas articulações de pensamento não são citados diretamente no Atlas Catalão<sup>42</sup>. Entretanto, tais agentes aparecem através da visão cosmológica apresentada na fonte, o que reforça a possibilidade de que autores muito presentes nas bibliotecas da *aljama* foram lidos por Cresques Abraham.

### 3.2 A ESFERA LUNAR: UMA AMÁLGAMA PARA A COMPREENSÃO DO COSMOS

A cosmografia e a cosmologia na antiguidade e no medievo caminhavam lado a lado. Apesar de serem termos anacrônicos para se referirem ao período medieval, é possível utilizá-los nos estudos medievais, desde que com cuidado. É importante ressaltar que, na antiguidade e no medievo, muitas das disciplinas e áreas da ciência como conhecemos hoje não existiam, uma vez que os estudos da época se davam de forma indissociável. Dessa

---

<sup>42</sup> As exceções da negativa são Ptolomeu, Isidoro de Sevilha e Plínio, o Velho, que são explicitamente citados na obra maiorquina.

forma, o estudo dos astros não era somente o estudo dos astros. Era também o estudo da natureza, do divino, da mística, da matemática, da filosofia, da astrologia, da magia, e assim por diante. Diante disso, John Brian Harley e David Woodward afirmam em um de seus textos para o *History of Cartography* que:

Os mapas cosmológicos surgem do esforço do homem para entender seu universo. Eles representam uma tradição diferente, mas complementar, de cartografia. É provável que eles fossem considerados tão práticos e idealmente precisos quanto qualquer mapa geográfico. Nos períodos antigo e medieval, quando a distinção entre o material e o espiritual não era feita como na era pós-Reforma, as duas tradições de mapeamento estavam intimamente relacionadas (HARLEY; WOODWARD, 1987, p. 507)<sup>43</sup>.

O Atlas Catalão, portanto, deve ser entendido como uma cosmologia e como uma cartografia de seu tempo. Os elementos presentes na fonte demonstram um esforço do autor para assimilar diversas questões presentes na realidade de seu tempo. Dessa forma, ficam evidentes na fonte explicações metafísicas sobre a origem do ser humano, bem como a utilização de saberes astronômicos, astrológicos, religiosos, matemáticos e geográficos. Por meio desses recursos, Cresques Abraham desenvolveu imagens e textos sobre as marés e ventos; medicina por intermédio da astrologia; calendários e muito mais. Conforme Harley e Woodward comentam no excerto acima, não havia distinção entre o material e o espiritual, assim como não havia uma concepção do que era científico e do que não era. Além disso, a organização espacial dos mapas e cosmologias medievais deveriam confluir com concepções e reflexões filosóficas e religiosas daqueles que os produziam. Salientamos, portanto, que o recurso da hermenêutica imaginativa (SCHUBACK, 2000, p. 11-40) colabora para que compreendamos que a espiritualidade, a mística, os saberes cosmológicos, filosóficos, matemáticos, médicos, mágicos, estão associados na fonte, não sendo possível dissociarmos uma parte para análise sem termos o entendimento do todo.

Kathleen Holland (2010, p. 6-8) aponta que as relações micro e macrocosmos presentes no Atlas Catalão conectam as questões espirituais e materiais do ser humano, em concordância com Harley e Woodward. Podemos entender por micro e macrocosmos uma

---

<sup>43</sup> Tradução própria. Original: Cosmological maps arise from man's endeavor to understand his universe. They represent a different but complementary tradition of cartography. It is likely that they would have been regarded as just as practical, and just as ideally accurate, as any geographical map. In the ancient and medieval periods, when the distinction between the material and the spiritual was not made as in the post-Reformation era, the two traditions of mapping were closely interrelated (HARLEY; WOODWARD, 1987, p. 507).

relação entre o mundo cósmico e o corpo humano, pela qual o corpo do ser humano reflete o próprio universo (MENDES, 2018, p. 68; 95). Silveira aprofunda esse conceito, explicando que o corpo humano e a natureza apresentam um paralelo cósmico-antropológico, “que apresenta o ser em fina sintonia com o universo” (SILVEIRA, 2012, p. 154). A historiadora ainda afirma que a relação humano-natureza não é sujeito-objeto, uma vez que o ser humano encontrou na natureza sua continuação, bem como seu corpo encontrou no cosmos uma continuidade.

José de Toro Vial, em seu artigo *As crônicas universais e a cosmografia medieval*, cita três subcategorias de crônica universal, gênero de escrita muito utilizado no período medieval. A subcategoria de interesse aqui é a crônica *imago mundi*. Vial, tal qual Anna-Dorothea von de Bricken (BRICKEN *apud* VIAL, 2015, p. 166), conceitua a crônica *imago mundi* como uma obra mais ampla e de caráter enciclopédico, que fala sobre etnografia e ciências naturais, na qual “a história aparece figurando como parte do saber geral e complementar das demais ciências” (VIAL, 2015, p.168). Frequentemente, encontram-se reflexões históricas nesse tipo específico de crônica.

Assim, apontamos que o Atlas Catalão possui características que o enquadram nessa categoria, tendo em vista que nele há uma complexa rede de informações para o tempo em que foi produzido, como a descrição de cinco formas para a criação do mundo; a direção do vento em oito direções (o que corresponde atualmente aos pontos cardeais e colaterais); um diagrama das marés; outro diagrama médico-astrológico que relaciona as partes do corpo humano com os signos zodiacais (homem zodiacal); o desenvolvimento de um sistema que prevê a data de festividades móveis, como o carnaval, a Páscoa e Pentecostes, e muito mais.

Na descrição dos dias da lua que acessamos no fólio 1, analisamos que dos 30 dias do mês, 21 apresentam elementos do antigo testamento bíblico e da bíblia hebraica (todos encontrados em Gênesis, com exceção de uma passagem sobre Moisés), como é possível observar no excerto abaixo:

Estes são os dias da Lua, os bons e os ruins:

01 - No primeiro dia da Lua foi criado Adão. É um bom dia para começar toda obra, casar, vender e comprar; sair em viagem – por mar ou por terra – e construir casas. Aquele que ficar doente nesse dia irá se curar e o que nascer viverá; aquele que sonha verá realizado seu sonho ao primeiro dia ou ao quinto dia e se tropejar será para o bem.

02 – No segundo dia da Lua foi criada Eva. É bom para casar-se, fazer a colheita (colher uva) e fazer óleo, vender e comprar vinho e óleo, contratar mão de obra, ir

por mar ou por terra e traficar qualquer mercadoria e podar vinhas e cepas. Quem estiver mal salvará e a criança que nascer viverá, será correto e sábio em obras maravilhosas; os sonhos se cumprirão ao terceiro dia.

[...]

10 – No décimo dia Noé começa a fazer a arca. É bom para toda a obra, para semear, ceifar e colocar infantes em ofício; aquele que nascer viverá; o doente morrerá e se tropejar será para o bem.

[...]

17 – No décimo sétimo dia foram destruídas as duas cidades de Sodoma e Gomorra. Não fazer nenhuma obra; o doente morrerá e aquele que nascer viverá trinta e oito anos e o sonho se cumprirá no mesmo dia e se tropejar morte será (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 260)<sup>44</sup>.

Nesses fragmentos, observamos que há uma influência direta da lua sobre os acontecimentos de cada dia. Em 22 dos 30 dias, elementos do Antigo Testamento, mais especificamente do Pentateuco, se fundem com assuntos da vida cotidiana, como casamento, nascimento de filhos, trabalho na terra, negócios, vida e morte. Os dias também apresentam um padrão binário de bem e mal, vida e morte, fertilidade e infertilidade. A relação entre um passado mítico, o poder da esfera lunar e do número correspondente ao dia do mês potencializam uma previsão de futuro.

A lua não aparece somente na descrição e influência dos dias. O satélite natural da Terra é o principal astro na cosmovisão de Cresques Abraham. Sua presença, embora não tão explícita, é encontrada novamente ainda na folha 1:

Esta roda nos mostra o Áureo número o tempo todo, as semanas que haverá carnaval, em que dia de março ou abril será a Páscoa e em quais dias de maio ou junho será Pentecostes. E assim [o fareis]: sabeis que no ano de 1375 corre o número Áureo em 08; moveis agora a figura<sup>45</sup> de maneira que a mão esquerda fique adiante do número 08, que corre neste ano de 1375 e ali onde fica a outra mão, ali estão as semanas de carnaval, ali onde assinala o punho da espada nos mostra a Páscoa e ali onde toca o capuz nos mostra Pentecostes naquele ano. No ano seguinte deixe o número oito e mova a figura em direção ao número 09 e (assim) ao término de

<sup>44</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 260: Aquests son los jorns de la Luna, lons bons e els mals. 01 – En lo primer dia de la Luna fo creat Adam e és bona a comensar tota hobra, e a fer matrimoni e a vendre, e a comprar, e anar en viatge, vulats per mar per terra, e a bastir alberchs, e hom qui caga en malatia guara; e infant qui y naxera vivra; e qui y somiara sera provat al primer dia o al sinquen jorn. E si y tronara, per bé será.

02 – Lo sagon jorn de la luna fo creada Heva. E es bo per fer matrimoni, e avanemar vi, e a fer holi, e a vendre e a comprar vi e holi, e a loguar manobres, e anar per mar vulats per terra, e a tota mercadaria; e apodar vinyes e ceps. E lo malalt guara; e infant que y naxera vivra, e sera cert e savi en hobres maravellosos. E el somi provera al terç jor.

10 – Lo .X. jorn Noe comensa a fer l’archa. Es bo a tota hobra; a sambrar e a seguar, e a metra infants en ofici. E qui naxera vivra; e lo malalt morra; e si tronara, per be sara.

17 – Lo .XVII. jorn se destroviren los dos ciutats de Sedom e Gamora. No y fases naguna hobra, e lo malalt morra e qui naxera vivra .XXXVIII. ayns, e lo somi provera en son jorn, e si tronara mort sarà.

<sup>45</sup> “Ao centro da roda existia figura com um braço estendido, provida de espada e capuz, que era movimentada a partir do número Áureo para obter as datas das festas móveis” (SAU, 2008 *apud* NOGUEIRA, 2013, p. 267).

dezenove anos tornarà a 1 e assim para sempre. O número preto indica abril e o vermelho indica março (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 267)<sup>46</sup>.

Figura 4 - Calendário perpétuo e o ciclo metônico na folha 1 do Atlas Catalão



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f.1, detalhe, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n?rk=21459:2>. Acesso em 03/03/2020.

<sup>46</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 267: Aquesta roda vos mostra l'auero numero tots temps, e quantes setmanes de carnal, e a quants jorns ve Pasqua de març o d'abril; e Çingogema en quants jorns de may's o de juy'n sara. E ayxi hoc sapiats: que en l'any MCCCLXXV corra l'auero numero en VIII. Adonchs vogits la figura fins sia la ma esquera hon ha scrit l'auero numero, andret de nombre de VIII qui corra en aquest ayn MCCCLXXV; e a la hon vos mostra l'altra ma, son setmanes de carnal; e la hon vos mostra gaspa de l'aspassa vos mostra Pasqua; e a la hon toca la capula del cap vos mostra Cincogema per aquel ayn. E l'altre ayn lexaren lo mombre de VIII e vogirets la figura en IX; e fins a XIX ayns tornarets en .I. E ayxi per tots temps lo nomre negre mostra abril e lo vermel amostra mars.



Na fonte, o texto citado é acompanhado da imagem acima (Figura 4). Encontramos círculos concêntricos nos quais em um deles, há letras escritas e em outros quatro, há sequências de números em algarismos romanos. Analisando os dados do diagrama, inferimos que este é um calendário perpétuo que por sua vez se difere de um calendário comum de meses de um ano, pois nele consegue-se identificar o dia da semana de uma determinada data para qualquer ano que esteja inserido dentro do sistema de contagem do dispositivo em que está o calendário. Entretanto, o calendário comum -composto por semanas, meses e ano-, carecia de dispositivos que facilitassem o acesso às datas das festas móveis.

Como o próprio autor da fonte nos conta, esse tipo de calendário serve de ferramenta para identificar a data de festas móveis, como a Páscoa e Pentecostes e festas que devem realizar-se sempre no mesmo dia da semana, a exemplo do Carnaval (terça-feira), Quarta-feira de Cinzas, Sexta-feira Santa e Corpus Christi (quinta-feira). Esses festejos não possuem data fixa no calendário solar, como o juliano ou gregoriano. Devido a festividades como a Páscoa serem estabelecidas a partir do ciclo lunar e o ciclo das estações depender do Sol, há a necessidade de fundir o movimento astronômico de ambos os astros em um único calendário.

O calendário perpétuo do Atlas Catalão é lunissolar, sendo desenvolvido a partir do ciclo metônico, um aprimoramento do calendário lunissolar proposto pelo grego Meton, em 432 AEC e composto por dezenove ciclos (anos) teria os mesmos 235 meses sinódicos (o tempo aproximado de 29, 5 dias transcorrido entre duas luas novas). Para isso, todos os anos teriam doze meses, e aos anos 3, 5, 8, 11, 13, 16 e 19<sup>47</sup>, um décimo terceiro mês seria adicionado, somando-se 235 meses ao final do ciclo. De modo intercalado, 125 meses eram cheios (30 dias) e 110 eram deficientes, possuindo apenas 29 dias. Assim, 19 ciclos teriam o mesmo número de dias que 235 meses sinódicos e 19 anos trópicos (RICHARDS, 1999, p. 96-99).

Observemos agora os dados encontrados no calendário do Atlas Catalão, na folha 1 (quadro 3):

---

<sup>47</sup> A exemplo de curiosidade: o calendário hebraico também utiliza um sistema semelhante. Todavia, possuem um mês extra os anos 3, 6, 8, 11, 14, 17 e 19.

Quadro 3 - Diagrama do calendário perpétuo da folha 1 do Atlas Catalão<sup>48</sup>

<b>Círculo (do interno ao externo)</b>	<b>Informação<sup>49</sup></b>
1	1376 baxex.
2	B, B, B, B, B.
3	5, 6, 7.
4	A, G, F, E, C, B, A, G, E, D, C, B, G, F, E, D, B, A, G, F, D, C, B, A, F, E, D, C.
5	8, 19, 11, 3, 14, 6, 17, 9, 1, 12, 4, 15, 7, 18, 10, 2, 13, 5, 16.
6	10, 10, 10, 10, 10, 9, 9, 9, 9, 8, 7, 8, 8, 8, 7, 7, 7, 6, 6.
7	31, 30, 28, 27, 25, 23, 22, 19, 18, 16, 14, 13, 11, 10, 9, 6, 5, 3, 2.
8	31 <i>đmag</i> , 29 <i>đmag</i> , 28 <i>đmag</i> , 26 <i>đmag</i> , 24 <i>đmag</i> , 23 <i>đmag</i> , 21 <i>mag</i> , 20 <i>đmag</i> , 18 <i>đmag</i> , 16 <i>đmag</i> , 15 <i>đmag</i> , 13 <i>đmag</i> , 12 <i>đmag</i> , 10 <i>đmag</i> , 9 <i>đmag</i> , 6 <i>đ jīy</i> ", 5 <i>đmag</i> , [número não identificado], [número não identificado] <sup>50</sup> .

Fonte: Elaborada pela autora

No primeiro círculo, encontramos a informação “1376 baxex”; no segundo há cinco letras B e, no terceiro anel, encontramos os números 5, 6 e 7. Até o momento, o significado desses elementos ainda é nebuloso e inconclusivo, mas deixaremos registrado aqui uma possibilidade de análise. O possível ano de produção do Atlas Catalão é 1375, uma vez que Cresques Abraham se baseia neste ano para fazer os calendários das folhas 1 e 2. Contudo, o número escrito no primeiro círculo é 1376 e está junto ao termo “baxex”, cujo significado não foi encontrado. O anel 3 apresenta os números 5, 6 e 7, que se remetem aos anos 1375, 1376 e 1377 (BUCHON, 1839, p. 26). Como hipótese, apontamos que as cinco letras B que

<sup>48</sup> Destacamos, novamente, que o exercício de transcrição da fonte ocorreu com suporte nos trabalhos de BUCHON; TATSU, 1839 e de NOGUEIRA, 2013. Além disso, é essencial ressaltar que na fonte os números estão em algarismos romanos minúsculos, bem como em praticamente toda a fonte. Em exceções, os números estão em algarismos indo-arábicos. Nos quadros e no texto utilizei números indo-arábicos para facilitar a visualização das informações. Nas citações diretas do manuscrito optei por manter a forma como o autor escreve na fonte.

<sup>49</sup> Na fonte, esses números estão destacados em vermelho. Optamos por destacá-lo da mesma forma que no manuscrito.

<sup>50</sup> Não é possível identificarmos os números porque o canto da folha está danificado e perdeu tinta, provavelmente por conta de manuseio.

aparecem no círculo 2 se remetem aos cinco anos bissextos existentes em um ciclo metônico de dezenove anos. Tendo em vista que o calendário perpétuo da fonte tem como base o ano de 1375, o primeiro ano bissexto do ciclo seria 1376, explicando a localização desse número próximo à uma das letras B.

O círculo quatro é composto pelas sete primeiras letras do alfabeto, A, B, C, D, E, F, G, que estão grafadas em vermelho. Cada letra se repete quatro vezes, totalizando vinte e oito letras. As letras de “A” a “G” são utilizadas nos calendários perpétuos para identificarem a letra dominical, ou seja, os dias do ano que ocorrem no domingo e, conseqüentemente, identifica-se também quando ocorrem os outros dias da semana ao longo do ano (PICKERING, 1980, p. 2-7). Como exemplo, observamos que o primeiro dia de janeiro de 1375 deu-se numa segunda-feira. Logo, segunda-feira foi o dia A de 1375, terça-feira foi o dia B e assim por diante, até chegar à letra dominical G. Devido ao dia de domingo ser o mais importante para os cristãos, o ano de 1375 foi assinalado como ano G.

A seqüência de letras, entretanto, possui sempre uma letra faltante a cada quatro espaços. No intervalo em que há uma letra faltante há um ano bissexto. Em alguns calendários o ano bissexto corresponde a duas letras (ano AG; ano GF; ano FE, e assim por diante) (PICKERING, 1980, p. 8-9). Já no Atlas Catalão encontramos uma lógica um pouco diferente, mas que imprime o mesmo efeito: a segunda letra é suprimida (ano A; ano G; ano F; supressão da letra D; ano C; e assim por diante).

Outro elemento que aparece nos mapas medievais junto à letra dominical é o número dourado<sup>51</sup>, também conhecido como número áureo. No quinto círculo, encontramos números de 1-19. Aparentemente, eles estão embaralhados, mas se olharmos com cuidado enxergamos uma fórmula para desvendar a seqüência desses números: há uma soma de valor 11 ou uma subtração de valor 8 entre cada número. Soma-se 11 tendo em vista que o limite possível é 19 (SAMSÓ, 1973, p. 97). Se uma soma ultrapassa esse limite, significa que deve-se subtrair 8, e assim por diante. A seqüência encontrada no Atlas Catalão (8, 19, 11, 3, 14, 6, 17, 9, 1, 12, 4, 15, 7, 18, 10, 2, 13, 5, 16) não é exclusiva do trabalho de Cresques Abraham. Na verdade, este é um padrão matemático utilizado em todos os calendários perpétuos que fazem uso do

---

<sup>51</sup> O número dourado é encontrado em diversos calendários e livros de horas medievais. Nesses documentos, a cor dos números é destacada, sendo geralmente dourada. O argumento para esse destaque é que esse número seria mais “mais precioso” que os demais (NOTHAFT, 2018, p. 56). No Atlas Catalão, todavia, o número dourado não tem destaque visual, sendo escrito com a cor preta.

número áureo e podem ser apreciados em outros calendários medievais, como no *St. Alban Psalters* (século XII), em *Les Grandes Heures de Jean Duc de Berry* (1407-1409) e nas *Les très riches heures du Duc de Berry* (ca.1410) (PICKERING, 1980, p. 14-40).

O sexto anel do calendário perpétuo apresenta esta sequência de dezenove números: 10, 10, 10, 10, 10, 9, 9, 9, 9, 8, 7, 8, 8, 8, 7, 7, 7, 6, 6. A partir de algumas evidências, inferimos que este círculo seja parte da identificação da semana do Carnaval. Primeiramente, a terça-feira de Carnaval necessariamente ocorre entre a sexta e a décima semana do ano, devido à estrutura astronômica e matemática do calendário. Nesse momento, vejamos novamente a seguinte passagem escrita por Cresques Abraham:

Esta roda nos mostra o Áureo número o tempo todo, as semanas que haverá carnaval, em que dia de março ou abril será a Páscoa e em quais dias de maio ou junho será Pentecostes. E assim [o fareis]: sabeis que no ano de MCCCLXXV corre o número Áureo em VIII; moveis agora a figura<sup>52</sup> de maneira que a mão esquerda fique adiante do número VIII, que corre neste ano de MCCCLXXV e ali onde fica a outra mão, ali estão as semanas de Carnaval (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 267)<sup>53</sup>.

De acordo com o próprio autor, a roda do calendário perpétuo indica o número áureo (presente no anel cinco) e as semanas onde haverá Carnaval. Apesar do extravaiamento da figura móvel que ficava ao centro do diagrama, podemos compreender, pelas palavras de Cresques Abraham, que quando a imagem era movida de acordo com as instruções, a mão direita indicaria a semana de Carnaval do ano vigente. Na cultura cristã, o Carnaval está diretamente associado à Páscoa, uma vez que a primeira festividade inicia a quaresma, um período de quarenta dias de preparação espiritual e corporal que culmina na comemoração Pascal.

No círculo 7 encontramos os números “31, 30, 28, 27, 25, 23, 22, 19, 18, 16, 14, 13, 11, 10, 9, 6, 5, 3, 2”. Já o último anel é composto por “31 *dmag*, 29 *dmag*, 28 *dmag*, 26 *d mag*, 24 *d mag*, 23 *d mag*, 21 *mag*, 20 *d mag*, 18 *d mag*, 17 *d mag*, 15 *d mag*, 13 *dmag*, 12 *d mag*,

<sup>52</sup> De acordo com Nogueira e Buchon, ao centro da roda existia uma figura com um braço estendido, provida de espada e capuz, que era movimentada a partir do número Áureo para obter as datas das festas móveis (SAU, 2008 *apud* NOGUEIRA, 2013, p. 267 e BUCHON; TASTU; 1839, p. 26).

<sup>53</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 267: Aquesta roda vos mostra l'auro numero tots temps, e quantes setmanes de carnal, e a quants jorns ve Pasqua de març o d'abril; e Çincogema en quants jorns de mays o de juy n sara. E ayxi hoc sapiats: que en l'any MCCCLXXV corra l'auro numero en VIII. Adonchs vogits la figura fins sia la ma esquera hon ha scrit l'auro numero, andret de nombre de VIII qui corra en aquest ayn MCCCLXXV; e a la hon vos mostra l'altra ma, son setmanes de carnal; e la hon vos mostra gaspa de l'aspassa vos mostra Pasqua.

10 *ḏ mag*, 9 *ḏ mag*, 6 *ḏ jīy*", 5 *ḏ mag*, [número não identificado], [número não identificado]" (CRESQUES ABRAHAM, 1375, f1)<sup>54</sup>. Podemos constatar que em cada círculo há dezenove números, que possivelmente estão relacionados aos dezenove anos do ciclo metônico.

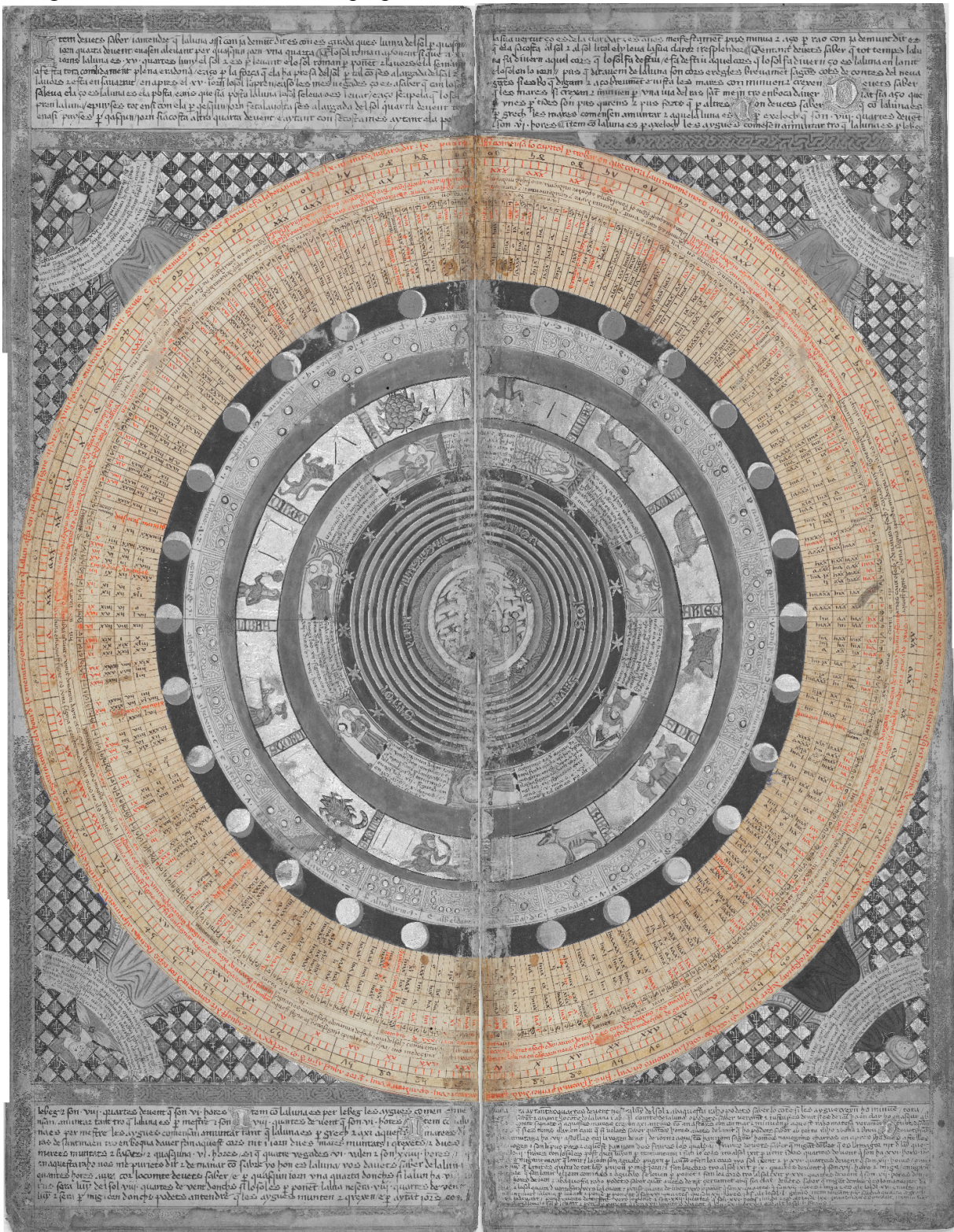
Infelizmente, as sequências dos números não foram decodificadas e, devido a isso, é impreciso designar a sua funcionalidade no calendário. Apesar disso, conseguimos identificar em dicionários especializados o significado do termo "*ḏ mag*". A letra "d" com um corte (*ḏ*) é uma abreviação recorrente em manuscritos medievais e tem como um de seus significados as palavras "dies" (dia), "Domini" (Senhor), "Dominus" (mestre) e "Deus" (Deus) (CHASSANT, 1884, p. 19-24; CAPELLI, 1899, p. 86-87). Já "mag", no dicionário de Alphonse Chassant, tem significados como magno e magnífico. Com a informação dos dicionários, podemos atestar que o termo possivelmente significaria algo como "dia magno" ou "Deus magno".

Sabemos que o círculo 4 apresenta os dias da semana e a letra dominical por meio das letras de A a G. O quinto círculo nos mostra um esquema comum em calendários medievais que servem para descobrir o número dourado de cada ano. Da mesma forma, concluímos que os números de 6 a 10 encontrados no anel 6 se remetem às únicas semanas nas quais é possível ocorrer a festa de Carnaval. Até aqui, a roda do calendário perpétuo respondeu a todas as necessidades levantadas por Cresques Abraham, exceto uma: qual o dia da Páscoa? O autor ressalta que "o número preto indica abril e o vermelho indica março" (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 267)<sup>55</sup> e comenta que o calendário nos mostra em qual dia de março ou abril será a Páscoa. Sendo a descoberta do domingo de Páscoa um dos principais motivos para o desenvolvimento de um calendário deste tipo, atestamos que os anéis restantes, o sétimo e o oitavo, correspondem à parte que indica a festa pascal, uma vez que esses são os únicos círculos que apresentam números correspondentes a dias do mês, chegando a 31, e que também apresentam números em vermelho, estando de acordo com o texto escrito pelo autor sobre o seu calendário.

<sup>54</sup> Tradução e transcrição própria.

<sup>55</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 267: Lo nomre negre mostra abril e lo vermel amostra mars.

Figura 5 - Realce do calendário perpétuo e do ciclo metônico na folha 2 do Atlas Catalão



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 03/03/2020. A imagem original foi modificada com a intenção de destacar os círculos descritos no texto.

Figura 6 - Amostra parcial do calendário na folha 2 (círculos 37 a 27)



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Español 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, detalhe, c.1375. Disponível em: [https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4\\_double](https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4_double). Acesso em 03/02/2021.

Todo o esquema encontrado na roda do calendário na folha 1 aparece novamente em forma de texto e imagem na folha 2, mas desta vez, em outra disposição:

Aqui começa o capítulo para procurar o número áureo de qualquer ano que se queira saber: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19. Foi escrito o número de dezenove anos porque o número áureo compreende dezenove anos passados quando se retorna ao começo. Sabendo certamente que no ano MCCCLXXV corre o número Áureo VIII até que cheguem ao primeiro dia de janeiro em que deixaremos o VIII e pegaremos o IX para todo o ano de MCCCLXXVI. Isto acontecendo se muda o primeiro dia de janeiro e faz o dia natural de vinte e quatro horas e a hora de sessenta minutos. Também se sabe que a Lua está em cada signo dois dias e oito horas e avança cada dia treze graus e cinquenta e nove minutos e assim sempre. A hora natural é de sessenta minutos, quer dizer, de LX pontos (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 283)<sup>56</sup>.

<sup>56</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 283: Assi comensa lo capítol per trobar en que corra l'auru mo(me)mero quasqu ayn que saberhuulats:1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, per çon l'aru nomru és en los .XIX. ayns per ço avem esquit nombre de .xix. ayns, que a cap de .xix. ayns torna de cap. E sepiatz de sert que l'áyn .M.CCCLXXV. corra l'auru nonro en VIII. Fins que sarem al primer dia de janer [que laxaren] .VIII. e pandren .VIII. per tot aquel ayn de .M.CCCLXXVI. Et aquest dit concordent de tot temps se cambia al primer dia de janer, e da de .XXIII. hores lo gorn natural e la hora de .LX. menuts. Encara devets saber que la luna sta em quasqu signe .II. dies e .VIII. hores e va tot[s] dies .XIII. graus e .LIX. menuts et axí perpatua; e fa la hora natural de .LX. menuts vulats dir .LX. punts.

O excerto acima preenche o círculo mais externo (37°) do grande diagrama presente na folha 2<sup>57</sup>. Como podemos comparar, o conteúdo deste anel reforça o que já havia sido escrito e ilustrado na folha anterior. Em análise, isso nos mostra a importância dada pelo autor em explicar didaticamente o calendário, adicionando neste círculo informações sobre a composição do dia e o tempo em que a Lua fica em cada signo zodiacal. Vale ressaltar que neste círculo há a presença tanto de números em algarismos romanos, como em indo-arábicos<sup>58</sup>.

Os anéis seguintes continuam relacionados à organização e didatização do calendário e de sua íntima relação com a astronomia. O 36° círculo é composto por números em algarismos indo-arábicos, que estão organizados em quatro quadrantes de 90 graus. Eles são divididos de 5 em 5 graus, percorrendo o seguinte trajeto: de 0 a 90 graus, de 90 a 0 grau, de 0 a 90 graus e de 90 a 0 grau. A geógrafa Magali Nogueira afirma que essa graduação numérica é típica dos astrolábios, instrumento antigo capaz de identificar e determinar a posição de astros no céu acima do horizonte, sendo o zênite marcado em 90 graus (NOGUEIRA, 2013, p. 90-91).

Assim como no anel anterior, no círculo 35 encontramos os 360 graus graduados por 5 linhas (4 vermelhas e 1 preta) em cada espaço correspondente a 5 graus do círculo 36. Ou seja, cada linha no anel 35 corresponde a 1 grau. Por fim, no círculo 34 há uma divisão da circunferência em 12 partes. Cada uma dessas divisões possui 30 graus, que também estão graduadas de 5 em 5 graus e, dessa vez, os números estão em algarismos romanos ao invés de indo-arábicos. A divisão em 12 se deve, principalmente, às 12 constelações dos signos zodiacais, uma vez que cada signo permanece em Sol por aproximadamente 30 graus. Em acréscimo, essa divisão está totalmente alinhada ao círculo 33, em que a natureza de cada signo astrológico é explicada<sup>59</sup>. Já no anel 32 estão expostos, em 12 partes, os meses dos anos e seus respectivos números de dias. Este círculo não está alinhado aos dois anteriores, pois o

<sup>57</sup> Para contemplar a fonte em melhor qualidade, acessar: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 14/04/2021.

<sup>58</sup> Sonja Brentjes afirma que nos mapas e em outros manuscritos do século XIV era comum a mescla das duas formas de expressão dos números (BRENTJES, 2012, p. 145). Os algarismos que usamos até hoje têm suas origens na Índia. Os árabes se apropriaram do sistema e a partir de algumas modificações dos algarismos por falantes do árabe do norte da África os algarismos indo-arábicos chegam ao continente europeu por volta do século X. Esta forma de expressão numérica já era bem conhecida no século XIV, mas ficou extremamente popular com a invenção da imprensa, no século XV.

<sup>59</sup> Esse círculo será analisado junto ao anel 26, que possui doze imagens que representam as constelações e os signos zodiacais.



início do mês não coincide com a entrada do signo em uma nova casa astrológica.

Finalmente, chegamos à última parte do calendário na folha 2. Na roda 31 as letras de A a G são novamente citadas. Dessa vez, encontramos a sequência repetida 52 vezes, o equivalente ao número de semanas em um ano trópico. Logo, cada dia do ano está representado por uma letra. Como já comentado, o ano-base de elaboração do calendário foi 1375 e seu primeiro dia do ano caiu em uma segunda-feira. Sendo assim, todas as segundas-feiras serão representadas pela letra A, todas as terças-feiras pela letra B, até chegarmos à letra dominical G.

Junto às letras dominicais há mais quatro círculos que concluem o esforço didático de Cresques Abraham na elaboração do calendário: na 30ª circunferência está o número áureo; nos círculos 29, 28 e 27 encontramos informações sobre dias, horas e minutos, respectivamente (CRESQUES ABRAHAM, 1375, f2). Em *Scandalous error: Calendar Reform and Calendrical Astronomy in Medieval Europe*, o historiador Philipp Nothaft apresenta uma série de calendários medievais e elementos recorrentes nessas fontes. Apesar do Atlas Catalão não ser mencionado pelo autor, podemos, a partir da sua análise sobre calendários lunares eclesiásticos (2018, p. 53-64), verificar a função dos círculos 30-27 na folha 2 do Atlas Catalão. Assim como Nothaft concluiu ao investigar calendários como o de Abbo de Fleury (c. 1110), nós constatamos que os dados encontrados nos círculos 30 a 27 são uma esquematização da data e da estimativa do horário de ocorrência da Lua nova. Cada número dourado indicaria cada um dos 235 dias onde ocorreria uma Lua nova durante os dezoito anos do ciclo metônico do calendário juliano.

O arabista e historiador da ciência Júlio Samsó verifica que apesar da beleza do manuscrito maiorquino, o documento não apresenta um trabalho complexo nos campos da matemática e da astronomia (SAMSÓ, 2008, p. 50-53 *apud* NOGUEIRA, 2013, p. 94) e revela diversos erros no cômputo de elementos que formam o ciclo metônico. Para o ciclo de dezoito anos harmonizar os calendários solar e lunar, sete desses anos são embolísticos, ou seja, há o acréscimo de um mês lunar, fazendo com que esses anos possuam treze luas novas, ao invés das habituais doze lunações. Esses meses adicionais aparecem nos calendários analisados por Nothaft (2018, p. 59), mas são omitidos do calendário de Cresques Abraham (1375, f.2). No círculo 30 do Atlas Catalão todos os meses possuem dezoito números áureos

e nenhum possui acréscimo. Este é um pequeno exemplo das falhas encontradas no documento.

Como podemos averiguar, o calendário é um elemento muito importante e que ocupa espaço significativo na constituição do manuscrito. De acordo com Jacques Le Goff, “o tempo do calendário é totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo” (LE GOFF, 1990, p. 425), ou seja, ao mesmo tempo em que o objeto calendário é fabricado a partir de fenômenos da natureza (movimentação da Lua, rotação da Terra), daquilo que não podemos manipular, ele é também fruto das relações sociais de um grupo. Ademais, o calendário transpassa a ciência, a cultura, a natureza, a política e a religião. A exemplo disso, relembramos que o governante de Aragão encomendou o Atlas Catalão a fim de presentear o rei da França e que o calendário de Cresques Abraham possui forte caráter religioso por buscar prever as datas de festas móveis eclesiásticas.

O Atlas Catalão é uma pequena compilação de informações variadas. Se hoje temos trabalhos multidisciplinares, na Idade Média tínhamos obras desenvolvidas por meio das artes liberais, que compunham saberes como aritmética, astronomia, geometria, gramática, lógica, entre outras. Essas informações não são necessariamente oriundas de estudos e trabalhos do autor que a produziu, mas sim um esforço didático de compilação de trabalhos desenvolvidos por estudiosos, como aqueles encontrados nas bibliotecas da *aljama* maiorquina. Desse modo, é compreensível que haja erros como os citados por Samsó no empreendimento de Cresques Abraham, uma vez que o mesmo era conhecido pelo ofício de ilustrador e mestre de *mappaemundi*, como comentam Jaume Riera i Sans (1978, p. 12-14) e Katrine Kogman-Appel (2014, p. 32-34).

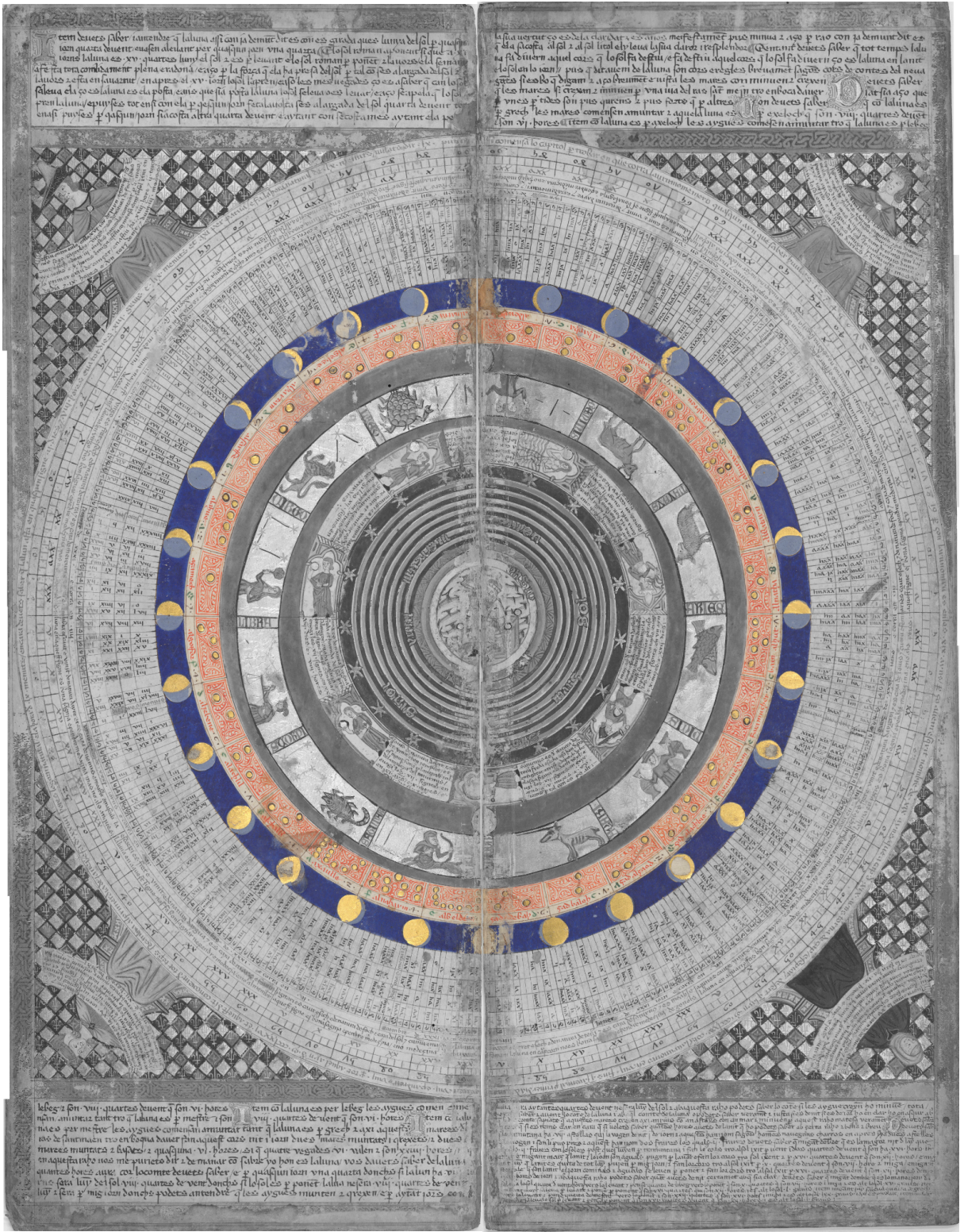
Até então, nos preocupamos em analisar os diagramas que envolvem a contagem do tempo por meio do calendário. O calendário juliano, bem como o calendário gregoriano ou quaisquer outros tipos de calendários são fundamentados em relações astronômicas que envolvem a Terra e astros, como o Sol e/ou a Lua. Essas relações também se dão no calendário de Cresques Abraham que, como vimos, é baseado em um sistema de 19 ciclos que busca conciliar os ciclos solar e lunar.

O calendário ocupa considerável parte das duas primeiras folhas do Atlas Catalão. Ao observarmos o restante do conteúdo dessas folhas, encontramos um elo que intermedia o tema do calendário com outros: a Lua. Consideramos o satélite natural da Terra o astro mais

importante da cosmologia do judeu sefardita, as folhas cosmológicas são constantemente marcadas pela presença da Lua. Ela é encontrada no diagrama das marés, nos dias da lua, no calendário lunissolar, no diagrama cósmico-antropológico do homem zodiacal, na descrição do astro em parte do seu texto e dedica uma circunferência para representar vinte e oito momentos do mês sinódico lunar. Por hora, não temos como explicar se essa marcante presença lunar é algo intencional ou uma coincidência. Resta-nos, a partir de então, entendermos a importância que a Lua pode inferir na visão cosmológica construída por Cresques Abraham.

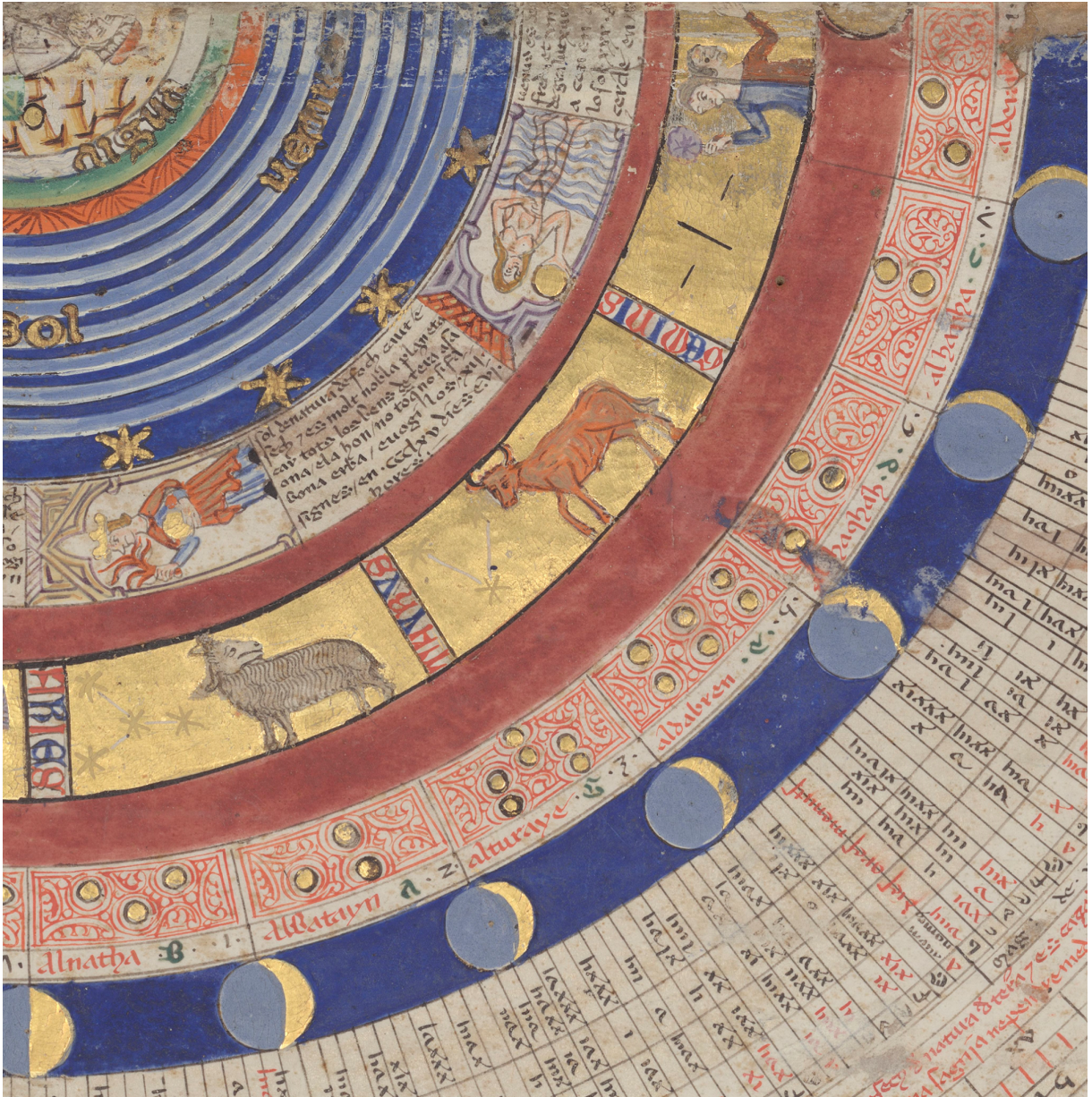
A roda 26 possui grande destaque visual devido à sua combinação de cores, como podemos ver a seguir (Figura 7 e Figura 8):

Figura 7 - Realce das mansões lunares e suas respectivas estrelas na folha II do Atlas Catalão (círculos 26-24)



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 20/04/2021. A imagem original foi modificada com a intenção de destacar os círculos descritos no texto.

Figura 8 - Amostra parcial das mansões lunares e suas respectivas estrelas na folha II do Atlas Catalão (círculos 26-24)



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 03/02/2021. A imagem original foi recortada com a intenção de destacar os círculos descritos no texto.

Este círculo de tonalidade azul é composto por vinte e oito Luas douradas, cada Lua representando um momento específico do ciclo lunar. Na roda 25, junto a cada uma das Luas, temos um nome árabe latinizado de estrelas que fazem parte das constelações zodiacais. Enquanto que os doze signos zodiacais são relativos à astrologia solar, este conjunto de Luas e suas respectivas estrelas formam as mansões lunares, que fazem parte da astrologia lunar.

A Lua é um importante astro para diversas civilizações. As mansões lunares, também nomeadas de moradas ou estações lunares, são conhecidas na astrologia árabe como *manzil*, na indiana como *nakshatra*, e na chinesa como *sieu* (LEWIS, 2013, p. 419). Ainda não há consenso se a origem desse sistema é indiana ou chinesa. O que podemos aferir é que as mansões lunares são componentes milenares da astrologia desses povos asiáticos e influenciaram a astrologia árabe-islâmica (YAMPOLSKY, 1950, 62-83). Os árabes-muçulmanos, por sua vez, já conheciam e dominavam esses saberes quando chegaram à Península Ibérica. No século XIII, através dos esforços de tradução empreendidos pelo rei cristão Alfonso X de Castela, obras em língua árabe foram traduzidas para o latim e castelhano, como é o caso do *Libro de Astromagia* (c. 1280) e do *Picatrix* (1256)<sup>60</sup>. No *Libro de Astromagia*<sup>61</sup> encontramos a descrição de cada uma das 28 mansões lunares. O autor da obra afirma que a descrição que se segue é baseada “segundo o que disseram os indianos”<sup>62</sup> (ALFONSO X, 1992, p. 204). Através da frase do autor, averiguamos que já na época em que o manuscrito foi produzido havia-se consciência da influência da tradição astrológica indiana na Península Ibérica e nos trânsitos intelectuais e culturais.

Na tabela a seguir, encontramos os nomes das estrelas que correspondem às moradas lunares, de acordo com o Atlas Catalão de 1375 (Quadro 4):

Quadro 4 - As mansões lunares do círculo 26 da folha 2 do Atlas Catalão<sup>63</sup>

Transcrição da fonte	Nome latinizado (do árabe)
Alnatha	Alscharathan
Albatayn	Albathyn

<sup>60</sup> Aline da Silveira aponta que “O Libro de Astromagia constitui-se da mesma matéria que o Picatrix, sendo que trechos de ambas as obras são utilizados pelos tradutores para explicações de temas em comum” (2019, p. 611).

<sup>61</sup> O historiador Alejandro García Avilés aponta que havia um intercâmbio cultural entre a corte de Alfonso X de Castela e a de Pedro IV de Aragão. Ambos tinham grande interesse no estudo dos astros e da astrologia. O *El Libro conplido en los iudizios de las estrellas*, tratado enciclopédico de astrologia elaborado na primeira metade do século XI pelo astrólogo árabe Ali Ben Ragel foi traduzido pelo *scriptorium* alfonsino em 1254. Sabemos da existência de uma cópia desse livro na corte de Pedro IV de Aragão em 1359 e foi traduzido para o catalão em 1386 (AVILÉS, 1996, p. 7-9). Esse texto, portanto, circulava na corte de Pedro IV no período em que o Atlas Catalão foi produzido. Relembramos que Cresques Abraham trabalhou para Pedro IV e para João I como *familiar real* e, por isso, não seria impossível que ele tivesse acesso a esta obra. Por fim, é interessante pontuar aqui que este manuscrito tinha predições astrológicas para cada casa lunar. Essas previsões também são encontradas no Atlas Catalão, como veremos posteriormente.

<sup>62</sup> Tradução própria. Original: “segund que dixieram los indios” (ALFONSO X, 1992, p. 264).

<sup>63</sup> O quadro em questão é uma adaptação da tabela encontrada no trabalho de tradução de Jean Alexandre Buchon e Joseph Tatsu (1839, p. 35).

Alturaye	Altsoreya
Aldabren	Aldebaran
Alhagh	Alhacaa
Alhanha	Alhanaa
Alderahila	Alderaa
Alnatra	Alnetra
Atarf	Altharfa
Algebet	Aldjebha
Alkartan	Alzobra
Alfarffe	Alsarfa
Alahuc	Alaua
Açamech	Alsimak-Alazal
Algaffar	Algafra
Alzebene	Alzobanya
Alachil	Alaklyl
Alchalb	Calb-Alarsab
Axaulle	Alschaula
Almahym	Alnaaym
Albelde	Albeteda
Çadadebah	Saad-Aldzabih
Çadbaloh	Saad-Bola
Çaldaçadod	Saad-Alsoud
Cadalacbie	Saad-Alakbya
Faramuchdem	Farg-Aldelou-Almocaddem
Faramucher	Alfarg-Almoakkher
Batn-Alhut	Bathn-Alhaut

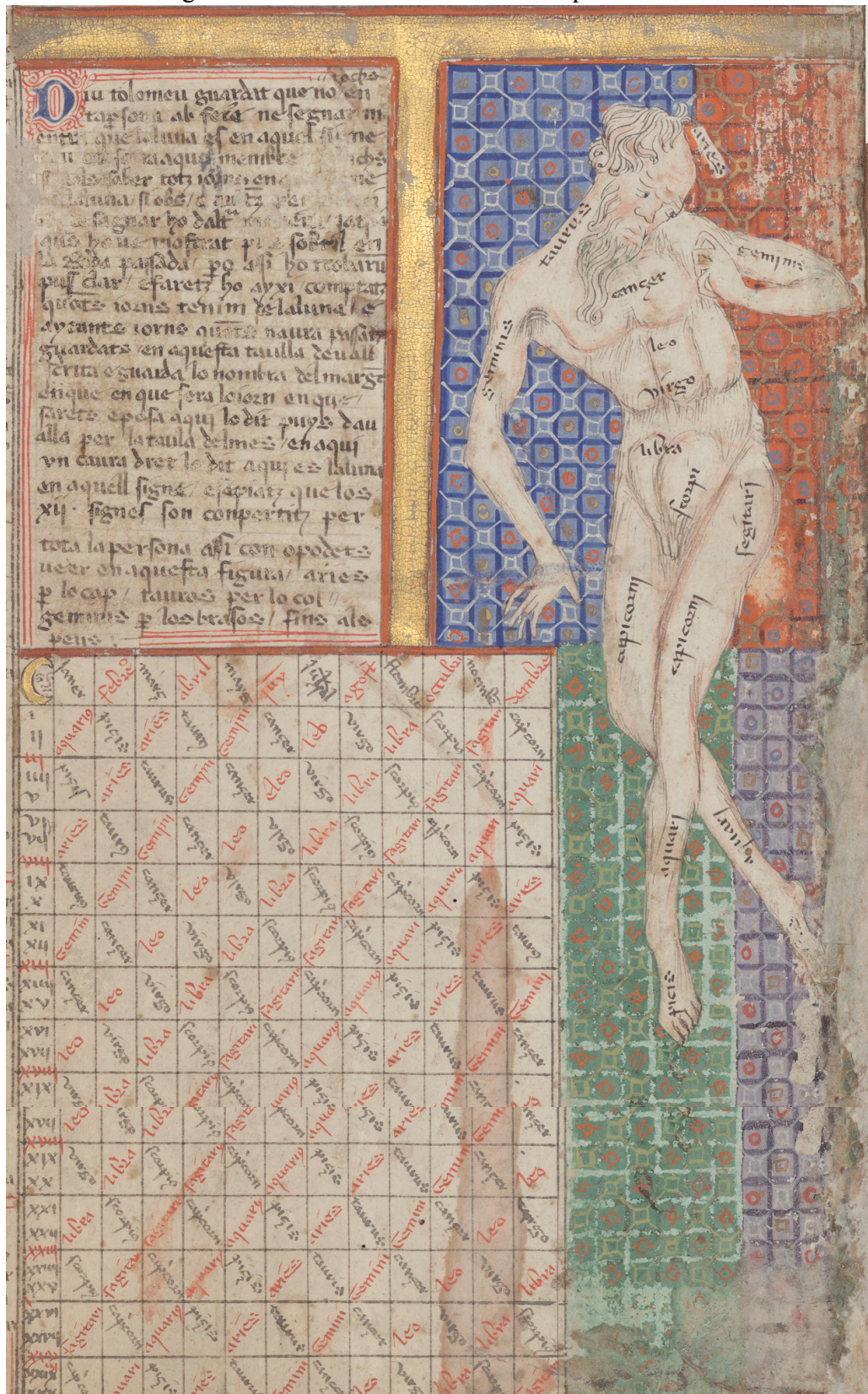
Fonte: BUCHON; TATSU, 1839, p. 35

Os árabes e persas medievais foram responsáveis pela elaboração de inúmeras tábuas astronômicas e propiciaram grandes descobertas na área (KING, SAMSÓ, 2001). Não à toa, a nomenclatura das estrelas ligadas a cada uma das mansões lunares no Atlas Catalão estão em termos árabes latinizados e até hoje muitas constelações são identificadas com estes nomes antigos. Na coluna esquerda (quadro 4) vemos a transcrição das estrelas no manuscrito. Já a coluna à direita (quadro 4) é uma escrita latinizada dos nomes árabes das estrelas, apresentada na tradução de Buchon (BUCHON; TATSU, 1839, p. 35) Estes nomes estelares são muito semelhantes aos que identificamos no *Libro de Astromagia* (ALFONSO X, 1992, p. 204-224). Portanto, apesar do autor do texto astromágico afirmar que a descrição das estrelas das mansões lunares se baseia nos saberes dos indianos, os nomes dessas estrelas estão em árabe latinizado, sendo um exemplo de amálgama que costurou as redes e os trânsitos culturais e intelectuais da antiguidade e do medievo.

Como podemos perceber até então, a esfera lunar é uma grande protagonista na cosmografia de Cresques Abraham. Sua importância, contudo, não para por aqui. Quando retornamos à folha 1, a presença lunar é mencionada textualmente inúmeras vezes, embora ela só apareça imgeticamente nos círculos 20 e 26 da folha 2. Sendo assim, prestemos atenção na imagem a seguir (Figura 9):



Figura 9 - O homem zodiacal de Cresques Abraham



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 1, c.1375.  
Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 03/03/2020.

A figura do homem zodiacal na primeira folha nos apresenta um homem nu de meia idade, com barba longa e calvo. Em cada parte do seu corpo há um signo zodiacal correspondente (áries está na cabeça; touro está no pescoço; gêmeos, nos braços e assim por diante). Cada membro de seu corpo em movimento toca um quadrante de cor diferente. Aline Silveira e eu argumentamos que cada quadrante se remete a um dos quatro elementos: “o pé esquerdo toca a terra, o retângulo verde, o pé direito toca a água, o retângulo azul-claro, a mão direita toca o ar, o retângulo azul-escuro, e a mão esquerda toca o fogo, o retângulo vermelho”. O movimento do corpo resulta na letra  $\aleph$  (Aleph), importante para mística judaica cabalística (SILVEIRA, SCHMITT, 2020, p. 525)<sup>64</sup>.

Junto à imagem anterior (Figura 9) encontramos o seguinte texto:

Disse Ptolomeu: Guarda-te de não ferir o corpo com ferro nem fazer sangria enquanto a Lua se encontra no signo que rege o membro. Então, se queres saber, a qualquer momento, em que signo se encontra a Lua, porque necessitais de uma medicina ou tens que sangrar ou fazer alguma coisa, ainda que já tenhamos mostrado mais acima, na roda anterior, aqui o encontras mais claro. Fareis assim: Contais quantos dias lunares temos e quantos dias que tenham passado observe na tábua abaixo; observe o número da margem em que há o dia que estareis e põe aí o dedo, depois percorra a tábua do mês: o ponto onde cair diretamente é ali onde se encontra a Lua, naquele signo. Sabeis que os doze signos estão repartidos por todo o corpo, como podemos ver nesta figura: Áries na cabeça, Touro no pescoço, Gêmeos nos braços e assim até os pés (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 268)<sup>65</sup>.

Já na folha 2, identificamos este excerto:

Áries é quente e seco e da natureza do fogo, é casa de Marte, é de signo masculino. Com a Lua neste signo é bom para sangrias e aplicar medicinas, porém não se há de fazer medicina na cabeça.  
Touro é frio e seco, da natureza da Terra, é casa de Vênus, é masculino. Com a Lua

<sup>64</sup> Aline Silveira e Bianca Schmitt propõem uma análise iconológica dessa imagem no artigo “*Ymage del Mon*”: *o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham, 1375* (2020). Em suma, as autoras buscam compreender as inter-relações espaciais presentes no Atlas Catalão (1375) entre o corpo microcosmo e o macrocosmo, utilizando como fundamento a visão de mundo manifesta na própria fonte sobre a relação interdependente e espelhada entre ambos, a considerar que essa relação consiste em uma perspectiva amalgamada a partir dos entrelaçamentos transculturais e transtemporais. Elas apontam como o autor manifesta a racionalidade de uma mística judaica por meio das relações micro e macrocosmos do corpo judeu com as esferas celestes.

<sup>65</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 268: Diu Tolomeu: guarda't que no tochs en ta persona ab ferra ne segnar, mentra que la luna és en aquel signe qui es sobra aquel membre. 'Adonch' si vol saber totz jorns en qual signe es la luna, si obs o avets [permedicina] [o per] sagnar ho d'altra manera, jatsia que us [havem] mostrat pus sobr[...] en la roda pasada, però assí ho trobareu pus clar e faretz-ho ayxi: omptatz quants jorns tenin de la Luna, e aytants jorns quants n'aurà passatz guardats en aquesta taulla devalta escrita, e guarda lo nombra del màrgen (en què) en què serà lo jorn en què saret, e posa aquí lo dit; puy davalla per la taula, del mes: enaquí un caurà dret lo dit aquí es la Luna en aquell signe. E sapiatz que los XII. signes són conpertitz per toda la persona assí con o podets veer en aquesta figura; Aires per lo cap, Tauros per lo col, Geminis per los brasos, fin als peu.

em Touro não é bom para sangrias e nem tampouco é bom para aplicar medicina nem fazer medicinas no pescoço (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 284)<sup>66</sup>.

O pensamento simpático de correspondência identificado por Silveira e Schmitt na figura do homem zodiacal se repete na folha 2 quando o autor descreve os 12 signos zodiacais (círculo 33). Parte dessa descrição se preocupa em destacar a relação dos signos com a Lua. A Lua funciona como um prisma por onde as virtudes das constelações e dos planetas passam e refletem no corpo humano, que está na Terra, esfera posterior à da Lua. Em outras palavras, as esferas supralunares (planetas e estrelas) emanam sua força e virtudes, que são intensificadas e direcionadas pela esfera lunar à esfera sublunar (Terra), sendo importante para trabalhos mágicos e para a medicina, estando de acordo com a teoria neoplatônica.

Esta estrutura, na qual virtudes emanam de uma esfera superior para outra inferior, podem ser encontradas em várias fontes medievais, não só em Ptolomeu, que é citado por Cresques Abraham. A correspondência entre micro e macrocosmos é milenar e podemos encontrar referências em antigas tábuas mesopotâmicas do século VI AEC (SILVEIRA, SCHMITT, p. 522-523). Já uma referência mais próxima temporalmente a Cresques Abraham seria o astrólogo judeu Abraham ibn Ezra (1089-1167), que também escreveu sobre a relação e influência de esferas celestes. Por trás dos escritos de ibn Ezra e de tantos outros astrólogos e filósofos medievais encontrados nas bibliotecas maiorquinas o neoplatonismo proporcionou uma coesão filosófica. As esferas planetárias concêntricas são bem conhecidas nos trabalhos astronômicos e astrológicos de Ptolomeu, bem como são vistas em Aristóteles e Isidoro de Sevilha, mas filosoficamente, encontramos nessa cosmovisão de Cresques Abraham a potência que emana do Uno, do Intelecto e da Alma.

Após as esferas do calendário perpétuo, das mansões lunares e de suas constelações correspondentes, das imagens dos signos zodiacais e de suas descrições, chegamos ao círculo 20. Aqui, identificamos imagens simples como as dos signos zodiacais que representam os astros Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno (Figura 10). Junto a cada imagem destes componentes astrais há uma pequena descrição, como a que se segue abaixo:

Marte é da natureza do fogo, quente e seco, é pleno de melancolia, lhe agrada

---

<sup>66</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 284: Aries[és] caut e sech e de natura de foch e caza de Març e signe meschulí. La Luna em aquest signe és bona sagnia e pendre medecina, e no fazzes medecina al cap. Taurusés fret e sech, de natura de terra e és caza de Venus e maschulí. La Luna en Taurus no és bona sagnia ne pendre medecina ne fer medecina al choll.

batalhar e, em seguida, vingar-se, por isso é denominado o Deus da Guerra. Percorre os doze signos em um ano, dez meses e vinte e dois dias.

[...]

Saturno é da natureza da terra, frio e seco. Torna aos homens velhos, tristes e pouco benévolos; a sua figura é a de um homem velho. Percorrem os doze signos em vinte e nove anos, cinco meses e quinze dias, por ser o mais alto (Tradução de NOGUEIRA, 2013, p. 282-283)<sup>67</sup>.

Figura 10 - Os astros e suas esferas (círculos 20-5)



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 03/03/2020. A imagem original foi modificada com a intenção de destacar os círculos descritos no texto

<sup>67</sup> Transcrição de NOGUEIRA, 2013, p. 282-283: Març és de natura de foch, caut e sech e plen de malenconi e volent-se baraylà e tost se vol venjar, per asò s'apella déus de bataylla, e vogi los .XXI. signes en un ayn e .X. mezes e .XXII. dies. Saturnus és de natura de terra, freda e secha, e fa hon de gran entigetat e trist e de poch de bé, e la sua figura és d'om veyl, e ugi los .XII. signes en .XXIX. ayns e .V. mezes e .XV. jorns per tal com és pus alt.

Assim como na esfera dos signos zodiacais, quando o autor do manuscrito descreve os planetas ele destaca a sua natureza, pontuando a qual elemento pertence, se é frio ou quente, úmido ou seco. As características dos astros são potencializadas pela esfera lunar, da mesma forma que as constelações zodiacais são catalisadas na emanção da Lua.

Logo após às imagens e textos sobre os planetas encontramos oito arcos azul-escuros intercalados com outros sete arcos azul-claros (Figura 10, círculos 19 a 5). O primeiro arco azul escuro é preenchido por dezoito ou dezenove estrelas<sup>68</sup>. Os outros círculos azul-escuros estão vazios. Em cada círculo azul-claro há o nome de um planeta astrológico, respeitando a seguinte sequência de fora para dentro: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Ao analisarmos podemos interpretar um recurso didático aplicado por Cresques Abraham entre os círculos 22 e 5. Primeiro, ele identifica as constelações zodiacais e os planetas por imagens e descrições. Em seguida, repete os mesmos elementos de maneira organizada no diagrama de esferas azuis. A primeira esfera é exclusiva para estrelas e uma esfera para cada planeta.

As 3 próximas rodas (Figura 11) têm cores diferentes e uma palavra escrita: a roda 4 é vermelha e a palavra fogo (*foch*) está em dourado; a roda 3 é verde e tem a palavra ar em dourado (*aer*) e a segunda roda é azul-claro, na qual enxergamos a palavra água (*aigua*). Essas cores já apareceram anteriormente nos quadrantes que são pano de fundo do homem zodiacal. Já sabemos que eles são uma referência aos quatro elementos.

---

<sup>68</sup> Partes do manuscrito sofreram desgaste ao longo do tempo, o que inviabiliza a confirmação do número de estrelas no círculo em questão. De acordo com Buchon e Tatsu, o círculo contém 19 estrelas (1839, p. 28).

Figura 11 - Os 4 elementos e o centro da cosmologia<sup>69</sup>



Fonte: CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Espanhol 30**. Biblioteca Nacional da França, f. 2, detalhe, c.1375. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n/f4.double>. Acesso em 03/03/2020. A imagem original foi modificada com a intenção de destacar os círculos descritos no texto

Nos falta, desta forma, um elemento, a terra. A terra também é um elemento faltante nas esferas planetárias. No círculo final, o centro de tantos arcos, manifesta a imagem de um homem de barba e cabelos compridos. Ele está com vestes azul-claro com barras das mangas e chapéu vermelho, sentado em um trono verde com detalhes dourados. O homem segura um

<sup>69</sup> Esta imagem sofreu mudanças de edição, tais como cor e brilho, a fim de facilitarmos a visualização do objeto que o homem no centro do primeiro círculo segura em sua mão direita.

objeto triangular, que nos lembra um quadrante ou um astrolábio (instrumentos náuticos e astronômicos). Novamente, as cores citadas anteriormente reaparecem. Novamente, vemos um homem com semelhanças àquele encontrado no homem- $\kappa$  zodiacal. A Terra está como centro da cosmovisão de Cresques Abraham, estando de acordo com os trabalhos ptolomaicos e de outros pensadores antigos e medievais. Entretanto, a Terra (tanto como elemento como planeta) não está sozinha no plano central. O homem faz parte deste centro.

Após tudo o que apontamos até então, podemos inferir que a mesma personagem que performa a letra  $\kappa$  na folha 1 pode ser a que aparece no centro da folha 2 e como analisado, o corpo humano aparece como um microcosmo que corresponde ao macrocosmo. Essas relações de correspondência foram desenvolvidas ao longo da monografia, mas sinteticamente identificamos: 1) cada parte do corpo é identificada e influenciada por um signo; 2) cada signo possui características particulares; 3) como as características de cada signo são particulares, cada signo influencia de modo diferente cada parte do corpo; 3) a Lua emana a potência dos signos e das estrelas e os direciona ao corpo; 4) os planetas também possuem características particulares e sua potência é emanada pela Lua; 5) os quatro elementos são parte da natureza dos astros, bem como da natureza que constitui a Terra e o ser humano.

As duas imagens nas quais encontramos o homem se complementam. Em ambas observamos relações micro e macrocosmos. Na primeira, a humanidade do homem zodiacal está fortemente ligada com a mística judaica e com o cosmos, além de salientar a prática médica com intermédio dos astros. Na segunda imagem, o homem está no centro do cosmos, no centro de todas as coisas e segura um quadrante/astrolábio, objetos importantes para a ciência e estudo dos astros. Desta forma, entendemos que a associação destes elementos (mística, astrologia, astronomia, filosofia, matemática, medicina) formam a racionalidade, a cosmovisão de Cresques Abraham, sendo este entendimento crucial para a interpretação do Atlas Catalão como um todo.

Cresques Abraham, um homem judeu maiorquino, nunca viajou para longe de sua cidade, com exceção de uma viagem a Barcelona (SANS, 1978, p. 12). Não obstante, o autor não precisou se movimentar fisicamente para acessar uma variada gama de textos e autores, uma vez que circulavam em seu bairro trabalhos de autores de diversos lugares, origens étnicas e crenças religiosas, fenômeno que conhecemos por *translatio studiorum*. Com a pesquisa, entendemos o Atlas Catalão como um ponto de intersecção entre todos esses

elementos. Assim, a cosmovisão de Cresques Abraham não pode ser considerada uma visão somente judia ou cristã, pois há traços de outros elementos religiosos e étnicos; não pode ser considerada só europeia, apesar da obra ter sido produzida em solo europeu. O Atlas Catalão é, portanto, uma cosmovisão plural e agregadora, fruto de entrelaçamentos culturais.

Somado a isso, precisamos levar em consideração o contexto socioeconômico e político cujo autor estava inserido. A pedido do rei de Aragão Cresques Abraham produziu o manuscrito. Ele, bem como outros artistas e intelectuais judeus era patrocinado pela coroa, recebendo dinheiro e privilégios em troca dos serviços prestados. Em articulação com o contexto de Cresques Abraham, analisamos que o manuscrito pode ser utilizado como um instrumento político. Nas últimas folhas da fonte, o mapa denota questões políticas. Como refletimos no primeiro capítulo, o Atlas Catalão foi enviado como presente ao rei da França, Carlos VI. Encontramos elementos heráldicos da Coroa de Aragão presentes no mar Mediterrâneo em um momento em que as forças aragonesas e francesas disputavam ilhas mediterrânicas. A entrega de um presente como esse seria uma forma de relação diplomática com o vizinho francês, ao mesmo tempo que aponta para uma de medição de forças e de poder, uma vez que as ilhas no Atlas Catalão estão sob a bandeira de Aragão. No segundo capítulo vimos os calendários nas folhas 1 e 2. Como Le Goff aponta, os calendários são artefatos dotados de valor social, cultural, religioso, perpassando também a política (1990, p. 485-494). Apesar de nossa preocupação ter se dado em analisar a cosmologia de Cresques Abraham, o calendário como um instrumento de uso político na fonte também pode ser considerado.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma pequena tentativa de introduzir um debate, em língua portuguesa, sobre a cosmologia que envolve o Atlas Catalão. Com o uso da iconologia, buscamos descrever, interpretar e analisar brevemente a folha 2 e alguns diagramas da folha 1. Desta forma, pequenas pistas identificadas ao longo da trajetória foram essenciais para compreendermos a cosmologia construída por Cresques Abraham. Somado a isso, a ferramenta da hermenêutica imaginativa contribuiu para a interpretação de elementos textuais.

No primeiro capítulo, preocupamo-nos em apresentar um panorama geral do contexto na qual a fonte foi produzida. A sociedade maiorquina dos séculos XIII e XIV passava por turbulências econômicas, políticas e sociais. Em meio a esse cenário, encontramos fronteiras de tolerância, em que judeus, como Cresques Abraham, recebiam privilégios reais e mantinham intercâmbios culturais com outros povos pelo acesso a textos, por exemplo. Entretanto, coletivamente, judeus e muçulmanos sofriam represálias dos reinos cristãos de Aragão e Maiorca, apesar de em certos momentos haver maior tolerância, como visto no caso judeu através do *Codice Pueyo*.

O desenvolvimento do segundo capítulo pode ser entendido como uma extensão do artigo '*Ymage del Mon*': *o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham, 1375* (SILVEIRA; SCHMITT, 2020). Enquanto que no artigo a preocupação era analisar a cosmologia do homem zodiacal na folha 1, a monografia expandiu a análise cosmológica para a segunda folha, partindo do astro lunar.

Encontramos o astro lunar na construção do calendário. O calendário e a importância das festas móveis religiosas nos textos e diagrama (quadro 3, figura 4) da folha 1 são enfatizados da folha 2. Nos círculos mais externos da segunda folha os elementos encontrados da folha 1 são repetidos, apesar de estarem sistematizados de outra forma. O calendário é algo mundano, e nesse caso é utilizado para o exercício de festas religiosas que, apesar de terem caráter espiritual, ainda são manifestadas materialmente no mundo físico, terreno.

Após a repetição do calendário, novas informações são detectadas. O autor identifica as características dos planetas e dos signos, além de destacar as 28 mansões lunares. Prosseguimos com as imagens dos signos e planetas, bem como as esferas planetárias. Por fim, estão postos os quatro elementos, com o elemento terra e o planeta como epicentro dos

37 círculos. Esta parte possui um cunho mais cosmológico e astrológico, que transcende a materialidade de um calendário destinado para identificar a data de festas móveis.

Outra contribuição foi analisar que o elo entre ambas as partes é a Lua. Esse astro é muito importante para a construção do calendário pascal e para o ciclo metônico, bem como se mostra relevante para a construção cosmológica da fonte. Em adição, constatamos que a presença do ser humano, ou melhor, do homem judeu, é muito significativa para o trabalho do autor, uma vez que na folha 1 o homem zodiacal de Cresques Abraham possui uma performance fortemente conectada com a mística judaica, como apontado por Silveira e Schmitt (2020), enquanto que na folha 2, um homem com algumas características semelhantes (uso de cores e barba e cabelo compridos) é o epicentro de todos os círculos, do calendário e dos astros celestes. Esta pesquisa, portanto, reforça os laços entre o ser humano e o cosmos, entre o micro e o macrocosmos.

Por fim, salientamos a importância do fenômeno da *translatio studiorum* para a escrita deste trabalho. A bibliografia sobre o Atlas Catalão constantemente cita a influência de grandes nomes ocidentais para a elaboração do manuscrito, como Isidoro de Sevilha, Aristóteles e Ptolomeu. Suas importâncias na obra são evidentes. Todavia, nos preocupamos em apontar outras influências culturais e intelectuais advindas das redes de saberes que ligavam África, Ásia e Europa durante a antiguidade e o medievo. A presença de elementos indianos, árabe-islâmicos, judaicos e cristãos em uma mesma fonte não é mera coincidência. Ao analisarmos o manuscrito de 1375 por meio deste fenômeno, colaboramos para a perspectiva de uma idade média que não se resume ao ocidente europeu, apesar de ser uma fonte europeia, nem se limita aos saberes cristãos, pois é fruto de uma amálgama cultural, sociopolítica e econômica.

## FONTES

Alfonso X. **Astromagia (Ms.Reg.lat.1283<sup>a</sup>)**. Napoli: Liguori Ed., 1992.

BUCHON, Jean Alexandre C.; TATSU, Joseph. **Notice d'un atlas en langue catalane, manuscrit de l'an 1375, conservé parmi les manuscrits de la Bibliothèque royale sous le numéro 6816, fonds ancien, in-folio maximo**. Paris: Imprimerie royale. (Extrait des Notices et extraits des manuscrits, Tome XIV, 2e partie), 1839.

CRESQUES ABRAHAM. **Manuscrito Español 30**. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n?rk=21459;2>. Acesso em: 10 set. 2020.

FITA, Fidel; LLABRES, Gabriel. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Primer periodo. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 15-35, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc377q6>. Acesso em: 12 fev. 2021. (a)

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Segundo periodo, sección primera. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 122-148, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc377q6>. Acesso em: 12 fev. 2021. (b)

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Segundo periodo, sección segunda. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p.185-209, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1c2c1>. Acesso em: 12 fev. 2021. (c)

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Tercer periodo, sección primera. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 273-306, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccj8t3>. Acesso em: 12 fev. 2021. (d)

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Tercer periodo, sección segunda. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 369-402, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc6w9r6>. Acesso em: 12 fev. 2021. (e)

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Privilegios de los hebreos mallorquines en el Códice Pueyo: Tercer periodo, sección tercera. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 458-494, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc25204>. Acesso em: 12 fev. 2021. (f)

PLOTINO. **Enéadas V-VI**. Trad.: Jesús Igal. Madri: Editorial Gredos, 1998, pp. 1-180; 321-558 (tomo III).

## BIBLIOGRAFIA

ABULAFIA, David. **A Mediterranean emporium: the Catalan kingdom of Majorca**. Cambridge University Press, 2002.

\_\_\_\_\_; BATES, David. **The Western Mediterranean Kingdoms: The Struggle for Dominion, 1200-1500**. London: Routledge, 2014.

AMATUZZI, Renato Toledo Silva. A coroa de Aragão e as relações com o Mediterrâneo: casamento, comércio e diplomacia no reinado de Jaime II (1291-1327). **Revista Labirinto (UNIR)**, v. 30, p. 56-69, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/4396>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. As Políticas matrimoniais e os jogos de poder na coroa de Aragão durante o reinado de Jaime II, o justo (reinado 1291-1327). In.: CUNHA, André Gustavo Lescovitz *et al.* (orgs.). **O fazer historiográfico na contemporaneidade**. 1.ed. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, UFPR, 2019.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ARÁNDEZ, Álvaro Santamaria. Sobre el antisemitismo en Mallorca anterior al pogrom'de 1391. **Mayurqa**, v. 17, p. 47-50, 1977.

AVILÉS, Alejandro García. Dois manuscritos astromagicos de Alfonso X. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes** , v. 59, pág. 14-23, 1996.

BALBINOT, Caio Luciano; BASEGGIO, Caroline Acco; CICHELERO, Paulo Irineu. “As maravilhas do Oriente” em Marco Polo e em Ibn Battuta. In: MACEDO, José Rivair. **Os Viajantes Medievais da Roda da Seda (séculos V-XV)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 171-192.

BENNÀSSER, Pau Cateura. **Jaime II de Mallorca (1276-1285 y 1298-1311)**, s.d. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/monarquia/jaime\\_jim.shtml](http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/monarquia/jaime_jim.shtml). Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. La contribución confesional: musulmanes y judíos en el reino de Mallorca. **Acta historica et archaeologica mediaevalia**, p. 119-138, 1999. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ActaHistorica/article/view/188781>. Acesso em: 10 ago. 2021

BRENTJES, Sonja. Medieval portolan charts as documents of shared cultural spaces. **Acteurs des transferts culturels en Méditerranée médiévale**, p. 135-146, 2012. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1524/9783486989342.135/html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CAPPELLI, Adriano. **Dizionario di abbreviature latine ed italiane usate nelle carte e codici specialmente del medio-evo**. Hoepli, 1899.

CAMPBELL, Tony. Portolan charts from the late thirteenth century to 1500. In: HARLEY, John Brian et al. (Ed.). **The History of Cartography: Cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean**. Chicago: University of Chicago Press, v. 1, p. 371-463, 1987. Disponível em: [https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC\\_V1/HOC\\_VOLUME1\\_chapter19.pdf](https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V1/HOC_VOLUME1_chapter19.pdf). Acesso: 10 ago. 2021

CHACÓN, Jorge Maíz. **Actividades económicas y políticas de los judíos de Baleares en la Baja Edad Media (1229-1391): volumen I**. 2009. 569 p. Tese (Doutorado em História). Departamento de Historia Medieval y Ciencias y Técnicas Historiográficas. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2009. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/tesisuned:GeoHis-Jmaiz/Documento1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Actividades económicas y políticas de los judíos de Baleares en la Baja Edad Media (1229-1391): Volumen II: Fuentes documentales (registros)**. 2009. 616 p. Tese (doutorado em História). Departamento de Historia Medieval y Ciencias y Técnicas Historiográficas. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2009. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/tesisuned:GeoHis-Jmaiz/Documento2.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Política, economía y fiscalización de un espacio urbano: el establecimiento de la aljama de los judíos en la Mallorca cristiana. **Espacio Tiempo y Forma. Serie III, Historia Medieval**, n. 17, 2004. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/3701>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CHASSANT, Alphonse. **Dictionnaire des abréviations latines et françaises usitées dans les inscriptions lapidaires et métalliques, les manuscrits et les chartes du moyen âge**. J. Martin, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/dictionnairedesa00chas>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ESCUDE, Carlos. Neoplatonismo y pluralismo filosófico medieval: un enfoque politológico. **Serie Documentos de Trabajo**, nº 475. Universidad del Centro de Estudios Macroeconómicos de Argentina (UCEMA): Buenos Aires, 2011. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/84423/1/684924749.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FLORIDO, Francisco L. Translatio Studiorum: traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media. **Revista general de información y documentación**, v. 15, n. 2, p. 51-77, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38822238.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GASSMAN, David Louis. **Translatio Studii: A Study of Intellectual History in the thirteenth-century** (tese de doutorado). Cornell University, 879p., 1974. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/302665785?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true>. Acesso em: 10 ago. 2021

GOLDSTEIN, Bernard R. Ancient and medieval values for the mean synodic month. **Journal**

for the **History of Astronomy**, v. 34, n. 1, p. 65-74, 2003.

GONÇALVES, Ana Teresa M.; NETO, Ivan Vieira. Religião e magia na Antiguidade Tardia: do helenismo ao neoplatonismo de Jámblico de Cálcis. **Dimensões**, v. 25, 2010, p. 4-17. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/13388>. Acesso em: 10 ago. 2021.

HARLEY, John Brian. Mapas, saber e poder. **Confins** [Online], n. 5, p. 1-24, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/5724?lang=pt#citedby>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_; David Woodward. Concluding Remarks. In: HARLEY, John Brian et al. (Ed.). **Cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean**. Chicago: University of Chicago Press, 1987, pp. 502-509. Disponível em: [https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC\\_V1/HOC\\_VOLUME1\\_chapter21.pdf](https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V1/HOC_VOLUME1_chapter21.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

HOLLAND, Kathleen. 'Looking Beyond: Globalization in the Catalan Atlas of the Fourteenth Century'. **Fifth Annual Graduate Student Symposium: Language and Communication in the Middle Ages: the Visual, the Lyrical, the Liturgical, the Legal, the Dramatic, the Kinetic, the Spatial, Translation, Lingua Franca, and Literacy** (University of North Texas, Denton, 4-5 February 2010). 48 pp.

KOGMAN-APPEL, Katrin. Elisha ben Abraham, Known as Cresques: Scribe, Illuminator, and Mapmaker in Fourteenth-Century Mallorca. **Ars Judaica**. Tel Aviv, v. 10, p. 27-36, 2014. Disponível em: [Katrin\\_Kogman\\_Appel\\_Elisha\\_ben\\_Abraham](#) Acesso em: 10 ago. 2021.

LANGERMANN, Y. Tzvi. Some astrological themes in the thought of Abraham ibn Ezra. In: HARRYS, Jay M.; **Rabbi Abraham ibn Ezra: Studies in the writings of a twelfth-century Jewish Polymath**, p. 28-85, 1993.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Campinas: editora Unicamp, 1990, pp. 485-534.

LEWIS, James R. **The astrology book: the encyclopedia of heavenly influences**. Visible Ink Press, 2003.

LLABRES, Gabriel. Los judíos mallorquines. Colección diplomática desde el año 1247 al 1387. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 36, p. 13-15, 1900. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc708f8>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LIBERA, Alain de. **A filosofia medieval**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990.

LUPI, João; GOLLNICK, Silvania. A Teoria Emanacionista de Plotino. **Scintila**, v. 5, n. 1, p. 13-30, 2008. Disponível em: <https://img.fae.edu/galeria/getImage/45/4773631994553750.pdf#page=13>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LYONS, Jonathan. **A casa da sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes**

transformou a civilização ocidental. Trad. Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MENDES, Jefferson de Albuquerque. **Imago Signorum: a doutrina do homem microcosmo nas ilustrações médico-astrológicas entre os séculos XIV e XV**. 2018. 237 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018 (a). Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65551865/Jefferson\\_de\\_Albuquerque\\_Mendes\\_Dissertacao.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65551865/Jefferson_de_Albuquerque_Mendes_Dissertacao.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. O conceito de macrocosmo e microcosmo nas ilustrações medievais. **Figura: Studies on the Classical tradition**. Campinas, v.6, n.2, pp. 67-105, 2018 (b). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/view/9952>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Imagens, Fontes e Manuscritos: o conhecimento médico-astrológico nos calendários astronômicos de Nicholas de Lynn e John Somer. **LaborHistórico**, v. 6, n. 2, p. 200-225. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar\\_url?url](https://scholar.google.com/scholar_url?url). Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. O conceito de melothesia e dodecatemoria na medicina astrológica: trânsitos e migrações entre oriente e ocidente. **Revista Hélade**, v. 5, n. 3, p. 227-247, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/38750>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NETO, Ivan Vieira. Filosofia, religião e misticismo na Antiguidade Tardia: Plotino, Porfírio e Jâmblico e as diferentes nuances do neoplatonismo. **Revista Archai - As origens do pensamento ocidental**. Annablume Clássica, n. 5, jul. 2010, p. 129-135. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24484/1/archai5\\_artigo13.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24484/1/archai5_artigo13.pdf?ln=pt-pt). Acesso em 12 ago. 2021.

NOGUEIRA, Magali Gomes. **O manuscrito Espanhol 30 e a Família do judeu Cresques Abraham: um estudo sobre as fontes da Cartografia Maiorquina (séculos XIII-XIV)**. 2013. 304p. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-15012014-110307/en.php>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NOGUEIRA, Magali Gomes; BIASI, Mario de. Fontes e técnicas da cartografia medieval portulano. **Terra Brasilis (Nova Série)**, Niterói, n. 4, p. 1-19, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1240#abstract>. Acesso em 10 ago. 2021.

NOTHAFT, C. Philipp E. **Scandalous Error: Calendar Reform and Calendrical Astronomy in Medieval Europe**. Oxford University Press, 2018.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: \_\_\_\_\_. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, p. 47-65, 1986.

PICKERING, F. P. The calendar pages of medieval service books. **Reading Medieval Studies**, v. 6, 1980. Disponível em:

[http://centaur.reading.ac.uk/84673/1/RMS-1980-Monograph\\_F.\\_P.\\_Pickering%2C\\_The\\_calendar\\_pages\\_of\\_medieval\\_service\\_books.pdf](http://centaur.reading.ac.uk/84673/1/RMS-1980-Monograph_F._P._Pickering%2C_The_calendar_pages_of_medieval_service_books.pdf). Acesso em: 12 ago. 2021.

RICHARDS, Edward Graham. **Mapping time. The calendar and its history**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

RUIZ, Teofilo F.; BISSON, Thomas N. The Medieval Crown of Aragon: A Short History. **Annales**, v. 42, n. 6, p. 1349-1350, 1987. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/annales-histoire-sciences-sociales/article/abs/thomas-n-bisson-the-medieval-crown-of-aragon-a-short-history-oxford-oxford-university-press-1986>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SANS, James Riera i. Cresques Abraham, Judío de Mallorca, Maestro de Mapamundis y de Brujulas. In.: GROSJEAN, Georges. **Mapamundi, the Catalan Atlas of the Year 1375**. New York: Abaris Books, 1978.

SAMSÓ, Julio. *Dixit Abraham Iudeus*: Algunas observaciones sobre los textos astronómicos latinos de Abraham Ibn Ezra. **Iberia Judaica**, v. 4, p. 171-200, 2012. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32558559/Ibn\\_Ezra-with-cover-page-v2.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32558559/Ibn_Ezra-with-cover-page-v2.pdf). Acesso em: 12 ago. 2021.

SAMSÓ, Julio. Un calendario lunar perpetuo en el *Libro de las horas*, conservado en la Biblioteca de la Universidad de La Laguna. **Revista de Historia Canaria**, n. 170, p. 125-132, 1973.

SAMSÓ, Julio; KING, David A.; GOLDSTEIN, Bernard R. Astronomical handbooks and tables from the Islamic World (750-1900): An interim report. Suhayl. **Journal for the History of the Exact and Natural Sciences in Islam**, 2001, vol. 2, p. 9-105, 2001. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/69637>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SCHAAF, Judy. The Christian-Jewish Debate and the Catalan Atlas. In: BISHOP, Nancy *et al.* **Jews in Medieval Christendom**. Leiden: Brill, 2013. p. 245-274.

SCHNEIDMAN, J. Lee. Ending the War of the Sicilian Vespers. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 4, p. 335-347, 1969. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002234336900600404>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SCHUBACK, Márcia de Sá Cavalcante. Em busca de uma hermenêutica imaginativa. In: **Para ler os medievais**: ensaio de uma hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-40.

SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas Experiências, Perspectivas e Desafios Medievalística no Brasil frente às Demandas Atuais. **Revista Brasileira de História**, [s. l.], v. 36, n. 72, p. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LdkmyrPVNBspz559rMBdDKw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.



\_\_\_\_\_. Política e magia em Castela (século XIII): um fenômeno transcultural. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 604-626, Sept. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v20n42/2237-101X-topoi-20-42-604.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. *In*: NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João (orgs.). **História Ambiental e Migrações**. Oikos, São Leopoldo, 2012, p. 151-166.

\_\_\_\_\_. Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X. *In*: FERNANDES, Fátima Regina (coord.). **Identidades e fronteiras no Medievo Ibérico**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 127-149.

\_\_\_\_\_; SCHMITT, Bianca Klein. “Ymage del mon”: o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham, 1375. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 511-533, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/71341/45325>. Acesso em: 12 ago. 2021

TISCHLER, Matthias M. Crossing the Mediterranean World. New Contributions on Transcultural Historiography, History of Mathematics and Art History. **Journal of Transcultural Medieval Studies**, v. 1, n. 2, p. 173-174, 2014.

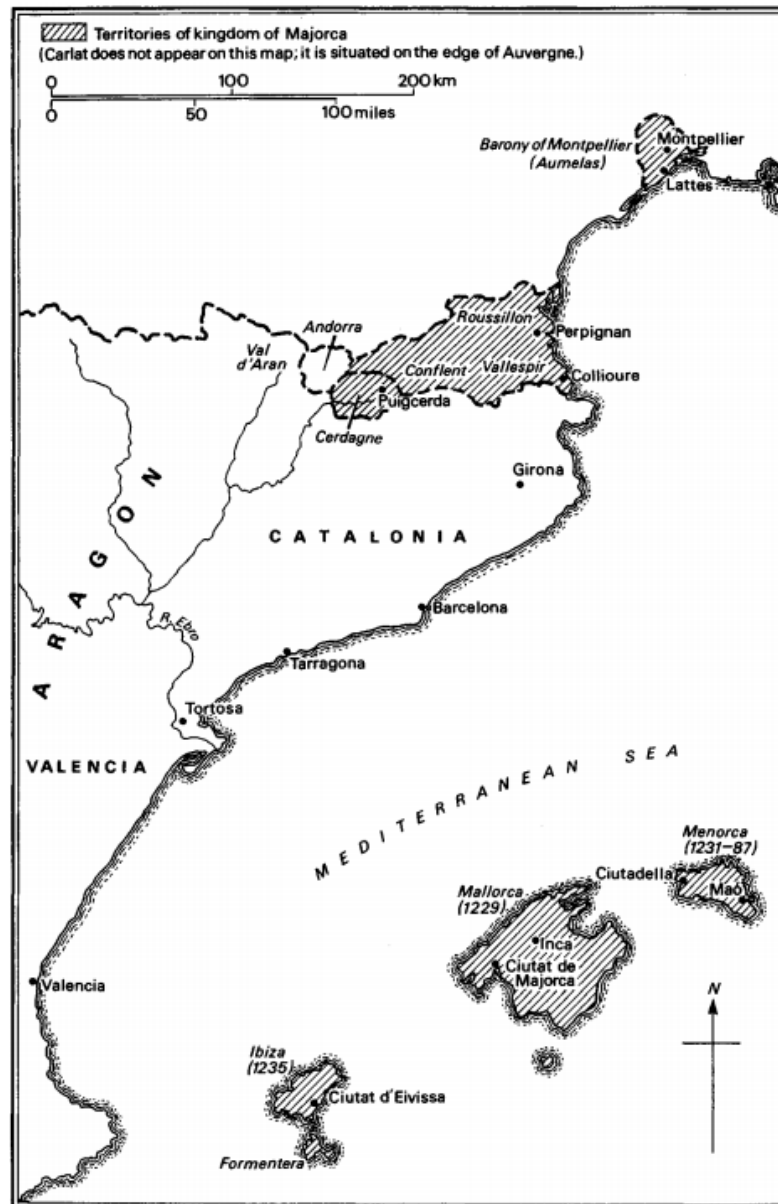
ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A processão em Plotino. **Veritas**, Porto Alegre, v. 40, n. 158, p. 157-164, 1995. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35952/18882>. Acesso em: 12 ago. 2021.

WOODWARD, David. Medieval *Mappaemundi*. *In*: HARLEY, John Brian *et al.* (Ed.). **The History of Cartography: Cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean**. Chicago: University of Chicago Press, v. 1, 1987, p. 286-370. Disponível em: [https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC\\_V1/HOC\\_VOLUME1\\_chapter18.pdf](https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V1/HOC_VOLUME1_chapter18.pdf). Acesso em: 12 ago. 2021.

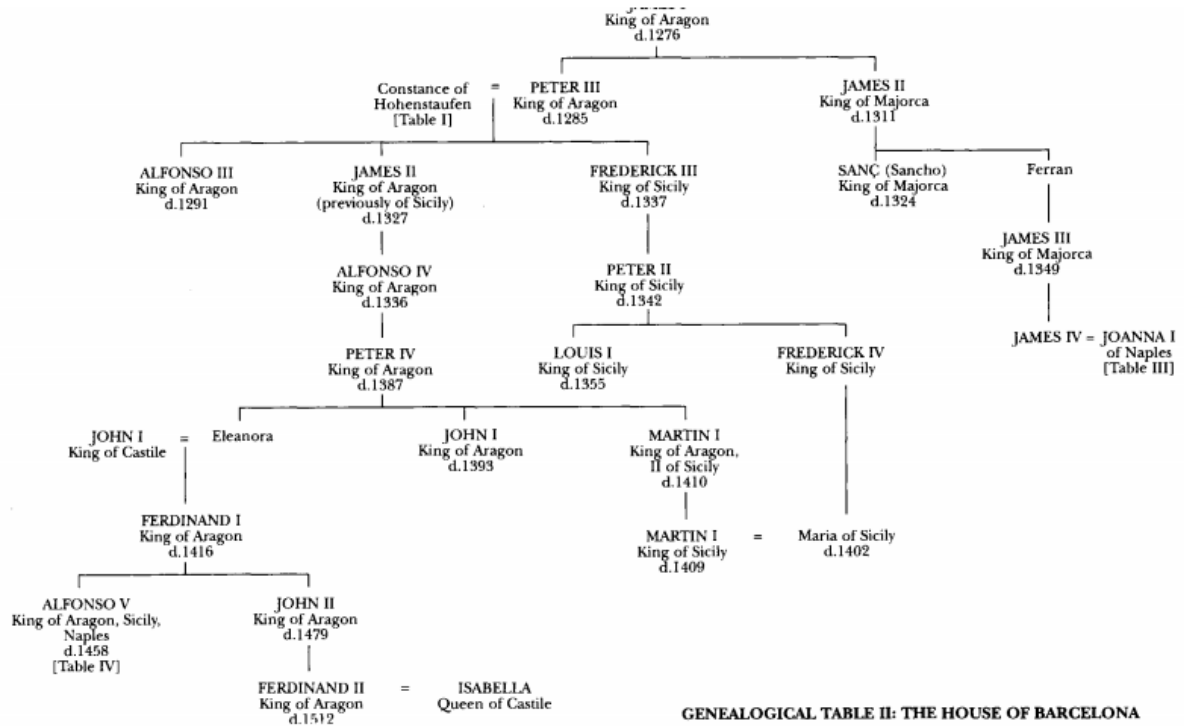
YAMPOLSKY, Philip. The origin of the twenty-eight lunar mansions. **Osiris**, The University of Chicago Press Journal, v. 9, p. 62-83, 1950. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/368524?journalCode=osiris>. Acesso em: 12 ago. 2021.

## ANEXOS

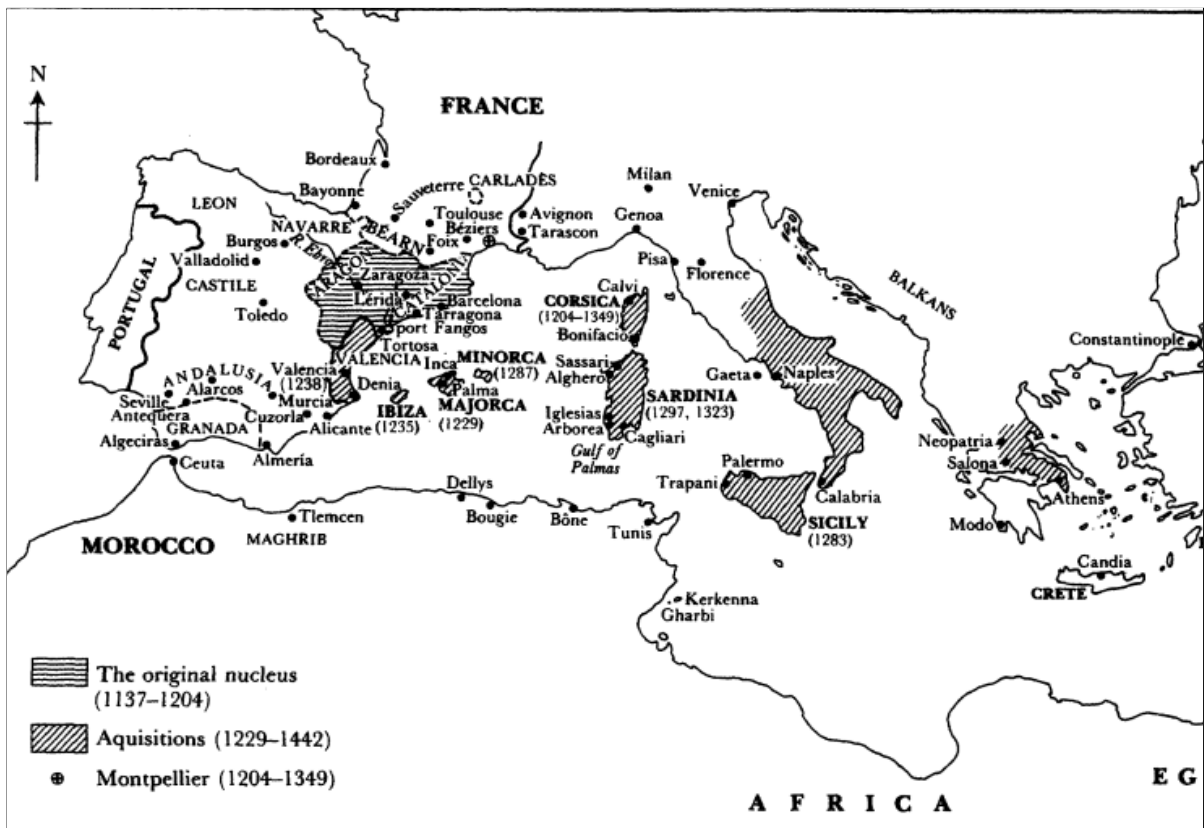
## ANEXO A - Mapa do Reino de Maiorca (ABULAFIA, 2002, p. xxiii)



ANEXO B – Árvore genealógica da casa de Barcelona (ABULAFIA, 2014, p. 287)



**ANEXO C - Mapa da expansão da Coroa de Aragão no Mediterrâneo ocidental (RUIZ, BISSON, 1986, p. 91)**



**ANEXO D - O Códice Pueyo e os judeus maiorquinos**

**22 de junho de 1311**

Sit omnibus notum quod Nos, Sancius, Dei gratia rex Majoricarum, etc., per nos et nostros laudamus, approbamus, ratificamus et corroboramus ac confirmamus universis judeis et toti aljame judeorum Majoricarum, presentibus et futuris, privilegia universa et singula et omnes immunitates ei concessionibus eis indultas datas et concessas per serenissimum dominum Jacobum, recolende memorie, regem Aragonum, avum nostrum, et per illustrissimum dominum Jacobum regem Majoricarum, felicis recordationis, patrem nostrum, et quoscunque antecessores nostros cum cartis, et privilegiis suis, prout melius et plenius ipsa privilegia, immunitates et concessionibus confirmate sunt et laudate ac concessas per dictum dominum regem Majoricarum patrem nostrum, et in cartis et privilegiis ipsius serius continetur.

Volentes, statuantes et concedentes dictis judeis presentibus et futuris quod dictis immunitatibus, concessionibus et privilegiis utantur pacifico et quiete, qualibet contrarietate rejecta. Mandantes locum nostrum tenentibus, vicariis, bajulis et aliis officialibus nostris, presentibus et futuris, quod hanc nostrum confirmationem firmam habeant et observent et faciant ab omnibus inviolabiliter observari. In quorum omnium testimonium et fidem, presentem cartam nostro sigillo pendenti jussimus communiri.

Acta sunt hoc in civitate Majoricarum, decimo Kalendas Julii, anno Domini M.CCC. undecimo.

Testes hujus rei sunt inclitus dominus Infans Ferrandus, germanus dicti domini regis Sancii; nobiles Petrus de Fonolletto, Guillermus de Guardia; Berengarius de sancto Johanne, Petrus de Pulcro Castro, milites.

Ego Laurentius Plasensa, scriptor prefati domini nostri Regis, ipsius mandato hanc cartam scribi feci, qui et clausi meo publico et solito sig+no (FITA; LLABRES, 1900b, p. 124).

### **7 de março de 1313**

Sancius, Dei gratia rex Majoricarum, etc.; dilecto Berengario de sancto Johanne militi, tenenti locum nostrum in regno Majoricarum, salutem et dilectionem.

Ex parte aljame judeorum et secretariorum ejusdem est oblata Nobis supplicatio continens quod aliqui officiales nostri Majoricarnm obviant aliquibus privilegiis et libertatibus, indultis ipsis judeis et sue aljame per nostros predecesores et per Nos confirmatis.

Quare mandamus vobis quatenus privilegia et libertates predictas quibus judei predicti consueti sunt uti et prout in carta nostre confirmationis contineri videbitis, observetis et faciatis inviolabiliter observari.

Data Perpiniani, nonis Martii anno Domini millesimo CCC duodecimo (FITA; LLABRES, 1900b, p. 125-126).

### **28 de março de 1318**

Sancius, Dei gratia rex Majoricarum, etc.

Notum facimus universis quod ad uostram presentiam venientes Abrafim Malaqui et Çaqueri ben Hannon, Vitalis Cresques, Jucef Barqui et Sadon ben Dahut, judei, secretarii aljalme Majoricarum, nomine suo, et nomine Hayo Cohen judei socii seu consecrarii sui dicte aljame, ac nomine totius dicte aljame et singulorum ex ea proposuerunt supplicando quod judei dicte aljame erant multum perterriti et erant in perplexitate remanendii aut recedendi inde, eo quia hesitabant an Nos vellemus mutare Callum judaicum civitatis Majoricarum, in quo ipsi judei habebant habitationes et hospicia sua, quod Callum est clausum muro et circumdatum, et clauditur portalibus ad tuitionem judeorum ipsorum; et si mutarentur, esset dampnum intolerabile judeorum predictorum sic quod non possent in Majoricis remanere. Quare supplicarunt Nobis humiliter ut ad consolationem ipsorum judeorum, qui condempnati fuerunt finaliter per Nos olim ad amissionem omnium bonorum suorum mobilium et immobilium, dignaremur confirmare Callum predictum et dare securitatem dicte aljame et judeis ejusdem quod nunquam mutetur Callus judaicus; sed in loco ubi nunc est, perpetuo perseveret.

Nos itaque Sancius, Dei gratia rex prefatus, violentes dictum aljamam et judeos ejusdem, qui ex dicta mostra condempnatione multum oppressi sunt, respicere oculo pietatis et eos consolari ac confortare in hac parte, pro utilitate et augmento judeorum ipsorum, nostra liberalitate et de speciali gratia, gratis et ex certa scientia confirmamos laudamos et ratificamos dictum Callum, volentes quod in eodem loco, ubi est, perpetuo perseveret. Promittentes vobis dictis secretariis, nomine dicte aljame et singulorum ex ea stipulantibus, quod nunquam mutabimus nec mandabimus aut faciemus mutari seu transferri dictum Callum alibi; immo volumus et statnimus per Nos et successores nostros quod dictus Callus et habitationes seu hospitia judeorum, que sunt in dicto Callo, sunt in dicto Callo, sint ibi perpetuo, et judei nunquam teneantur inde recedere vel exire causa transferendi habitationes suas. De quibus damos dicte aljame et judeis ejusdem tam presentibus quam futuris fidem et securitatem perpetuam, prout potest melius dici et intelligi ad tuitionem dictorum judeorum et bonum et sanum intellectum eorumdem.

Quod est actum Perpiniani, quinto kalendas Aprilis anno Domini millesimo trecentesimo octavodecimo.

Testes hujus rei sunt nobiles Huguo de Cardona, Gacperins Dei gratia vicecomes Castrinovi, Petrus de Pulcrocastro maiordomus et Huguo de Tacione portarius major,

milites, Arnaldus de Codaletto magister rationalis, Nicholaus de Saucto Justo vicethesaurarius, Arnaldus Traverii miles et Raimundus de Villariis legum doctores, iudices, et Laurentius Plasensa, scriptor prefati domini nostri Regis.

Ego Laurentius Plasensa, scriptor prefati domini nostri Regis, ipsius mandato hanc cartam scribi feci et clausi meo publico et consueto signo (FITA; LLABRES, 1900b, p. 131-132).

### **7 de julho de 1323**

Noverint universi quod cum Nos Sancius, Dei gratia rex Majoricaruni, etc ., hiis annis, tempore videlicet generalis condemnationis judeorum, confiscassemus Nobis scholam et dominum schole judeorum ipsorum quam habebant in civitate Majoricarum, et postea in schola ipsa fecissemus ex causa capellam ad decus et nomen sancte Fidei, secretarii aljame judeorum Majoricarum successivis temporibus Nobis humiliter supplicarunt ut, cum dicta capella esset eis et eorum Callo nimis propinqua, dignaremur illam remove exinde et alibi transmutare, allegando super hoc plures validas rationes.

Nos autem, attendentes quod dicta capella erat et est in loco valde absconso, propter quod gentes, ut deberent, non sic pro divinis confluunt ad eandem, et quod si mutaretur in alium locum decentem, augetur gentium devotio et etiam cultus divinus, habita super hoc deliberatione sepius cum nostro Consilio ac cum venerabili Guidone episcopo Majoricarum, de ipsius episcopi voluntate dictam capellam sancte Fidei alibi ducimus transmutandam, videlicet intus civitatem Majoricarum in horto qui fuit den Cassa juxta portam Templi, ubi noviter fit quedam optima populatio, cui et populatoribus ejusdem summe serviet mutatio dicte capelle et factio ejus, et etiam transeuntibus per portam Templi predictam, cum fiat dicta capella inter duas vias publicas propriis sumptibus nostris, pro quibus et dicta capella complenda habuimus a dictis secretariis duo millia librarum regalium Majoricensium minorum, et fecimus ulterius eos dare operi ecclesie beate Marie Sedis Majoricensis trescentas libras regalium Majoricensium sub pactis que sequuntur.

Concedimus enim et per Nos et successores nostros quoscunque licentiam, et potestatem damus secretaris dicte aljame quod, mutata dicta capella in locum ubi noviter construitur, possint in capite carrerie dicte capelle antique aperire unum portale magitudinis quam voluerint, quod exeat ad dictum Callum judaicum, et per ipsum portale

habeatur judeis liber ingressus et egressus de dicto Callo et ad ipsum per dictam carrariam et exinde ad partes alias extra Callum. Et promittimus bona fide nostra dictis secretariis quod propriis sumptibus nostris faciemus fieri et compleri, citius quam fieri poterit, dictara capellam novam, quodque, postquam dicta capella mutata fuerit ut prefertur, nunquam faciemus vel fieri permittemus ecclesiam vel capellam, aut hospitale seu aliud consimile in dicta domo ubi nunc est juxta Callum aut in aliqua parte ipsius domus. Retinemus attamen Nobis et nostris perpetuo domum ipsam ad nostras omnino voluntates: et si eam vel aliquas partes ipsius dederimus aut stabiliverimus vel in quascunque personas transportaverimus, volumus nunc ut tunc, et tunc ut nunc, quod in parietibus dicte domus, que respiciunt versus Callum, nulla fiat fenestra, vista vel aspectus aliquis per quas vel quem possit quidquam videri in dicto Callo a domo ipsa vel partibus ejus. Et ita bona fide nostra promittimus semper facere observari.

Mandamus itaque locum nostrum tenentibus vicariis, bajulis et aliis officialibus nostris presentibus et futuris quatenus omnia et singula, in hac carta contenta, dictis secretariis et aljame judeorum Majoricarum firma habeant et observent et faciant ab omnibus observari.

In quorum omnium testimonium et fidem presenti carte sigillum nostrum jussimus appendi.

Quod est actum in camera Consilii castri regii civitatis Majoricarum, nonas Julii, anuo Domina M.CCC.XXX tertio.

Signum+Nostri, Sancii, regis Majoricarum, etc., qui hec predicta omnia ex certa scientia laudamus alque firmamus.

Testes hujus rei sunt venerabilis Guido episcopus Majoricarum, nobilis Periconus de Fonolletto, Berengarius Mainardi canonicus Narbonensis, cancellarius, Galcerandus Sacosta archidiaconus in ecclesia Urgellensi, Dalmacius de Banyullis miles, Nicholaus de Sancto Justo thesaurarius, et Jacobus Scuderii notarios; omnes consilarii prefati domina Regis.

Ego Jacobus Scuderii, notarias jamdicti domini Regis et ejus auctoritate publicus, ipsius speciali mandato hec scribi feci et clausi meo publico solito sig+no (FITA; LLABRES, 1900b, 139-142).

**26 de outubro de 1325**



Noverint universi quod Nos Philippus de Majoricis ecclesie sancti Martini Turonensis thesaurarius, tutor et patruus domini Jacobi, Dei gratia regis Majoricarum illustris, ad humilem supplicationem aljame judeorum Majoricarum, nomine tutorio predicto laudamus approbamus, corroboramus et confirmamus dicte aljame et judeis Majoricarum presentibus et futuris omnes consuetudines et privilegia ac franquias, dicte aljame concessas et concessa per illustres dominum Jacobum patrem nostrum et Sancium germanum nostrum bone memorie, reges Majoricarum et predecessores nostros juxta seriem et tenorem cartarum seu litterarum confirmationum eorundem dominorum regum, prout in instrumentis seu litteris dictarum confirmationum plenius continetur.

Mandantes locumtenentibus, vicariis, bajulis et aliis officialibus dicti domini Regis el nostris, presentibus et futuris, quatenus hanc nostram confirmationem dicte aljame et judeis Majoricarum predictis firmam habeant et observent, et in nullo contraveniant, et eam faciant ab omnibus inviolabiliter observari.

In quorum omnium testimonium et fidem presenti carte nostrum jussimus appendi sigillum.

Datum in civitate Barchinone, die vigesima sexta Octobris anno Domini millesimo trecentesimo vigesimo quinto.

Sig+num nostri, Philippi de Majoricis, tutoris predicti, qui predicta omnia et singula laudamus atque confirmamus.

Testes hujus rei sunt venerabiles Petrus abbas monasterii sancti Genesii, Petrus de Viridario Archidiaconus Majoricaram, Guillelmus Murrulli canonicus Majoricarum, Albertus Sacortada domicellus, Ferrarius Rossilionis, Patrus de Matis, omnes consiliarii dicti domini Philippi, et Michael Amarelli scriptor publicus prefati domini nostri Regis illustris, qui de mandato dicti domini Tutoris hanc cartam scribi feci et clausi meo publico sig+no (FITA; LLABRES, 1900c, p. 185-186).

### **3 de janeiro de 1344**

Nos Petrus, rex Aragonum, etc.

Tenore presentis carte nostre, perpetuo valiture, laudamus, approbamus, ratificamos et confirmamos omnia et singula privilegia, libertates, franquitates et immunitates et gratias, vel concessionem quascunque vobis, aljame judeorum civitatis Majoricarum, et

collecte vestre ac singularibus ex vobis, per illustres reges Aragonum et Majoricarum predecessores nostros ac Nos factas et concessas, videlicet per illustres Jacobum et Alfonsum reges Aragonum et Majoricarum ac per illustres Jacobum et Sancium ejus filium reges Majoricarum memorie recolende, ac inclitum Philippum de Majoricis tutorem incliti Jacobi, olim regis Majoricarum; volentes et concedentes quod dictis privilegiis, libertatibus et immunitatibus, gratiis et concessionibus supradictis, sive illa habeatis in prima forma, sive transsumpta inde publica ostendatis, utamini et gaudeatis, vos et successores vestri, juxta eorum seriem et tenorem.

Mandantes per presentem cartam nostram firmiter et expresse procuratori nostro generali ejusque vicesgerentibus, necnon gubernatori regni Majoricarum, vicariis, bajulis ceterisque officialibus nostris presentibus et futuris, vel eorum locatenentibus quatenus privilegia, franquitates, libertates et gratias ac concessionem predictas, et confirmationem, ratificationem et approbationem nostras hujusmodi firmas habeant perpetuis temporibus et observent, et contra, non veniant aliquatenus seu attemptent.

In cujas rei testimonium presentem cartam nostram fieri jussimus, nostri sigilli pendenti munimine roboratam.

Data Cesarauguste, tertio nonas Januarii anno Domini millesimo trecentesimo quadagesimo tertio.

Visa cancellarius (FITA; LLABRES, 1900d, p. 275-276).

### **12 de maio de 1359**

Petrus, Dei gratia rex Aragonum, etc., nobili et dilectis nostris reformatori et gubernatori regni Majoricarum, ceterisque officialibus nostris civitatis et regni Majoricarum presentibus et futuris, vel locatenentibus eorundem, salutem et dilectionem.

Quamvis ex provisione per Nos facta cum carta nostra pergamenea nostro sigillo pendenti munita, que data fuit Barchinone quintadecima die Februarii anno a Nativitate Domini M.CCC.L. sexto, nullus judeus, qui supplicaverit aut supplicet ut ei de officio secretarie aljame judeorum dicte civitatis provideatur, nec ullus etiam judeus medicus aut curritor valeat ad dictum secretarie officium eligi; aliqui ex judeis dicte aljame, corsantes provisionem nostram infringere supradictam, clamore et [favore] aliorum judeorum ac

etiam aliquorum officialium nostrorum faciunt posse suum ut ad dictum officium admittantur, quod in dampnum dicte aljame asseritur redundare.

Et propterea, ad supplicationem dicte aljame cum presenti providerimus et velimus quod nullus judeus, qui inductionibus vel preciosis aut favore conetur esse secretarius dicte aljame, nec ullus etiam judeus infamis ad dictum possit secretarie assumi officium sub pena quingentorum morabatorum auri a quolibet ipsorum et a quolibet etiam officialium nostrorum, qui ei super hiis auxilium prebebit seu favorem, absque alicujus remissionis gratia exigenda et habenda; ideo vobis et vestrum cuilibet ex certa scientia dicimus et mandamus quatenus, provisionem huiusmodi et predictam dicte aljame inviolabiliter, observando, penam predictam a contrafacientibus exigatis protinus et levetis, nec eis gratiam aut remissionem aliquam faciatis, quibusvis litteris seu provisionibus a nostra Curia, impetratis vel impetrandis, obsistentibus nullo modo.

Data Barchinone, XII die Madii, anno a Nativitate Domini M.CCC. quinquagesimo nono.

Visa Ro (FITA; LLABRES, 1900d, 297-298).

### **11 de janeiro de 1374**

Petrus, Dei gratia rex Aragonum etc. nobili et dilecto consiliario nostro Olfo de Proxida militi gerenti vices gubernatoris in regno Majoricarum ceterisque et singulis officialibus nostri dicti regni presentibus et futuris vel eorum locatinentibus, ad quos presentes pervenerint, salutem et dilectionem.

In nostra constitutus presentia Salomon Sussen judeus, nuncius aljame judeorum dicti regni, humiliter supplicavit ut dicte aljame et ejus singularibus servari facere mandarem privilegium continentie subsequens: “Philippus de Majoricis, ecclesie sancti Martini Turonensis thesaurarius, tutor et patruus domini Jacobi, Dei gratia regis Majoricarum...”.

Cui supplicationi, veluti rationi consone, annuentes benigne, volumus vobisque mandamus expresse ac de certa scientia quatenus preinsertum privilegium dicte aljame et ejus singularibus teneatis et observetis, tenerique et observari inviolabiliter faciatis juxta ipsius seriem pleniorum, volentes ulterius quod judei dicte aljame et ejus collecte possint petere exigere et habere ipsorum debita sic et prout petunt christiani insule supradicte.

Data Barchinone undecima die Januarii anno a Nativitate Domina millesimo CCC. septuagesimo quarto.

Visa R.º

Con este documento se enlaza otro que le precedió de dos meses y del que hizo mérito M. Morel Fatio:

“Ann. 1373 (13 novembre). -Annulation par le gouverneur de Majorque, Olfo de Proxida, d'une décision du baile de Soller, suivant laquelle aucun boucher, ni autre personne ne pourra vendre de la viande cacher (carns caxerns) dans la boucherie publique, contrairement aux privilèges des rois Jaeme et Pierre d'Aragon, qui autorisaient les Juifs à abatre dex animaux et à vendre leurs viandes dans les boucheries des chrétiens.

### **7 de novembro de 1381**

Nos Petrus, Dei gratia rex Aragonum etc.

Per nuncios aljame judeorum civitatis Majoricarum fuit Nobis humiliter supplicatum quod, cum ipsa aljama [quamplurima et copio?] sa habeat privilegia per Nos et predecessores nostros Majoricarum reges eis concessa, que nonnulli, obstantibus quibusdam provisionibus obtentis pro parte moratorum civitatis et regni Majoricarum super franchisesis eorumdem, impugnatione [valida prosequi asseruntur?], sub quorum regula minime, sed potius dictorum privilegiorum aljama ipsa ejusque singulares debent regi, quod in ipsius aljame dampnum non modicum offertur proculdubio redundare, dignaremur sibi dicta privilegia de benignitate regia confirmare, aliasque super hiis de opportuno remedio providere:

[Idcirco], hac supplicatione suscepta benigne, privilegia quecunque per Nos sen nostros predecessores reges Majoricarum dicte aljame indulta, prout [eisdem dicta aljama ejusque síngu lares] melius usi fuerunt usque nunc, tenore presentis laudamus approbamus ratificamus et confirmamus, eaque per [omnia] observari [ab omnibus] absque [aliqua contradictione] volumus ac jubemus.]

Mandantes per hanc eandem ge[renti vices] gubernatoris in dicto regno, bajulo Majoricarum ceterisque officialibus nostris presentibus et futuris, vel eorum locatenentibus quatenus nostram hujusmodi confirmationem [ratam et firman)] habeant, teneant et observent, ac observari faciant, et non contraveniant [in aliquo] nec aliquem contravenire

permittant quavis causa [vel rationis ; ac dictis] privilegiis prout eisdem melius [capi aut intelligi possit, contradici ab aliquo mini] me permittant [provisionibus predictis aut aliis quibuscunque] non obstantibus ullo modo.

In quorum testimonium [presentem fieri jussimus nostro sigillo] pendenti munitam.

Data Cesarauguste, septima die Novembris anno a Nativitate Domini millesimo trecentesimo octuagesimo primo, regnique nostri quadragesimo sexto.

Narcissus pro mo (FITA; LLABRES, 1900f, p. 478-480).